

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
Faculdade de Humanidades e Direito - FAHUD  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

**Pastores Novos em Igreja Antiga**

Uma análise do fenômeno de transformação da relação entre paradigmas e arquétipos pastorais batistas dos pioneiros a atual liderança na perspectiva da Práxis Social e Religiosa

Por

*Edvaldo Fernandes Rosa*

São Bernardo do Campo  
2015

Edvaldo Fernandes Rosa

## **Pastores Novos em Igreja Antiga**

Uma análise do fenômeno de transformação da relação entre paradigmas e arquétipos pastorais batistas dos pioneiros a atual liderança na perspectiva da Práxis Social e Religiosa

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.

**Orientador:**

Prof. Dr. Nicanor Lopes

São Bernardo do Campo  
2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

R71p ROSA, Edvaldo Fernandes.

Pastores Novos em Igreja Antiga: Uma análise do fenômeno de transformação da relação de paradigmas e arquétipos pastorais batistas dos pioneiros a atual liderança na perspectiva da Práxis Social e Religiosa / Edvaldo Fernandes Rosa. São Bernardo do Campo, 2015.

177 fls

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Orientação: Nicanor Lopes

1. Igreja Batista – Brasil – História    2. Igreja – Dons e ministérios  
3. Teologia Pastoral    I. Título

**CDD 286.181**

A Dissertação de Mestrado intitulada: “Pastores Novos em Igreja Antiga: uma análise do fenômeno de transformação da relação entre paradigmas e arquétipos pastorais batistas dos pioneiros a atual liderança na perspectiva da Práxis Social e Religiosa, elaborada por EDVALDO FERNANDES ROSA, foi apresentada e aprovada em 19 de março de 2015, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Nicanor Lopes (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Jorge Pinheiros dos Santos (Titular/Faculdade Teológica Batista de São Paulo).

---

Orientador e Presidente da Banca Examinadora  
Professor Doutor Nicanor Lopes

---

Coordenador do Programa de Pós-Graduação  
Professor Doutor Helmut Renders

**Programa:** Pós-Graduação em Ciências da Religião.

**Área de Concentração:** Religião, Sociedade e Cultura.

**Linha de Pesquisa:** 1 - Religião e Dinâmicas Socioculturais.



*Paradoxos da história...*

*Estudar a atualidade  
talvez implique  
um olhar insistente  
sobre o passado,  
tanto quanto  
uma sondagem  
nas nuvens de um futuro  
cujo desenho  
já bem pode esboçar-se  
sob nossos olhos*

*Pierre Sancho*

## **Agradeço**

À Deus, supremo doador da vida e de todas as nossas realizações e conquistas;

À Rosangela Fernandes Rosa, minha cara metade, pois sozinho não chegaria até  
aqui;

À Amanda e Aline, minhas filhas e meu orgulho. Sem vocês a vida não teria graça;

À Thereza Nunes Rosa, minha mãe, pelo amor e apoio incondicionais;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo  
apoio imprescindível ao financiar parte dessa pesquisa;

Aos Professores Doutor Geoval Jacinto da Silva e Doutor Lauri Emilio Wirth, que  
iniciaram minha orientação;

Ao Professor Doutor Nicanor Lopes, pela orientação, incentivo e amizade;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista  
de São Paulo - ao seu Corpo Docente e Administrativo,

Às Secretárias Angélica Monforte e Regiane Vitalino da Silva pela disposição de  
servir com carinho.

*Dedico...*

*A meu pai José Fernandes Rosa*

*(in memoriam)*

ROSA, Edvaldo Fernandes. **Pastores Novos em Igreja Antiga: Uma análise do fenômeno de transformação da relação entre paradigmas e arquétipos pastorais batistas dos pioneiros a atual liderança na perspectiva da Práxis Social e Religiosa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2015. 177 fls.

## RESUMO

Esta é uma pesquisa que tem por objetivo identificar e analisar dentro do universo dos batistas brasileiros - grupo religioso estabelecido no Brasil há mais de cento e quarenta anos – a relação entre os paradigmas e os arquétipos que nortearam a ação dos pastores enquanto sujeitos e principais fomentadores da práxis pastoral dessa igreja que, dentro do protestantismo de missão, continua apresentando crescimento no cenário religioso desde sua implantação em “*terra brasilis*”. Estabelecer a trajetória histórica deste grupo, identificando os seus primórdios em meio ao Separatismo inglês do século XVII – a igreja antiga - e os paradigmas que abraçaram e que os acompanharam desde então como um núcleo duro em termos de crença e práxis, aspectos que também podem ser identificados na igreja batista brasileira e nos os arquétipos desenvolvidos de pastor batista brasileiro. Identificar e analisar, a partir da perspectiva do pastor, quais foram seus pressupostos teóricos e práticos, ou seja, sua Teologia Prática e sua Teologia Pastoral através de um resgate histórico de sua práxis, dividida em três períodos históricos de cinquenta anos, identificados em gerações de pastores, através de uma pesquisa bibliográfica em textos de missionários, pastores e teólogos norte-americanos - os pioneiros - e pastores e teólogos brasileiros, batistas ou não, que de seu lugar hermenêutico e de alguma forma trataram do ministério pastoral batista, desde os seus primórdios até a contemporaneidade, e pudessem fornecer informações que permitissem tipificar o pastor batista brasileiro que, portanto, esteja acima do seu contexto histórico. Observar na contemporaneidade se estes paradigmas e arquétipos são mantidos, reafirmados, transformados e ou ressignificados na práxis dos pastores e suas igrejas – o pastor novo. Também observar, a partir da opção definida, quais são os impactos possíveis sobre sua ação na contemporaneidade. Através desta pesquisa, identificar a existência de transformação da relação entre paradigmas e arquétipos e se essa transformação se manifesta como revoluções ou disrupturas.

**Palavras Chaves:** Ministério Pastoral. Batistas. Teologia Prática. Religião.

ROSA, Edvaldo Fernandes. **New pastors in Ancient Church: an analysis of the transformation phenomenon of the relationship between paradigms and Baptist pastoral archetypes of the pioneers the current leadership ahead of Praxis Social and Religious.** Master's Thesis. Graduate Program in Religious Sciences, Humanities and Law Faculty of the Methodist University of São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2015. 177 pgs.

## **ABSTRACT**

This is a research that aims to identify and analyze within the universe of Brazilian Baptists - religious group established in Brazil for more than one hundred and forty years - the relationship between paradigms and archetypes that guided the action of pastors as subjects and main developers pastoral methods that church that within the mission of Protestantism, continues to show growth in the religious landscape since its implementation in "land brasilis". Establish the historical trajectory of this group, identifying its beginnings amid Separatism English seventeenth century - the old church - and the paradigms that embraced and followed since then as a hard core in terms of belief and practice, all of which can also be identified in the Brazilian Baptist church and the archetypes developed the Brazilian Baptist pastor. Identify and analyze, from the perspective of the pastor, what were your theoretical and practical assumptions, that is, its practical theology and its pastoral theology through a historical review of professional practice, divided into three historical periods fifty years, identified in generations pastors, through a literature search in texts of missionaries, pastors and American theologians - the pioneers - and pastors and theologians Brazilian Baptists or not, that's your place hermeneutic and somehow dealt with the pastoral ministry Baptist, from the its beginnings to the contemporary, and could provide information enabling typify the Brazilian Baptist minister who therefore is above its historical context. Observe nowadays if these paradigms and archetypes are kept, reaffirmed, transformed and reinterpreted or in praxis of pastors and their churches - the new pastor. Also watch from the defined option, what are the possible impacts on their action nowadays. Through this research, identify the existence of transformation of the relationship between paradigms and archetypes and this transformation manifests as revolutions or disruptions.

**Keywords:** Pastoral Ministry. Baptists. Practical theology. Religion.

***“Eu... caçador de mim”***

*Sérgio Magrão & Luiz Carlos Sá*  
*Versão: Milton Nascimento*

## QUADROS

QUADRO	TÍTULO	PÁGINA
1	Convenções Batistas no Brasil	24
2	Paradigmas Batistas	39
3	Três Gerações de Pastores	40
4	Eixos, Paradigmas e Tendências	43
5	Mestres e Doutores Batistas pela UMESP	48
6	Comparativo entre Bacharelado e Pós-Graduação	51
7	Sociogênese	56
8	Influências Teológicas entre os Batistas	81
9	Números da Convenção Batista Brasileira	84
10	Números da Convenção Batista do Estado de São Paulo	85
11	Elementos para o preparo adequado do Pastor	110
12	Crises no Ministério Pastoral	117
13	Biografias	141
14	Cultos em Igrejas Batistas Brasileiras I	146
15	Cultos em Igrejas Batistas Brasileiras II	149
16	Arquétipos do Pastor Batista	153
17	Retratos Batistas	166

## SIGLAS

<b>ABM</b>	Aliança Batista Mundial
<b>AD</b>	Assembleia de Deus
<b>BNC</b>	Bola de Neve Church
<b>CBB</b>	Convenção Batista Brasileira
<b>CBBN</b>	Comunhão Batista Bíblica Nacional
<b>CBC</b>	Convenção Batista Conservadora
<b>CBESP</b>	Convenção Batista do Estado de São Paulo
<b>CBN</b>	Convenção Batista Nacional
<b>CdR</b>	Ciências da Religião
<b>CEB</b>	Confederação Evangélica do Brasil
<b>CES</b>	Câmara de Educação Superior
<b>CIEBIB</b>	Convenção das Igrejas Evangélicas Batista Independentes do Brasil
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>DCN</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais
<b>DD</b>	Declaração Doutrinária
<b>Dr</b>	Doutor
<b>EST</b>	Faculdades EST - Escola Superior de Teologia da Igreja Luterana de Confissão Evangélica no Brasil
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>FTBSP</b>	Faculdade Teológica Batista de São Paulo
<b>IB</b>	Igreja Batista

<b>IBAB</b>	Igreja Batista de Água Branca – São Paulo/SP
<b>IBB</b>	Igreja Batista Brasileira
<b>IURD</b>	Igreja Universal do Reino de Deus
<b>JJJ</b>	João – Jesus – Jerusalém
<b>JUERP</b>	Junta de Educação Religiosa e Publicações
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>MM</b>	Manifesto dos Ministros Batistas de 1963
<b>OMBB</b>	Ordem dos Ministros Batistas do Brasil
<b>OPBB</b>	Ordem dos Pastores Batistas do Brasil
<b>OPBB-SP</b>	Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Seção do Estado de São Paulo
<b>PD</b>	Princípios Distintivos
<b>PIB</b>	Primeira Igreja Batista
<b>PPG</b>	Programa de Pós-Graduação
<b>Pr</b>	Pastor
<b>PUC</b>	Pontifícia Universidade Católica
<b>SBC</b>	Southern Baptist Convention (Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos)
<b>SESu</b>	Secretaria de Educação Superior
<b>SRSI</b>	Setor de Responsabilidade Social da Igreja
<b>STBNB</b>	Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil – Recife/PE
<b>STBSB</b>	Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil – Rio de Janeiro/RJ
<b>UMESP</b>	Universidade Metodista de São Paulo
<b>WBA</b>	World Baptist Alliance, também ABM (Aliança Batista Mundial)

# SUMÁRIO

Introdução	15
------------	----

## **Capítulo 1 – Estudar o “Nós”**

1.1 Sujeito da Pesquisa	24
1.2 Geração	25
1.3 Autopoiese em Maturana e Varela	25
1.4 Paradigma em Thomas Samuel Kuhn	28
1.5 Três Gerações de Pastores	32
1.5.1 Primeira Geração de Pastores: Os Pioneiros	32
1.5.2 Segunda Geração de Pastores: Os Consolidadores	33
1.5.3 Paradigmas do Pastor Batista Brasileiro	39
1.5.4 Terceira Geração de Pastores: O Contemporâneo	41
1.6 Eixos de Transformação	41
1.7 Análise	43
1.7.1 Bacharelado	45
1.7.2 Pós-Graduação	47
1.7.2.1 Postura Individual	48
1.7.2.2 Ambiente Interreligioso	49
1.7.2.3 Influência Teológica	50
1.7.2.4 Qualificação Profissional	51
1.8 Justificativa	52
1.9 Conclusão	53

## **Capítulo 2 - Sociogênese: uma história em se fazendo**

2.1 Metodologia Pierre Sanchis	54
2.2 Níveis de análise de Campo	57
2.3 Método e Métodos	59
2.4 Técnica de Pesquisa	64
2.5 Conclusão	66

## **Capítulo 3 – Os Primórdios Batistas: uma linha do tempo**

3.1 Cronologia dos Primórdios Batistas	67
3.2 Conclusão	74

## **Capítulo 4 – Os Batistas Brasileiros**

4.1 Os Batistas Brasileiros	75
4.2 Teoria JJJ	76

4.3 Landmarkismo .....	76
4.4 A Convenção Batista Brasileira .....	82
4.5 Conclusão .....	88

## **Capítulo 5 – O Típico Pastor Batista Brasileiro**

5.1 Em Betty Antunes de Oliveira: o olhar sobre os primórdios .....	89
5.2 Em Antonio Gouvea Mendonça e Prócoro Velasques Filho: um olhar sociológico .....	93
5.3 Em A. B. Langston: um olhar missionário, teológico e pastoral .....	95
5.4 Em José dos Reis Pereira: um olhar institucional .....	98
5.5 Em John Monroe Landers: um olhar acadêmico .....	100
5.6 Em Israel Belo de Azevedo: um olhar revolucionário .....	104
5.7 Em Irland Pereira de Azevedo: um olhar bem sucedido .....	107
5.8 Em Ebenézer Soares Ferreira: um olhar bem sucedido .....	109
5.9 Em Russell Philip Shedd: um olhar ministerial .....	112
5.10 Em Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez: um olhar introspectivo ....	117
5.11 Em Jorge Schütz Dias: um olhar urbano .....	121
5.12 Em Júlio de Oliveira Sanches: um olhar idealista .....	123
5.13 Em Jaziel Guerreiro Martins: um olhar idealista .....	125
5.14 Em Geoval Jacinto da Silva: um olhar do outro .....	126
5.15 Em Lourenço Stélio Rega: um olhar eticista .....	129
5.16 No Manifesto dos Ministros Batistas de 1963: um olhar divergente ...	132
5.17 Nas Biografias: um olhar romântico .....	139
5.18 Na Contemporaneidade – um olhar sobre a diversidade .....	142
5.19 Conclusão .....	150

## **Conclusão**

6.1 Análise .....	154
6.1.1 Princípios Distintivos .....	156
6.1.2 Biblicismo .....	157
6.1.3 Convecionismo .....	158
6.2 Impactos na Contemporaneidade .....	159
6.2.1 Princípios Distintivos .....	159
6.2.2 Landmarkismo .....	161
6.2.3 Biblicismo .....	162
6.2.4 Convecionismo .....	163
6.3 Palavras Finais .....	165
Bibliografia .....	167

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem um desafio particular. É a investigação de um sacerdote religioso<sup>1</sup> - pastor por ofício - sobre seu próprio ofício e sobre sua própria religião. Ou seja, um pastor batista pesquisando sobre os paradigmas dos pastores batistas do estado de São Paulo onde atua como pastor. Essa é uma situação que deve ser pontuada para a realização desta pesquisa.

É possível analisar com isenção a si mesmo ou o grupo que o identifica? Que procedimento poderá ser adotado para se alcançar tal intento e com isenção? Quais motivações e necessidades são imperiosas no pesquisador para justificar tal pesquisa? Como podemos receber suas informações e análises considerando o lugar hermenêutico do pesquisador?

São essas perguntas e outras indagações que procurarão ser respondidas de tal maneira que indiquem os limites desta pesquisa e não como propósito final da pesquisa.

---

<sup>1</sup> “Sacerdote Religioso” conforme definição da Receita Federal do Brasil, e “Pastor” conforme definição da Declaração Doutrinária da CBB. O pesquisador foi consagrado ao ministério pastoral batista em 23/03/1996 e o exerce em tempo integral há dezenove anos.

## **ESTUDAR O “NÓS” - GILBERTO VELHO E OTAVIO VELHO**

Para tanto as proposições de Gilberto Velho e Otavio Velho nos darão norte neste intento, uma vez que ambos se ocupam de examinar esta questão, ou seja, quais implicações há em um ‘nativo’<sup>2</sup> estudar o seu próprio grupo social e qual deve ser sua postura.

Gilberto Velho tem seu lugar hermenêutico no campo da antropologia e suas proposituras se apresentam pertinentes para esta pesquisa, visto que a antropologia é uma das ciências que empresta o seu olhar ao campo das Ciências da Religião. No entanto, para facilitar nossa própria identificação nos utilizaremos destas proposituras substituindo, sempre que possível, a palavra antropólogo por pesquisador e seus afins.

Gilberto Velho identifica a questão da distância ou distanciamento que o pesquisador deve manter de seu objeto de pesquisa como uma postura que propiciará maior isenção e objetividade na sua análise.

Dentro desta abordagem aponta para duas questões nas quais o pesquisador está aprisionado:

Primeiro, a questão da familiaridade, ou seja, a familiaridade e a proximidade física entre o pesquisador e seu objeto ou sujeito de pesquisa não são necessariamente sinônimo de conhecimento. Isto torna a pesquisa não somente pertinente, mas necessária inclusive para quem faz parte do próprio objeto como é nosso caso.

Segundo, a questão da socialização, ou seja, o pesquisador carrega consigo sua socialização, isto é, ele introduz-se na cultura observada ou se aproxima de seu objeto ou sujeito de pesquisa com seus estereótipos e preconceitos. Afirma ainda que esta é uma experiência inevitável e que o pesquisador nunca estará livre de suas idiosincrasias.

Essa segunda questão é a responsável pelo estranhamento do pesquisador para com os fatos considerados naturais para os ‘nativos’. Esta experiência precisa ser elaborada para não ficar no âmbito do preconceito, especialmente diante do fenômeno da urbanização que traz em si a “heterogeneidade provinda da divisão

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para identificar o antropólogo que estuda sua própria cultura ou povo.

social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais... visões de mundo diferenciadas e até contraditórias”. Para Gilberto Velho

De um modo geral, mas mais dramaticamente para quem estuda sua própria sociedade, coloca-se o problema de como o antropólogo vai enfrentar seus limites de homem de uma cultura ou de uma classe, segmento ou grupo social. Seja como participante do todo mais abrangente, seja como membro de uma de suas partes, sua visão de mundo estará marcada e, de alguma maneira, comprometida (VELHO: 1980,17)

Ainda que esta não se trate de uma investigação propriamente e especificamente antropológica vale lembrar a experiência de Gilberto Velho que afirma que “a Antropologia, tradicionalmente, tem estudado os ‘outros’ e eu me propus a estudar ‘nós’” (VELHO: 1973,11), o que é neste caso exatamente a proposta desta pesquisa.

Otávio Velho classifica esta condição de ‘nativa’ e identifica também problemas específicos com a área de pesquisa

“dois rochedos... [a] ameaçar os estudos da religião: de um lado, o risco de o estudioso, por motivo de crença, comportar-se como um ‘nativo’; de outro, a falta de reconhecimento, em nosso meio secularizado, da irredutibilidade da religião e da relevância do seu estudo” (VELHO: 2001, 233)

Acrescente-se a isso o desafio de tratar de duas questões às quais Gilberto Velho alerta.

O primeiro desafio é o entendimento sobre a diluição de fronteiras entres os saberes. Gilberto Velho afirma estar ultrapassada a intenção de “traçar limites rígidos” entre esses saberes, pois se um sociólogo realiza um estudo de caso mais intensivo com seu objeto de pesquisa poderá ter seu trabalho classificado como antropológico. Por outro lado, se um antropólogo tem interesse por um universo quantitativamente maior que requeira estatísticas poderá ter seu trabalho rotulado de investigação ‘sociológica’. Na realidade já é possível ver com clareza esta interpenetração das áreas do conhecimento, reconhecidas através dos conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Fato intuído por Gilberto Velho em 1971, quando, conforme suas palavras a “Antropologia Urbana

ainda se está muito na fase das intuições, das primeiras tentativas” (VELHO: 1973, 11).

O segundo desafio, que é decorrente do primeiro, tem a ver com o conceito de complexidade. Essa interpenetração de saberes, esta interdisciplinaridade que dilui as fronteiras cria um ambiente mais complexo em suas análises e respostas, o que exige que ambas não sejam simples ou rígidas, pois os vieses e variantes se somam e se multiplicam. Gilberto Velho afirma:

Essa preocupação em marcar áreas exclusivas ou compartimentos estanques pode dificultar muito o estudo da sociedade urbana que, pela sua complexidade exigirá o concurso de diferentes tradições de trabalho. De certa forma foi isto o que tentei fazer. (VELHO: 1971, 12)

Para poder trabalhar em seu universo Gilberto Velho aponta diversos passos de sua metodologia. De início é necessário compreender a necessidade de estudo intensivo do objeto de pesquisa, o que envolve a sua localização histórico-contextual imediata e o ambiente macro do objeto de pesquisa, ou seja, a determinação de seu espaço histórico-geográfico. E por fim, a auto-história desse objeto de pesquisa. Todos esses elementos é que compõem o objeto de pesquisa e o universo deste objeto de pesquisa é determinado por “uma série de características heterogêneas, mas apresentando certas experiências básicas comuns” (VELHO: 1973, 12, 65).

Além disso, é preciso determinar e caracterizar o comportamento e as representações do objeto de pesquisa. Gilberto Velho afirma que:

A caracterização do comportamento e do sistema de representações do universo investigado só pode ser feita de uma maneira mais consequente, à medida que fique claro o fato de inserir-se em uma sociedade complexa, fazendo parte e relacionando-se com outros grupos, setores etc. da sociedade (VELHO: 1973, 86).

Ao mesmo tempo é necessário situar-se enquanto investigador. Ele afirma, o investigador - nativo no local de sua pesquisa - tem uma imagem mental pré-concebida quando instigado à pesquisa. Esta condição exigirá um exercício de constante aproximação/distanciamento do objeto de pesquisa, a fim de que esta pré-imagem não determine ou venha distorcer os caminhos e conclusões da pesquisa. Seu olhar particular e específico não poderá ser comparado com a experiência de um estrangeiro em contato com algo completamente novo. São lugares hermenêuticos diferentes. Ele afirma:

Faço questão de deixar isso claro, pois este é, talvez, o problema fundamental que o antropólogo enfrenta ao estudar sua própria sociedade. É obvio que não acredito que esse problema impeça a investigação, mas sem dúvida introduz uma dimensão nova para o trabalho antropológico. Não conheço fórmula ou receita que resolva este tipo de dificuldade, mas acredito piamente na necessidade de um esforço de autodefinição do investigador não só no começo mas no decorrer de todo o seu trabalho, ou seja, não se trata apenas de manipular com maior ou menor habilidade técnicas de distanciamento, mas ter condições de estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho como o objeto de pesquisa de que, afinal, ele faz parte (VELHO: 1973, 13)

Além destas questões que envolvem a pessoa do pesquisador há também o que envolve o seu trabalho propriamente dito, pois o “*seu trabalho é de natureza interpretativa*” (GEERTZ, 1973 apud VELHO, 1980, 18), ou seja, os dados não podem ser analisados de maneira simplesmente bruta, objetiva ou natural, mas eles carecem de uma “interpretação de interpretações” (VELHO: 1980, 18).

Gilberto Velho então determina alguns passos essenciais:

Primeiro, o pesquisador precisa ter como objetivo de sua reflexão “a maneira como culturas, sociedades e grupos sociais representam, organizam e classificam suas experiências”, ou seja, sua interpretação se dará sobre a interpretação que esses grupos deram às suas próprias experiências. O problema existe pelo fato do pesquisador fazer parte deste grupo; isto o faz refletir, enquanto individuo, sobre sua própria reflexão coletiva podendo cair em um círculo vicioso de um monólogo a respeito de si mesmo, fechado na aproximação e incapaz de distanciar-se.

Segundo, o pesquisador também enfrenta o problema teórico e metodológico:

“perceber a abrangência destes sistemas de classificação e representações. Interpretar o arbitrário que caracteriza e distingue experiências culturais é tarefa complexa em qualquer investigação antropológica, seja qual for a distância envolvida” (VELHO: 1980, 18)

Ou seja, mais uma vez a questão da complexidade com a qual nos defrontamos na contemporaneidade instigada pela arbitrariedade dos sujeitos se torna um desafio de desenvolver uma metodologia que considere, delimite e interprete de maneira adequada o arbitrário.

Além disso, em terceiro lugar, permanece no exercício desta “tarefa complexa de lidar com a complexidade da contemporaneidade” a questão sobre a “possibilidade do intelectual alçar-se, desprender-se de suas determinações sociológicas mais imediatas, atingindo uma visão mais globalizada e abrangente em sua interpretação” o que reafirma o desafio de permanentemente manter uma atitude de estranhamento diante do que se passa não só à sua volta mas com ele mesmo”, isto é, cultivar um estranhamento interior (subjetivo e individual) e exterior (concreto e coletivo).

Esse processo de estranhamento, segundo Gilberto Velho, não somente é um desafio inevitável como também é possível.

O movimento mais dramático coloca-se quando o pesquisador volta-se para o seu próprio cotidiano neste processo de estranhamento. Isto é possível, sem necessariamente levar à loucura, porque a vida social e cultural se dão em múltiplos planos, em varias realidades que estão referidas a níveis institucionais distintos (VELHO: 1980, 18)

Neste sentido poderemos experimentar as proposições de Gilberto Velho ao perceber com os diversos autores, batistas ou não, interpretaram através do tempo e de seus escritos as experiências do pastor batista, muitas dessas experiências dos próprios autores enquanto pastores, o que se configura numa metodologia e numa tentativa de aproximação e distanciamento.

É nesta condição que somos instigados à pesquisa. Compreender as lógicas e articulações internas desta personagem chave desse grupo religioso que desde sua chegada ao Brasil continua crescendo.

Para tanto o capítulo 1 definirá os termos e o objeto que conduziram à pesquisa, delimitando cronologicamente e fazendo uma exposição histórico-contextual dos períodos das gerações de pastores que foram consideradas, com destaque na geração contemporânea para aspectos do ministério pastoral que sofrem pressão por mudanças em seus paradigmas que são exemplificados por alunos de Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

O capítulo 2 apresentará os referenciais teóricos que serão considerados e que conduzirão à pesquisa e suas análises.

O capítulo 3 apresentará uma reconstituição cronológica da história e trajetória dos batistas como surgidos no século XVII buscando compreender quais fatos de sua gênese podem ajudar a explicar o seu atual modo de pensar, ser e agir no Brasil.

O capítulo 4 apresentará quem são os pastores batistas brasileiros, ou seja, em sua chegada ao Brasil, quais fatos e influências teológicas foram importadas, recebidas e acolhidas e que determinaram as ênfases, isto é, os paradigmas que estabeleceram enquanto ocupavam espaço no cenário religioso e social brasileiro.

O capítulo 5 apresentará uma definição do “Típico Pastor Batista” a partir de pesquisa bibliográfica com diversos autores, pastores ou não, que de alguma maneira retrataram o ministério pastoral batista, ou seja, seus arquétipos, no período desde a chegada dos batistas ao Brasil até os dias atuais.

A Conclusão apresentará as considerações finais identificando paradigmas e arquétipos e como se dá suas relações e desafios na contemporaneidade.

## ESTUDAR O "NÓS"

A título de curiosidade, ao se pesquisar na internet através do google.com.br a expressão "igreja batista" recebemos um retorno de aproximadamente 4.030.000<sup>3</sup> resultados o que nos permite perceber a grandiosidade do universo que se pretende pesquisar.

Na realidade a pesquisa precisa ser mais apurada não apenas para que seja possível se dar conta da própria pesquisa, mas principalmente porque os batistas se revelaram ao longo da historia um povo ou uma denominação de manifestações de ser diversas e, por vezes até contraditórias o que poderia gerar a mesma impressão sobre seus paradigmas.

Esta diversidade deve ser o que lhe permite, enquanto povo ou grupo, alcançar penetração nas diversas camadas que apresenta a sociedade onde está inserido, o que é um ganho. No entanto, ao mesmo tempo constitui um fator de contenção de sua maior participação na sociedade e no espectro da religiosidade brasileira.

Os batistas apresentam esta diversidade em vários níveis, ou seja, enquanto denominação a sua diversidade se apresenta através de várias convenções no Brasil, e mesmo dentro das referidas convenções as igrejas a elas filiadas também

---

<sup>3</sup> Conforme pesquisa no www.google.com.br em 10/06/13 as 11h54

apresentam essa mesma diversidade quer nos aspectos teológicos, nas expressões litúrgicas e nos usos e costumes locais.

Para fins desta pesquisa a expressão “batista” identificará sempre aos “batistas brasileiros”, grupo que se congrega através da Convenção Batista Brasileira (CBB). Outros grupos, se necessário for, serão identificados especificamente como batistas independentes, batistas nacionais, batistas regulares e outros.

É possível afirmar que o que alimenta esta diversidade é a ênfase no indivíduo e a individualização de lideranças pessoais e ou comunitárias<sup>4</sup>.

Ainda é importante ressaltar que

A partir da década de 1930 surgem grupos de cunho mais conservador e fundamentalista, como a Igreja Batista Conservadora fundada em Bagé - RS, a Igreja Batista Bíblica que organizou a Comunhão Batista Bíblica Nacional (CBBN) desde 1973, com cerca de uma centena de Igrejas e Congregações, a Igreja Batista Fundamentalista e a Igreja Batista Regular. Existem também dezenas de Igrejas Batistas sem filiação, tais como a Igreja Batista da Floresta (MG), Filadélfia (RJ) Calvário em Niterói (RJ), todas de orientação pentecostal. Existem Igrejas batistas que se proclamam também calvinistas, e são filiadas às diversas convenções ou simplesmente, independentes. No Brasil, há uma comunhão cujo objetivo é estreitar laços de comunhão entre os seus membros, em geral filiados à igrejas batistas reformadas: trata-se da Comunhão Reformada Batista no Brasil. Os batistas regulares são pouco numerosos, correspondendo-se aos de sua denominação norte-americana e canadense. Existe ainda a Igreja Batista do Sétimo Dia, cuja diferença em relação aos outros batistas está na guarda do sábado.<sup>5</sup>

Para uma maior clareza a respeito das diversas manifestações dos batistas no Brasil é possível verificar através do quadro analítico abaixo as maiores convenções no Brasil.

---

<sup>4</sup> Vide: ARAÚJO, Júlia Silveria & REFKALEFSKY, Eduardo. *Comunicação e Contracultura Religiosa: o crescimento da igreja batista no Brasil*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. 7 a 9 de maio de 2009. In: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0294-1.pdf>. Rio de Janeiro: Intercom, 2009 e AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

<sup>5</sup> In: <http://cibi.org.br/memo/historia/641-o-que-sao-os-batistas>. Acesso em 05/12/2014 as 08h50.

CONVENÇÃO	ORGANIZAÇÃO
Convenção Batista Brasileira (CBB) (surge por influência direta dos batistas do sul dos EUA)	22/06/1907 <sup>6</sup>
Convenção Batista Regular (surge por influência direta dos batistas do norte dos EUA)	Década de 1940
Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil (CIEBIB) (surge por influência direta de igrejas batistas da Suécia)	22/02/1952 <sup>7</sup>
Convenção Batista Nacional (CBN) (surge a partir de dissidência da CBB)	16/09/1967 <sup>8</sup>
Convenção Batista Conservadora (CBC) (surge a partir de dissidência da CIEBIB)	Década de 1980 <sup>9</sup>

Quadro 1: Convenções Batistas no Brasil

## 1.1 SUJEITO DA PESQUISA

A pesquisa se concentrará nos pastores das igrejas batistas ligadas à CBB. Serão sempre identificados como batistas brasileiros por serem o grupo de batistas mais antigo no Brasil, pois seus primeiros missionários chegaram ao Brasil em 1881. Se, necessário, outros grupos de batistas serão identificados oportunamente como batistas independentes, batistas regulares, batistas renovados e etc.

Numa leitura mais atenta à história dos batistas brasileiros com especial olhar ao ministério pastoral, isto é, aos pastores que participaram desta história, se verificará que é possível afirmar a existência de gerações de pastores que atuam por décadas e que vão sendo marcadas pelos mesmos paradigmas<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> PEREIRA, José dos Reis. *A História dos Batistas no Brasil: 1882-1982*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

<sup>7</sup> In: KAPPAUN, Marciano. *A Práxis Social da Igreja: inserção pública transformadora*. Campinas: Editora Batista Independente, 2008.

<sup>8</sup> Ibidem, PEREIRA, 1982.

<sup>9</sup> Ibidem, KAPPAUN, 2008.

<sup>10</sup> A conceituação de paradigma está baseada em KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira, 12ª Ed. Série Debate: 115. São Paulo: Perspectiva, 2013.

## 1.2 GERAÇÃO:

O vocábulo “geração” será entendido, num de seus possíveis sentidos, como “cada uma das fases que demarcam uma mudança no comportamento humano” ou “ainda como cada uma das fases sucessivas que assinalam mudança decisiva numa técnica em evolução”<sup>11</sup>. Essas definições se prestam ao entendimento de que o ministério pastoral passa por sucessivas e determinadas fases de evolução quando observado como técnica, isto é, um “conjunto de procedimentos ligados a uma arte ou ciência”<sup>12</sup> que exige conhecimento, treinamento e destreza no seu exercício.

## 1.3 AUTOPOIESES DE MATURANA & VARELA

As ideias de paradigmas e de arquétipos assumem alguns contornos importantes. No caso específico dos batistas brasileiros o conceito de Autopoeises nos permite compreender a dinâmica interna ou subjetiva do pastor bem como do relacionamento do pastor batista e sua denominação e como esses paradigmas e arquétipos foram se desenvolvendo e solidificando em meio a esta dinâmica. O conceito de Autopoiesis é emprestado do campo da biologia à epistemologia e por fim à ética e é desenvolvido por Maturana e Varela.

Segundo eles, organismos (unidade, indivíduos) funcionam devido ao seu acoplamento estrutural (meio, contexto). A interação entre organismo e estrutura gera mudanças contínuas em ambos. O organismo tem uma dinâmica interna e quase independente. O organismo só não é independente porque está acoplado à estrutura numa constante interação que gera mudanças contínuas em fluxos recíprocos – entre o organismo e a estrutura. Este conceito desenvolvido por ambos vem ao encontro da dinâmica da relação do pastor batista (enquanto organismo) com a denominação (enquanto estrutura). No caso desta pesquisa a estrutura envolve a igreja local e a denominação, e mais especificamente a CBB.

O interesse de Maturana e Varela não é apenas com a realidade, mas como interpretamos e compreendemos o mundo e a sua realidade, ou seja, compreender como compreendemos. Significa entender como fazemos uso de nossa compreensão para compreender a realidade. Ou, como “as coisas... são tributos de

---

<sup>11</sup> In: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=geracao>

<sup>12</sup> In: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=t%25C3%25A9cnica>

nossa correlação interna que lhes confere sentido e as organiza em nosso entendimento construindo, assim, a realidade externa” (ANDRADE: 2012, 100)

Neste sentido é preciso entender que há um sistema interno ou que o organismo se configura num sistema interno e que quando abordado neste prisma a estrutura passa a ser secundária numa análise da realidade, ou seja, a realidade é compreendida a partir do organismo e de seu sistema interno. O contrário também é possível, pois podemos observar a realidade a partir do prisma das interações do organismo com o meio. Dessa forma, estabelece-se um lugar hermenêutico. No caso desta pesquisa priorizaremos a abordagem a partir do organismo, da unidade, ou seja, da pessoa do pastor.

(...) para a dinâmica interna do sistema, o meio não existe, é irrelevante. Por outro lado, também podemos considerar uma unidade segundo suas interações com o meio e descrever a história dessas interações. Nessa perspectiva, em que o observador pode estabelecer relações entre certas características do meio e a conduta da unidade, é a dinâmica interna que se torna irrelevante (ANDRADE: 2012, 101)

No entanto, Maturana e Varela entendem também que “tanto a dinâmica interna quanto o meio são necessários para que se possa ter um completo entendimento da unidade observada” (ANDRADE: 2012, 101). Desta forma, não se pode ignorar a estrutura denominacional que é onde encontramos rastros históricos da existência e do desenvolvimento do ministério pastoral enquanto instituição.

Outros dois conceitos que se desenvolvem a partir da linha de raciocínio da Autopoiesis também vêm ao encontro desta dinâmica do ministério pastoral batista: a “estrutura ontogênica” que diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo desde a concepção até a maturidade, e a “determinação filogênica” que diz respeito à história evolutiva da espécie a qual o indivíduo pertence.

Isto significa dizer que o pastor batista (organismo) foi se desenvolvendo e estabelecendo seus próprios paradigmas a partir de si e da dinâmica que impôs a seu mistério – sua estrutura ontogênica. Essa característica é especialmente marcante entre os batistas brasileiros devido a dois de seus princípios distintivos que juntos criam o ambiente propício para o desenvolvimento desta estrutura ontogênica: a ideia da autonomia da igreja local e a ideia da absoluta liberdade de consciência

do indivíduo, que conjugadas permitem à comunidade e ao pastor local autodeterminar-se, isto é, tornam-se protagonistas de suas histórias.

Paralelamente a isso, existe a ação denominacional (estrutura) de também estabelecer paradigmas exemplificada na implantação, manutenção e controle de seminários e no estabelecimento de filosofias institucionais e regimentais de preparo ministerial, onde é possível identificar a determinação filogênica, ou seja, encontrar uma história evolutiva do ministério pastoral através da implementação das orientações denominacionais no preparo dos futuros pastores que a denominação deseja. Além disso, é possível identificar a determinação filogênica na própria ação do pastor batista dentro da estrutura denominacional, na CBB ou na OPBB<sup>13</sup>, participando assim do estabelecimento de paradigmas sobre o seu próprio ofício através da denominação. Maturana e Varela chamarão esta experiência de “ação cíclica” dentro da Autopoieses.

Na Autopoieses existe um “determinismo estrutural ontogênico” que diz respeito a exigência de que mudanças sejam internas, ou seja, a estrutura subjetiva do pastor precisa sofrer transformações que venham se manifestar em sua dinâmica ministerial. Se isso não ocorrer viverá numa deriva estrutural, ou seja, uma repetição *ad eternum* por inércia. As mudanças internas no determinismo estrutural ontogênico ocorrem no organismo ainda que esse organismo esteja receptivo as perturbações do meio.

A Autopoiesis demonstra que paradigmas existem e se transformam como fruto da interação entre o organismo ou unidade, e no caso desta pesquisa o pastor, e seu acoplamento estrutural ou seu meio, no caso desta pesquisa o ambiente batista brasileiro.

Por fim, Maturana e Varela, fazendo empréstimos da biologia à epistemologia, concluem:

Todo pensamento acima apresentado diz respeito à formação biológica do ser vivo, mas na Autopoieses podemos associar isto também à epistemologia. Assim como o meio não é determinante em nossa formação ontogênica, da mesma forma, o meio também não é determinante em nosso processo cognitivo. Achar, portanto, que tudo ocorre na ação e somente pela ação, é um erro, primeiramente porque ação não existe, o que existe é interação. Em segundo lugar, porque interação por si só não basta para nos fornecer o

---

<sup>13</sup> A OPBB - Ordem dos Pastores Batistas do Brasil - é a organização que congrega os pastores batistas.

conhecimento, mas sim a interação somada à reflexão. A interação apenas desencadeia, não determina, pois o que, de fato, irá determinar é nossa reflexão. Desse modo, o meio, através de nossa interação, não é, mais uma vez, determinante. Não é determinante, pois, nem no processo de nossa ontogenia nem no processo epistemológico. A vida é autônoma em ambos sentidos, tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista cognitivo (ANDRADE: 2012, 116).

Esta conclusão é bastante pertinente com os paradigmas batista e especificamente com os pastores nos processos de criação de arquétipos da denominação, como se verá adiante.

#### 1.4 PARADIGMAS: THOMAS SAMUEL KUHN

A primeira questão ao utilizarmos a expressão paradigma é contextualizá-la.

Existe uma discussão sobre os possíveis sentidos do termo paradigma nos escritos de Thomas Samuel Kuhn. “Margareth Masterman detectou 21 diferentes maneiras de como Kuhn usou a palavra” (HACKING: 2012, 23), por isso é importante delimitá-la nesta pesquisa.

Kuhn ao utilizá-la deu-lhe novo significado e popularidade admitindo que seu verdadeiro sentido é pouco compreendido (HACKING: 2013, 22). Num primeiro instante ele tinha a ideia de que o paradigma é um “exemplo compartilhado”, mas há aspectos mais complexos que precisam ser considerados, tais como: quem compartilha tais exemplos, que exemplos são estes e etc.

Kuhn logo admite que há uma abordagem local, isto é, foi “o sentido de paradigma como exemplo padrão que conduziu originalmente minha escolha para esse termo”; e a abordagem global que foi a maneira como o termo passou a ser utilizado e tornado muito mais genérico e popular (HACKING: 2013, 23).

O termo nos remete a palavra grega “*parádeigma*” na Retórica de Aristóteles. Tem função na teoria do argumento e “aborda o argumento prático entre duas partes, um orador e uma audiência, que compartilham de um grande número de crenças que dificilmente precisam de explicações”. Para Aristóteles, mais que exemplo, o termo “aludia a algo que se parece mais ao termo exemplar, isto é, o melhor e o mais instrutivo exemplo”, ou seja, um exemplo cabal. Este “exemplo exemplar” seria oferecido ou resgatado em meio a um ambiente de disputa com a

audiência no momento em que o seu uso necessariamente imporá a concordância por parte da audiência. Isto é um paradigma, ou seja, um modelo padrão que “deveria” ser seguido ou imitado (HACKING: 2013, 24-25).

Cada comunidade científica tem seus paradigmas, exemplos exemplares em que determinada especialidade em determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas... essas são os paradigmas da comunidade, revelados em manuais, conferências e exercícios de laboratório (KUHN: 2012, 115)

Nesse sentido cada comunidade ou grupo de partidários “terá seu próprio grupo de compromissos” com “seus próprios modelos de como proceder” motivados por questões sem precedente, isto é, que estão distantes da maneira usual de proceder; ou por “questões em aberto com uma profusão de problemas para serem resolvidos”; essas questões são capazes de aglutinar o grupo em torno da pesquisa de suas respostas. Ambas as comunidades com suas questões particulares iniciarão a sua busca a partir de paradigmas ou exemplos exemplares que entendem lhes impõem a concordância para a jornada na busca da solução de suas questões. E se manterão como comunidade enquanto houver busca.

Paradigmas são integrais para a ciência normal e uma ciência normal, praticada por uma comunidade científica, continua enquanto houver uma profusão de coisas a fazer, problemas abertos que levam à pesquisa utilizando métodos (leis, instrumentos, etc.) reconhecidos pela tradição (HACKING: 2013, 28)

Enquanto os paradigmas derem conta de levar às respostas das questões da comunidade ele se solidifica na mentalidade da comunidade.

No entanto, Kuhn destaca a atenção para as anomalias, ou seja, as questões que não são cobertas pelo paradigma, isto é, as questões que o paradigma não dá conta de responder ou atender, pois o paradigma é o que nos permite adquirir a “habilidade para enxergar semelhanças em problemas aparentemente díspares” (HACKING: 2013, 24-30). Quando o paradigma perde esta função de nos ajudar diante de novas questões surge a anomalia.

Tudo vai bem até que os métodos legitimados pelo paradigma não conseguem enfrentar o aglomerado de anomalias; daí resultam e persistem crises até que uma nova realização redirecione a pesquisa e sirva como um novo paradigma. Isto é, um deslocamento de paradigma (HACKING: 2013, 29)

O deslocamento de paradigma não quer dizer necessariamente que o anterior estivesse errado, ou que os “segundos ensinamentos” sejam melhores que os “primeiros ensinamentos” apenas que os novos paradigmas servem para atender as demandas de anomalias específicas que os antigos paradigmas não tinham a condição de atender até porque se quer sabiam da existência de tais anomalias.

Na realidade o deslocamento de paradigma é chamado por Kuhn de disruptura. Kuhn explica que “não há progresso pelo acúmulo gradual de conhecimentos e/ou experimentos, mas por disrupturas na ciência normal”. As revoluções, segundo ele, lançam os conhecimentos anteriores para longe gerando uma descontinuidade. A disruptura é um catapultar que gera continuidade, que não nega o conhecimento anterior, mas que a partir dele reconhece o progresso por atender a novas demandas que o paradigma anterior não dava conta. Da mesma forma, o progresso do novo paradigma se torna possível a partir do conhecimento estabelecido pelo antigo paradigma.

Kuhn também destaca a questão do período “pré-paradigmático”, ou seja, o momento de acúmulo de anomalias que é marcado pela persistência de crises. Uma “área de penumbra” em que as regras aceitas sem questionamento pela comunidade relevante por conta das soluções já obtidas – paradigmas estabelecidos - passam a parecer inseguras e, portanto, ocorre um cenário que exige novas regras ou novos paradigmas.

O período pré-paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates frequentes e profundos a respeito de métodos, problemas e padrões de soluções legítimos – embora esses debates sirvam mais para definir escolas do que para produzir um acordo... ocorrem periodicamente pouco antes e durante as revoluções científicas – os períodos durante os quais os paradigmas são primeiramente atacados e então modificados (KUHN: 2012, 121-122).

Os paradigmas tem uma função profundamente pragmática. Se derem conta de apresentar soluções para a comunidade eles não serão elencados ou racionalizados, apenas admitidos, reafirmados e consolidados. Somente o desacordo diante de soluções que não atendem a realidade da comunidade poderá gerar a busca de novos paradigmas

Quando os cientistas não estão de acordo sobre a existência ou não de soluções para os problemas fundamentais de sua área de

estudos, então a busca de regras adquire uma função que não possui normalmente. Contudo, enquanto os paradigmas permanecem seguros, eles podem funcionar sem que haja necessidade de um acordo sobre as razões de seu emprego ou mesmo sem qualquer tentativa de racionalização (KUHN: 2012, 122)

A comunidade desta pesquisa diz respeito ao ministério pastoral batista. Na prática de seu ofício, os pastores são os “cientistas” da religião que, enquanto comunidade, compartilham paradigmas, ou seja, uma “rede de compromissos ou adesões conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais que dão conta das questões da sua área”.

Cada geração, então, tem desafios na sua elaboração teológica e na sua práxis e assume para si paradigmas com os quais procura suplantar o *status quo*, ou seja, gerações de pastores têm sua ênfase própria para a teologia prática e sua ênfase própria para a teologia pastoral pertinente ao seu momento histórico. O momento histórico determina uma teologia, ou ainda, o momento histórico traz consigo suas demandas teológicas e pastorais.

Esta pesquisa pretende definir e compreender os paradigmas que marcaram essas gerações de pastores batistas que para esta análise identificamos em número de três, sendo que a terceira geração delimitará esta análise.

Portanto, esse estudo pretende ater-se a dois propósitos: primeiro, ao estudo analítico da práxis pastoral, ou seja, a teologia pastoral com sua base teológica de reflexão, isto é, os paradigmas teológicos que marcaram as gerações de pastores e definiu seus arquétipos. A partir daí, como segundo propósito, identificar e analisar os paradigmas e arquétipos que se vem transformando a partir da pessoa do pastor enquanto sujeito e ator desta práxis.

## 1.5 TRÊS GERAÇÕES DE PASTORES

### 1.5.1 PRIMEIRA GERAÇÃO: OS PIONEIROS

Apesar dos 140 anos de presença no Brasil, é possível identificar nas igrejas batistas da CBB os paradigmas que foram implantados através dos missionários norte-americanos pioneiros.

Esses missionários pioneiros que chegaram ao Brasil a partir de 1881 e os pastores brasileiros que foram seus contemporâneos serão identificados como a primeira geração de pastores batistas brasileiros. Para fins dessa pesquisa, utilizaremos o “critério cronológico” e definiremos a primeira geração no período de 1882 (ano da organização da Primeira Igreja Batista do Brasil em Salvador-BA) até a década de 1930, ou seja, os primeiros cinquenta anos.

Estes primeiros cinquenta anos são marcados por intenso crescimento numérico que começando com cinco membros fundadores da PIB<sup>14</sup> da Bahia em 1882 chegaram a trinta e quatro mil na década de 1930 (MATOS, Alderi de Souza. O Protestantismo brasileiro no período republicano, 2011. In: [www.mackenzie.br/7071.html](http://www.mackenzie.br/7071.html). Acesso em 15/11/2014 as 17h57). Este crescimento é fruto do ardor evangelístico através de uma pregação salvacionista de viés apologético e proselitista, especialmente contra o catolicismo hegemônico. O fundamento teológico do landmarkismo<sup>15</sup> também marcou a vida dos missionários pioneiros e dos primeiros pastores batistas brasileiros, ou seja, eles tinham plena convicção da superioridade da doutrina e da eclesiologia batista sobre as demais expressões de fé cristãs ou outras religiões.

Coincidentemente, é exatamente na década de 1930 que ocorre uma tentativa de ruptura da estrutura que mantinha os missionários norte-americanos como líderes que definiam os paradigmas da máquina denominacional de então. Essa liderança era exercida através da administração dos recursos financeiros advindos dos EUA e da administração da Educação Religiosa e Teológica através do comando dos seminários e das publicações então existentes, ou seja, da

---

<sup>14</sup> PIB é abreviatura usual entre os batistas brasileiros para “Primeira Igreja Batista” e será utilizada nesta pesquisa.

<sup>15</sup> Doutrina que ensina a superioridade da eclesiologia e doutrinas batistas em relação a todas as outras vertentes do cristianismo.

publicação de livros e revistas da Escola Bíblica Dominical e d'O Jornal Batista que eram as principais fontes de doutrinação dos fiéis. Esta tentativa de ruptura ficou conhecida como Questão Radical. Este movimento é uma tentativa de passagem para a autonomia. Reis Pereira nos informa que muitos pastores e líderes deste período foram instruídos em instituições americanas ou ainda foram sustentados e instruídos particularmente por missionários norte-americanos o que deveria criar um sentimento de grata dependência exatamente contrário ao espírito emancipatório registrado na Questão Radical (PEREIRA, 1982, pag. 113-121).

É importante perceber que neste momento, passados cinquenta anos havia outros missionários norte-americanos e um grupo de pastores e líderes brasileiros que sucederam os pioneiros e que até ali consolidavam os seus paradigmas. Neste momento paradoxalmente desejaram se libertar de sua liderança.

Esta transição entre a primeira e segunda geração pode, então, ser estabelecida na “Questão Radical” que se desenvolveu após a Primeira Guerra Mundial estendendo-se até meado da década de 1930 e que tem como um mote possível:

“o desejo que os novos líderes brasileiros do trabalho tinham de afirmar-se, assumindo funções de maior responsabilidade, visto que para isso se sentiam capacitados” (PEREIRA, 1982, 113).

Landmarlismo, pregação salvacionista, proselitista e apologética, uma mentalidade expansionista e um sentimento de independência marcaram este período.

### **1.5.2 SEGUNDA GERAÇÃO: OS CONSOLIDADORES**

A partir deste momento observa-se o protagonismo e a intensa participação da liderança de pastores brasileiros, mas nos paradigmas dos missionários norte-americanos, isto é, apesar de neste instante a CBB já representar uma das maiores denominações evangélicas do Brasil o ideal de ganhar a Pátria para Cristo, através de uma “pregação salvacionista de viés apologético e proselitista, especialmente contra o catolicismo hegemônico” continua sendo um mote para esta geração. Esse segundo período histórico foi permeado com a “Questão Doutrinária”, que envolveu a Doutrina do Espírito Santo e as práticas pentecostais e que na década de 1960 se

tornou “a primeira questão doutrinária a dividir os batistas” (PEREIRA: 1982, 200). Questão que estava incipiente a mais ou menos vinte anos (SANTOS: 2011, 149)<sup>16</sup>.

A “Questão Doutrinária” dividiu os batistas entre os que criam que o Pentecostes se repete constituindo o batismo no Espírito Santo uma experiência posterior à conversão e que é chamada de “segunda bênção” (LANDERS: 1994, 72-76), tratando-se do empoderamento para uma vida de santidade e contemporaneidade da manifestação dos dons espirituais, especialmente revelações, línguas, curas, e etc.; e aqueles que não criam dessa maneira havendo entre eles aqueles que advogavam até o cessacionismo, ou seja, que a manifestação desses dons espetaculares ficaram restritos ao primeiro século da era cristã. Na tentativa de impedir a divisão foi criada o que ficou conhecida como “Comissão dos Treze” por causa do número de seus componentes, que deveria trabalhar com o seguinte critério: três defenderiam a Renovação Espiritual (José Rêgo do Nascimento, Aquiles Barbosa e Enéas Tognini); três contra a Renovação Espiritual (Harald Schaly, Delcyr de Souza Lima e Reinaldo Purim); e sete para julgar (João Filson Soren, David Mein, Werner Kaschel [secretário], José dos Reis Pereira [relator], David Gomes e Thurman Bryant), presididos por Rubens Lopes. A comissão produziu um relatório<sup>17</sup> esposando a posição oficial da CBB sobre o assunto. Infelizmente, como a história nos mostra, a divisão foi inevitável (PEREIRA: 1982, 193-200; ALONSO: 2012: 123-206).

Fato importante neste período de transição foi a elaboração da Declaração Doutrinária da CBB. Cujas Comissão foi composta em 1971 e apresentou sua redação original em 1979 (FERREIRA: 2009, 12), e pode ser entendida como o reflexo da Questão Doutrinária da década anterior. Neste ínterim ocorre em Salvador – BA, em 1982, as comemorações do Centenário dos Batistas Brasileiros; momento em que se fecha o segundo período cronológico de cinquenta anos como esta pesquisa considera.

Devemos ver como resquícios da segunda geração dois fatos ligados à Questão Doutrinária ainda no período da terceira geração. O primeiro é que a

---

<sup>16</sup> Uma análise mais aprofundada sobre a Questão Doutrinária pode ser vista em ALONSO, Leandro Seawright. *Poder e Experiência Religiosa: Uma abordagem histórica acerca de um cisma pentecostal na convenção Batista Brasileira na década de 1960*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Dr. Lauri Emílio Wirth. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

<sup>17</sup> In: <http://www.batistas-mg.org.br/doutrina-do-espírito-santo-comissao-dos-treze-2/>. Acesso em 10/12/2104 as 08h31.

aprovação final do texto da Declaração Doutrinária da CBB, que só ocorre em 1986 (FERREIRA: 2009, 12). O segundo é a aprovação do texto final do Relatório Do Grupo de Trabalho sobre Doutrinas e Práticas Pentecostais cujo texto original é de 1995 (CBB: 1995, 498-504), mas a aprovação final é de 1997 (CBB: 1997, 511-517), ou seja, durante três assembleias convencionais o relatório foi assunto ao menos ventilado até a aprovação final do seu texto.

Nele, além de uma exposição sobre o movimento carismático, sobre o movimento neopentecostal, doutrina e liturgia, formas características de cultos e dons espirituais definiu-se que “historicamente os batistas foram anti-rituais e contrários a qualquer espécie de misticismo” e que o culto que é a comunhão com Deus envolve certos padrões da sabedoria divina, quais sejam: reverência, que reconhece a grandeza e soberania de Deus; ordem, que é a maneira como a liturgia se desenvolve e que não é fria, formalística ou ritual; confissão, que é a fórmula do arrependimento; oração, que intensifica a comunhão individual e coletiva; edificação, pela meditação na Palavra de Deus; louvor que é a santidade e majestade de Deus e reconhecimento da autoridade divina na atuação do Espírito Santo como consolador, convencendo o homem do pecado da justiça e do juízo (CBB: 1997).

A partir destas características entendeu-se que a liturgia bíblica e, portanto que deve ser praticada nas igrejas batistas tem os seguintes “princípios norteadores da adoração”

Amor e devoção a Deus... o louvor como forma de exaltar a Dignidade de Deus... Oração... de louvor, gratidão, de confissão, de suplicas, de intercessão... a Bíblia como autoridade em matéria de fé e prática... a música como elemento forte, procura levar a pessoa ao coração de Deus. É adorar em Espírito e em verdade... celebração de batismos... celebração da ceia do Senhor... dedicação de vidas, dízimos e ofertas... apelos de arrependimento... o exercício do sacerdócio individual( cada pessoa pode ir à presença de Deus sem mediador, a não ser Jesus Cristo) (CBB: 1997).

A partir destes princípios norteadores definiu-se os elementos que “podem ou não ser usados nos cultos, mas não são essenciais e nem definidores de ortodoxia”

Bater palmas em momentos de cânticos... expressões do vocabulário evangélico atual: paz do Senhor, glória e aleluias, etc... levantar as mãos na hora de cânticos e oração... jejum individual... chamar pessoas à frente para oração... orar em duplas, ou em grupo, dentro dos cultos públicos... postura para orar (de pé, de joelhos, sentado) (CBB: 1997).

E por fim definiu-se quais “práticas que são contrárias ao culto cristão, à luz da Bíblia, e ao culto celebrado pelas igrejas batistas”. São eles:

Bater palma para Jesus. A Bíblia recomenda adorá-lo... declarações de caráter autoritário, estranhas à Bíblia. Ex: amarrar Satanás. A Bíblia recomenda resistir...classificação de espíritos: espírito de maldição, espírito de morte, espírito de mentira, espírito de enfermidade...adivinhações...revelações isoladas (o nosso entendimento é que a revelação já se completou na Bíblia)...unção com óleo como elemento de fé...orar no monte como se monte fosse um lugar especial...jejum como meio de obtenção de graça ou de crescimento espiritual...falar em “línguas estranhas”. O falar em línguas é, no ensino de Paulo, do interesse de uma pessoa, a edificação é interesse da igreja (CBB: 1997).

Como mencionado, em 1965 faziam mais ou menos vinte anos que o assunto Renovação Espiritual - que envolvia a doutrina do Espírito Santo e as práticas pentecostais - estava incipiente. Do mesmo modo, a definição das práticas aceitáveis no culto batista só ocorre em 1995, o que nos permite inferir que esse assunto permeou toda a trajetória histórica da segunda geração.

Paralelamente a este assunto que tanto ocupou espaço na história dos batistas brasileiros exigindo energias de seus pastores e líderes, é possível dizer que os pastores da segunda geração não foram, no entanto, paralisados por este assunto. Na realidade, eles podem ser tipificados na pessoa de um líder que exerceu seu ministério ao longo deste segundo período irradiando sua liderança a partir da cidade de São Paulo e fazendo escola entre seus pares a ponto da liturgia dos cultos de sua igreja ser reproduzida em outras igrejas (SOARES: 2002, 56 e 58).

O Pastor Rubens Lopes (01/10/14-03/11/79) exerceu enorme influência sobre o Ministério Pastoral Batista, especialmente em São Paulo, onde atuou como Pastor da Igreja Batista em Vila Mariana por quarenta anos (1939-1979)<sup>18</sup>. Foi Presidente da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil Seção São Paulo<sup>19</sup> por 32 anos seguidos (1942-1973). Além disso, foi ele o presidente que dirigiu a CBB em 1965, ano em que se definiu a “Questão Doutrinária” que dividiu os batistas.

Por dois fatos diferenciados, Pr Rubens foi o presidente que mais marcou a vida da Ordem, por ter sido o seu fundador e por tê-la dirigido por mais tempo, quase 32 anos, de 1942 a 1973, quando não mais aceitou sua reeleição. Sua atuação na liderança dos pastores batistas

<sup>18</sup> In [http://www.ibvm.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=103&Itemid=162](http://www.ibvm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=162). Acesso em 10/02/2015 as 18h27.

<sup>19</sup> Nome atual adotado a partir de 2003.

de São Paulo decorria da sua contribuição como pastor à frente da Igreja Batista de Vila Mariana, como líder denominacional tanto no cenário estadual como nacional e mundial. Presidente da Convenção Batista do Estado de São Paulo por 25 anos, de 1943 a 1966, 1969 e 1970. Presidente da Convenção Batista Brasileira nos anos de 1948, 1951 a 1954, 1958, 1961 a 1965, 1968, 1970 e 1978. Foi o idealizador, Presidente e timoneiro da inesquecível Campanha Nacional de Evangelização que abalou o Brasil nos anos de 1963 a 1965 e da Campanha das Américas. Lançou também a Campanha Mundial de Evangelização. Pregador dos mais notáveis, podendo ser considerado o maior pregador batista brasileiro do século XX e um dos mais destacados do mundo<sup>20</sup>.

Pr Rubens Lopes faleceu aos sessenta e cinco anos (65) quando ainda pastoreada a IB Vila Mariana. Dentre as muitas virtudes reconhecidas na liderança do Pr Rubens Lopes duas importantes características devem ser destacadas: o fervor evangelístico e seu amor pela denominação. O fervor evangelístico reafirma paradigmas da mensagem salvacionista, apologética e proselitista dos pioneiros, como verificaremos. Seu amor pela denominação é demonstrado pelo seu envolvimento e na carreira denominacional que galgou e que se tornou o veículo através do qual pôde dar vazão a este fervor evangelístico. Ambas as características são a reafirmação da postura e dos paradigmas dos pioneiros.

Seus pares assim o definiram na homenagem que lhe prestaram no livro que comemorou o Jubileu de Prata – 25 anos da OPBB-SP, em 1967:

Sim, referimo-nos ao Rev. Rubens Lopes, este ínclito homem de Deus – pastor humilde, sábio, equilibrado, sensato, consagrado, organizado, cujo ministério é digno de ser imitado por todos os ministros do Evangelho e que tem sido uma grande e significativa inspiração para os membros da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo (OPBESP: 1967, 6)

Cabe aqui elencar os paradigmas que ficaram estabelecidos no imaginário coletivo dos batistas brasileiros especialmente em seus pastores que eram os encarregados de ensinar e divulgar esses paradigmas.

Israel Belo de Azevedo afirma que a teologia protestante produzida no Brasil, e destacamos aqui que especificamente e especialmente entre os batistas brasileiros, pode ser percebida em sua formulação e na sua divulgação através das aulas ministradas nos seminários, nos sermões dominicais, no culto de estudo

---

<sup>20</sup> In: <http://www.opbb-sp.org.br/menu-institucional/menu-presidentes/66-rubens-lobes>. Acesso em 10/02/2015 as 18h24.

bíblico e oração nas quartas-feiras, nas revistas de treinamento para grupos etários, nos jornais doutrinário-noticiosos e nas canções de seus hinários (AZEVEDO IB: 1996, 158), ou seja, marcadamente nas práticas cotidianas na comunidade local. Especialmente sobre a teologia produzida pelos batistas brasileiros elenca as seguintes características:

É uma teologia

- Bíblica, no sentido de sistematizar o que já está na revelação neotestamentária;
- Supranacional, no sentido de não sofrer influência cultural;
- Apologética, no sentido de apresentar a verdade em contraposição ao erro, especialmente as proposições do catolicismo;
- Utilitária, no sentido de fornecer meio para a multiplicação numérica da congregação;
- Pedagógica, no sentido de instruir crentes novos e antigos nas verdades bíblicas (AZEVEDO IB: 1996, 224)

A partir desta inferência ele elenca os seguintes paradigmas que diz, também podem ser identificados em dois eixos e que “são comuns aos cristãos em geral e aos protestantes em particular”, mas especialmente identificam os batistas. Cada paradigma tem duas perspectivas: uma transcendental que revela a sua crença (Teologia Prática), e outra individual, que revela a sua práxis (Teologia Pastoral). A partir de sua análise é possível formar o seguinte quadro de paradigmas (AZEVEDO IB: 1996, 291-293).

### 1.5.3 PARADIGMAS DO PASTOR BATISTA BRASILEIRO

Quadro 2: Paradigmas Batistas

PARADIGMA	Eixo Transcendental/Teologia Prática	Eixo Individual/Teologia Pastoral
<b>TEISMO</b>	São trinitarianos na fórmula nicena. Teisticamente creem que Deus é pessoal e interage pessoalmente com sua criação. Conforme tradição neoplatônica na teológica cristã, Deus é o “totalmente outro”.	A vontade de Deus é se inter-relacionar com as vontades individuais, com as quais, no entanto, não entrará em contato se elas não o permitirem.
<b>BIBLICISMO</b>	São calvinistas em geral e concebem Deus como tendo uma vontade especial para cada ação humana. O conteúdo dessa vontade está expressa na Bíblia, livro de fé e conduta por ser a palavra revelada de Deus.	Procuram derivar da Bíblia todos os seus postulados. Ela é regra normativa para a teologia e para a devoção pessoal; tanto nas decisões com implicações individuais (morais) quanto nas de âmbito mais amplo (ética).
<b>CONVERCIONISMO</b>	Creem (contrariando o esquema neoplatônico) que o “totalmente outro” veio ao encontro de suas criações, pelo método da encarnação, para transformá-las (restaurá-las) e resgatá-las para si do domínio do pecado.	São tributários do agostiniano, do calvinismo e do paulinismo bíblico. Veem o homem como totalmente corrompido, completamente carente da graça de Deus para encontrar a salvação individual, intransferível e incorporativizável. Insistem na responsabilidade pessoal na aceitação ou na recusa do oferecimento deste encontro.
<b>CONTRACULTURALISMO</b>	Os valores de Deus, demonstrados em sua graça, são superiores e antipodais em relação aos valores humanos.	Para fruir melhor os recursos advindos da fonte da graça devem abandonar os costumes anteriores à experiência da conversão, vivendo como um peregrino na terra e passando a viver segundo os padrões de uma nova (contra) cultura, que, por ser superior, precisa ser oferecida a todos os homens.
<b>SALVACIONISMO</b>	Creem que Deus sempre desejou salvar os homens, razão por que faz um pacto com Abraão e, em Cristo, celebrou um novo pacto com o novo Israel (a Igreja) para o fim de realizar esta sua vontade geral.	Herdeiros do judaísmo primitivo, tomam como tarefa sua a evangelização do mundo, visando chamar todos os membros da humanidade para um encontro pessoal de reconciliação com Deus.

Estes paradigmas da teologia batista produzida no Brasil (Teologia Prática) delinearão a práxis dos pastores e igrejas batistas (Teologia Pastoral) especialmente até a segunda geração mencionada por esta pesquisa. No quadro abaixo está o esquema que delinea as três gerações.

Principal questão que determina cada geração de pastores		
1º Geração	2ª Geração	3ª Geração
Dos missionários pioneiros 1881 até os anos 1930	De meados de 1930 até meados de 1980	A partir da década de 1980
“Questão Radical”	“Questão Doutrinária”	“Contemporaneidade”
Autonomia administrativa dos missionários norte-americanos	A Doutrina do Espírito Santo e a primeira cisão denominacional	Relacionamentos do pastor com a contemporaneidade.

Quadro 3: Gerações de Pastores Batistas

Não será por acaso também que, a partir do final da década de 1970 e meados da década de 1980 seja possível observar mudanças incipientes, progressivas e significativas na práxis pastoral dos batistas brasileiros que vai determinar o surgimento da terceira geração de pastores que atua no momento e que é considerada nesta análise.

A partir daqui, neste terceiro período de cinquenta anos, nos encontramos na perspectiva que Gilberto Velho e Otavio Velho nos esclareceram. Passamos a analisar o “nós”. São análises que retratam a própria vivência do pesquisador, enquanto pastor integrante da terceira geração.

#### 1.5.4 TERCEIRA GERAÇÃO: O CONTEMPORÂNEO

A atual geração de líderes que atua no contexto da CBB, ou dos Batistas Brasileiros em São Paulo (âmbito da Convenção Batista do Estado de São Paulo – CBESP) tem sua teologia prática e sua teologia pastoral peculiares. Algumas características são impostas pelo momento histórico em que vive e essas peculiaridades circunstanciais contribuem para o acolhimento desta práxis pastoral (Teologia Pastoral) por vezes sem uma análise teológica elaborada que a explique e valide (Teologia Prática).

Este movimento de transformação de paradigmas existe numa dinâmica de retroalimentação em que, ao mesmo tempo, alguns novos paradigmas são impostos aos pastores e estes, por sua vez, enquanto agentes desta nova práxis atestam sua validade e a consolidam. Outras vezes eles são fruto de elaboração teológica diante da demanda da realidade da comunidade local, ou seja, a realidade exige uma resposta teológica que uma vez elaborada explica a realidade e a define como um novo paradigma.

Pode-se observar algumas áreas que apresentam essa transformação para novos paradigmas e que elencamos de maneira sintética neste primeiro momento em alguns eixos. É o caso de apresentá-los num exercício de contextualização, ainda que não de maneira exaustiva, visto não ser esse o objetivo da pesquisa.

#### 1.6 EIXOS DE TRANSFORMAÇÃO

**Eixo Sociológico:** A presente geração de pastores está sob a influência dos efeitos “tardios” da Modernidade (ou pós-modernidade), ou seja, a secularização e a urbanização se tratados de maneira abrangente ou coletiva (COX: 1971; BAUMAN: 1998; LIBÂNIO: 2001), e ainda a pluralização, a privatização e a secularização se tratados de maneira mais subjetiva ou particular (AMORESE, 1998) que afetam de maneira específica a práxis pastoral atual em contraste com as gerações passadas que por mais que pudessem prever tais condições jamais as enfrentaram de fato.

**Eixo Educacional:** A presente geração de pastores batistas tem a oportunidade de formação acadêmica específica e continuada na área de Teologia ou das Ciências da Religião, inclusive por conta do reconhecimento dos cursos de

Teologia pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) a partir de 2004. As gerações passadas buscavam em outras áreas do saber a formação acadêmica que validasse sua vocação e proporcionasse reconhecimento social. Havia a possibilidade de especialização no exterior, reservada aos alunos notáveis e dispostos (PEREIRA: 1982, 283; DIAS: 2011, 13). Esta especialização, porém, era realizada num contexto completamente diferente da realidade brasileira onde pretendiam atuar e que, por fim, contribuía para validar o paradigma missionário.

**Eixo Teológico:** A presente geração de pastores batistas tem sido impactada pelo confronto com diversas teologias contemporâneas com destaque nesse período para a Teologia da Prosperidade e o Neopentecostalismo. Os efeitos da pós-modernidade no campo teológico levou-a a uma mensagem apologética, especialmente, contra o neopentecostalismo com viés de teologia da prosperidade. Também o confronto com a pluralidade teológica e eclesiológica que, no entanto, não a fez abandonar a mensagem salvacionista, apologética e exclusivista que marcou os primórdios da igreja batista como igreja de missão.

**Eixo Homilético:** A presente geração de pastores batistas compreende a pregação como ensino e docência. Esta característica é observada na transposição de uma pregação menos apologética, característica das gerações anteriores, e mais expositiva. O crescimento dos chamados “evangélicos” no Brasil nas últimas décadas e entre os históricos, os batistas, pode ser interpretado a partir da hipótese de que houve um deslocamento do eixo uma vez que a pregação apologética de gerações anteriores surtiu efeito gerando uma demanda por manutenção do grupo conquistado, ou seja, uma ênfase no ensino e discipulado dos prosélitos.

**Eixo Denominacional:** A presente geração de pastores batistas vive a desmitificação da figura institucional acompanhando a tendência da sociedade (eixo sociológico). Esta desmistificação se manifesta no respeito pela denominação ou numa vinculação formal, mas no baixo comprometimento com a manutenção e participação de sua estrutura. A presente geração não “anseia” por uma carreira denominacional como era característica das gerações anteriores. Sua atuação é focada na sua igreja local e nos próprios desafios ministeriais pessoais.

A partir destas observações que são fruto também da vivência do pesquisador é possível montar o seguinte quadro analítico:

EIXO	PARADIGMA	TENDÊNCIA
<b>Sociológico</b>	Prática pastoral evangelística	Prática pastoral em contexto de secularização e urbanização
<b>Educacional</b>	Graduações diversas ou especialização no exterior	Especialização na área Teológica ou das Ciências da Religião
<b>Teológico</b>	Teologia Reformada com ênfase na Doutrina denominacional	Teologia Reformada em relação com demandas da contemporaneidade
<b>Homilético</b>	Pregação apologética especialmente contra o catolicismo	Pregação que se compreende como ensino e docência.
<b>Denominacional</b>	Integração e busca de uma carreira denominacional	Desmitificação da Instituição e ênfase nos desafios locais e pessoais

Quadro 4: Eixos, Paradigmas e Tendências

## 1.7 ANÁLISE

Neste contexto a igreja batista e seus paradigmas é apresentada como a Igreja Antiga, não no sentido de velha, mas no sentido de referencial histórico. Enquanto os pastores batistas e seus arquétipos são os Pastores Novos, não no sentido de novidade, mas no sentido da representação da construção do contemporâneo.

A questão então é em que medida é possível observar esses paradigmas no pastor batista e seus arquétipos e analisar uma eventual mudança desses paradigmas?

Um caso, dentro da terceira geração, que pode ser tomado como paradigmático e, portanto, exemplo de enfrentamento das tendentes transformações elencadas no quadro 4 acima e que envolve bem de perto o “nós” diz respeito aos pastores que cursaram a pós-graduação *Strictu Sensu* na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

A educação continuada, especialmente na pós-graduação em Ciências da Religião se constitui num fator desencadeador de mudanças nos paradigmas e arquétipos pastorais batistas?

É possível observar quem veja esta mudança com receio ao argumentar que o pastor pode afastar-se dos ideais denominacionais, uma vez que essa educação continuada nem sempre é realizada em uma instituição confessional que tenha compromisso ideológico com a reafirmação desses ideais denominacionais. Esta questão ainda é uma área de penumbra.

Para tanto é necessário identificar o “pastor batista” para poder definir que mudanças de paradigmas e arquétipos ele enfrenta?

Essa preocupação é pertinente?

Os pastores batistas ligados a CBB e em São Paulo à CBESP, em sua grande maioria receberam sua formação teológica no nível do bacharelado em instituições confessionais livres, isto é, Seminários, Faculdades, Institutos Bíblicos, etc com cursos de Teologia não reconhecidos pelo MEC, ainda que muitas destas instituições procurassem adequar-se às regras do MEC. Esta era a única realidade possível à época visto que nenhum curso de teologia de qualquer confissão no Brasil, antes de 2004, tinha este reconhecimento.

Estas instituições objetivavam reafirmar a doutrina batista e gerar mão-de-obra para a igreja local e para os desafios denominacionais, uma vez que sua existência estava atrelada a esta função dentro da estrutura denominacional. Este é um entendimento que segue a lógica de que a educação é ideológica<sup>21</sup>, ou seja, a educação também se presta ao papel de participar de um sistema de ideias interdependentes, sustentadas por um grupo social que acaba por refletir, racionalizar e defender seus próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes morais, religiosos, políticos ou econômicos<sup>22</sup>.

Esta realidade pode ser observada a partir de algumas características contextuais verificadas especialmente no período a partir da década de 1980 na Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP) que aqui será tomada como um

---

<sup>21</sup> Para uma definição mais aprofundada e precisa ver CHAUI, Marilena. O que é ideologia. 2ª ed. 9ª impressão da 2ª Ed. de 2001 – Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

<sup>22</sup> Houaiss In: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=ideologia>. Acesso em 10/02/2015 as 18h31.

paradigma (referencial ou exemplo) do que era a situação recorrente em outras instituições batistas de ensino teológico-ministerial pelo Brasil. Um estudo específico de cada instituição invariavelmente observará as mesmas características. Para nos situarmos dentro da proposta de análise da terceira geração de pastores serão considerados os anos que precederam o reconhecimento do curso de teologia pelo MEC (2004) e dos quais foi possível realizar a observação *in locum*<sup>23</sup>. Nele é possível observar:

### 1.7.1 BACHARELADO

Há uma notória influência dos missionários norte-americanos alocados como professores nas instituições brasileiras que eram financeiramente sustentados integralmente por suas missões americanas. Além de não darem custo financeiro para a instituição ajudavam-na com doações provenientes dos EUA. Alguns professores foram especialmente marcantes na formação de gerações de pastores como o Dr Russell Philip Shedd<sup>24</sup> que foi professor na FTBSP por vinte e cinco anos. Além disso, outros professores brasileiros como o caso do Dr Werner Kaschel<sup>25</sup>, que foi Diretor da FTBSP de 1972 a julho de 1988<sup>26</sup> e o Deão Pr Bertoldo Gatz no mesmo período, tiveram sua formação teológica em Seminários norte-americanos. Apesar de serem pensadores, estudiosos ou acadêmicos, estes professores exerceram forte influência com uma teologia protestante, conservadora e confessional.

Também através da bibliografia empregada para as matérias observa-se a mesma influência visto que era basicamente formada de autores norte-americanos,

---

<sup>23</sup> O pesquisador estudou na FTBSP, formando-se em 1993.

<sup>24</sup> Dr Russell Philip Shedd - Presidente Emérito de Edições Vida Nova. É Ph.D. em Novo Testamento pela Universidade de Edimburgo, Escócia. Fundou a Edições Vida Nova há 50 anos e atualmente é consultor da Shedd Publicações. Faz parte da Missão Batista Conservadora no Sul do Brasil e trabalha em terras brasileiras desde 1960. Lecionou na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e é aclamado no Brasil e exterior como conferencista. É autor de vários livros publicados por Edições Vida Nova ou Shedd Publicações. Foi o editor do Novo Comentário e Novo Dicionário da Bíblia. São da autoria dele os comentários da Bíblia Shedd da Bíblia Vida Nova. In: <http://www.vidanova.com.br/diretoria.asp>. Acesso em 14/11/2014 as 18h15

<sup>25</sup> Dr Werner Kaschel bacharelou-se em teologia no Seminário do Sul da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Campinas, em 1944. Fez o mestrado no Seminário Batista, (Southwestern), Fort Worth, Texas, em 1949, e o doutorado em Filosofia, no Seminário Batista, (Southern), em Louisville, Kentucky, em 1971. In <http://noticias.gospelprime.com.br/faleceu-werner-kaschel-lider-batista-que-participou-da-traducao-da-biblia-e-de-hinos-cristaos/>. Acesso em 14/11/2014 as 18h19.

<sup>26</sup> Antes dele o missionário americano Dr Thurman Earl Bryant foi Diretor de 1961 a julho de 1972. In <http://www2.teologica.br/webportal/home/institucional/historico>. Acesso em 14/11/2014 as 18h20.

especialmente a bibliografia oferecida através de livros publicados por Edições Vida Nova da qual Dr Russell Philip Shedd é fundador e presidente emérito e foi seu presidente executivo de 1962 a 1990.

O referencial teórico adotado neste período privilegia o estudo teológico e sua ênfase está fixada exatamente no diálogo da Teologia e da Filosofia com a Doutrina Denominacional sem, no entanto, desprezar outras ciências sociais, especialmente a Psicologia.

O método hermenêutico comumente adotado para se alcançar a “fiel interpretação da Bíblia”<sup>27</sup> foi o histórico-gramatical. Posteriormente à aposentadoria do Pr Karl Lachler<sup>28</sup>, missionário norte-americano e professor na FTBSP, foi lançado o livro “Prega a Palavra”<sup>29</sup> que era a compilação das anotações das apostilas de suas concorridas aulas de “Pregação Expositiva” onde o método foi adotado e disseminado.

Em termos de obtenção de qualificação ou num paralelo ao termo profissionalização, podemos afirmar que o principal objetivo do curso era equipar ou treinar o estudante para o exercício do ministério pastoral no âmbito de uma igreja batista local e para os desafios da denominação.

Tal ênfase é notada nas crises que a instituição enfrentou ao longo de sua história com as exigências denominacionais. Em 1988 culminou com a saída do Pr Werner Kaschel pois

a intenção da JET (Junta de Educação Teológica) era trazer um pastor para dirigir a FTBSP com o objetivo explícito de alterar o rumo da ênfase no ensino de teologia, fazendo com que a formação da figura do pastor batista voltasse a ser o paradigma do curso (ALVES, 2005, 24)

A influência norte-americana através de professores e literatura, a ênfase no diálogo da teologia e filosofia com a doutrina denominacional, no método

<sup>27</sup> A Expressão ‘reconhece a Declaração Doutrinária da CBB como fiel interpretação das Escrituras Sagradas’ é utilizada no estatuto de vários órgãos ligados a CBB como garantia de fidelidade doutrinária.

<sup>28</sup> Foi missionário durante 32 anos no Brasil. Colaborou para a implantação de igrejas, entre elas a Primeira Igreja Batista de Fernandópolis, a Segunda Igreja Batista de São José do Rio Preto e foi um dos pastores fundadores da Primeira Igreja Batista de Atibaia. Também foi colaborador e conferencista na Aliança Bíblica Universitária (ABU) e lecionou na Faculdade Teológica Batista de São Paulo durante 18 anos. Atualmente ele e sua esposa Margarete moram em Michigan e colaboram com sua igreja local. In: <http://www.vidanova.com.br/autores.asp?codigo=106>. Acesso em 14/11/2014 as 18h14

<sup>29</sup> LACHLER, Karl. *Prega a Palavra: passos para a exposição bíblica*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

hermenêutico histórico-gramatical e na qualificação para atuar na igreja local e nos desafios denominacionais são destaques deste ambiente do bacharelado.

### **1.7.2 PÓS-GRADUAÇÃO**

Tomaremos aqui como exemplo o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (PPG-CdR-UMESP) por dois motivos. Primeiro porque pesquisamos “nós” e assim estamos partindo do lugar conhecido uma vez que o pesquisador está neste ambiente. Segundo, porque é possível identificar um grupo significativo de pastores batistas que já realizaram sua pós-graduação na UMESp e estão ativos tanto no ministério pastoral quanto na atividade docente. É muito provável que observem a mesma situação.

Um levantamento de dados através do site da PPG-CdR da UMESp, considerando os títulos das dissertações e o nome dos discentes, observaremos a presença de diversas alunas e alunos batistas. Um índice de mais de 12% (doze por cento) das dissertações e teses apresentadas foram de discentes batistas.

No caso das dissertações de mestrado dois fatos chamam a atenção. Primeiro, o fato de que mais de 20% (vinte por cento) serem produções femininas. É um dado significativo, visto que estas alunas são oriundas do ambiente batista no qual o ministério pastoral é notadamente masculinizado e resistente ainda ao ministério pastoral feminino. Como o PPG-CdR tem um foco no preparo de docentes e pesquisadores é possível inferir que o número de docentes e pensadoras femininas na área da teologia e das ciências da religião deverá crescer nas instituições de ensino e preparo ministerial num futuro próximo. Segundo é o fato de que das 44 (quarenta e quatro) dissertações listadas 30 (trinta) delas, isto é, 68,18% (sessenta e oito vírgula dezoito por cento) discorrem sobre o universo batista, o que gera maior produção de pesquisa e informações sobre os próprios batistas. A possibilidade de um desvirtuamento doutrinário desses pesquisadores parece que tem sido substituído pela curiosidade nata existente em qualquer pesquisador em busca de respostas para suas próprias inquietações. Em termos denominacionais, o que se percebe a partir destas pesquisas é a geração de uma “massa crítica” que pode, eventualmente, ser um problema para algum grupo hegemônico que venha a

lutar por perpetuação no poder institucional, mas não para a denominação propriamente dita.

Um exemplo salutar é que o trabalho batista no Brasil teve sua rediscussão e a redefinição da data de seu início a partir de uma pesquisa do PPG-CdR-UMESP<sup>30</sup>.

A pesquisa apontou os seguintes dados conforme o quadro analítico abaixo<sup>31</sup>:

FORMADOS NO MESTRADO			FORMADOS NO DOUTORADO	
Período	Numero de Formados	Observação	Período	Numero de Formados
Até 2000	1	10 mulheres (22,7%) e 34 homens (77,3%)	2001 – 2014	15
2001 – 2009	35		Observações:	
2010 – 2014	8		12 Mestres pela UMESP também se formaram como Doutores	
Total	44		2 mulheres (13,33%) e 13 homens (87,67%)	
12,77% das 562 Dissertações			12,13% das 182 Teses	
30 dissertações (68,18%) trataram de pesquisa entre os próprios batistas				

Quadro 5: Mestres e Doutores Batistas pela UMESP

Portanto, a partir desta constatação, podemos afirmar as seguintes mudanças observadas:

### 1.7.2.1 POSTURA INDIVIDUAL

Há uma mudança de postura individual, isto é, no e enquanto sujeito subjetivo. No PPG-CdR aquele que era o pastor da denominação e/ou estudante de Teologia passa a ser tratado como pesquisador e, portanto, passa por uma mudança dos eixos referenciais que haviam sido estabelecidos no bacharelado.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Marcelo dos Santos. O Marco Inicial: uma análise do registro histórico dos primórdios do trabalho batista no Brasil a partir do método historiográfico de Michel de Certeau. Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

<sup>31</sup> **Teses de Doutorado** In: [http://portal.metodista.br/posreligiao/publicacoes/teses-e-dissertacoes/teses-de-doutorado ...](http://portal.metodista.br/posreligiao/publicacoes/teses-e-dissertacoes/teses-de-doutorado...); **Dissertações de Mestrado** In: [http://portal.metodista.br/posreligiao/publicacoes/teses-e-dissertacoes/dissertacoes-de-mestrado ...](http://portal.metodista.br/posreligiao/publicacoes/teses-e-dissertacoes/dissertacoes-de-mestrado...) Acesso em 15/11/2014 as 19h41.

### 1.7.2.2 AMBIENTE INTERRELIGIOSO

Há uma mudança institucional. Existe a mudança de instituição porque não havia nenhuma instituição batista com curso de bacharelado em Teologia reconhecido pelo MEC como dito. Os cursos de pós-graduação oferecidos em nível *Strictu Sensu* (mestrado e doutorado) por instituições batistas brasileiras, tanto quanto seu bacharelado, também não eram reconhecidos pelo MEC. Apesar disso, gozavam de valor e apelo simbólico no âmbito da denominação. Somente em 2012 a Faculdade Teológica Batista do Paraná torna-se a primeira instituição batista a ter seu curso de mestrado em Teologia reconhecido pelo MEC.

As instituições batistas de ensino teológico-ministerial podem buscar o reconhecimento de seu curso de bacharel em teologia com ações concretas a partir de 2004 quando da publicação da portaria do MEC<sup>32</sup>. Até esta data as instituições procuravam aproximar seus cursos das normas que o MEC mantinha para cursos sob sua tutela. Adequação do projeto político-pedagógico, carga horária, grade curricular, biblioteca, estrutura física e administrativa, titulação de professores especialmente mestrados e doutorados obtidos nos EUA por professores norte-americanos e brasileiros cuja formação acadêmica tivesse algo a ver com a formação teológica-ministerial eram os objetivos perseguidos.

Esta é uma orientação denominacional que surgiu desde o Primeiro Congresso de Pastores Batista do Brasil em 1958, onde se manifestou a preocupação com a proliferação de seminários menores e que culminou com a decisão da Primeira Conferência de Educação Teológica em 1967 na “Igreja Batista 2 de Julho” na Bahia de orientar os Seminários sobre a “Adaptação dos Currículos de nossas Instituições Teológicas de Nível Médio à Lei de Diretrizes e Bases com vistas ao Reconhecimento Oficial” (PEREIRA: 1982, 283-286); situação que só ocorreu como dito em 2004.

Como não havia instituições batistas que pudessem promover a integralização de créditos nem oferecer cursos em nível de pós-graduação dentro das normativas do MEC, os pastores batistas migraram para instituições de ensino

---

<sup>32</sup> A FTBSP tem seu credenciamento e autorização para funcionar o curso de bacharel em teologia pelo MEC através das portarias do DOU nº 1719 e 1720 de 19/05/2005. In: [http://www2.teologica.br/webportal/home/images/stories/artigos/MEC\\_Autorizacao\\_Teologica.pdf](http://www2.teologica.br/webportal/home/images/stories/artigos/MEC_Autorizacao_Teologica.pdf). No entanto, a primeira instituição batista a ser credenciada pelo MEC foi a Faculdade Teológica Batista do Paraná através da portaria do Ministério da Educação nº 1637 de 31/05/2002 e o curso reconhecido pela portaria nº 4227 de 06/12/2005.

teológico de outras denominações para convalidar seu curso de bacharelado em teologia e para ingressar na pós-graduação, especialmente em programas de PPG-CdR com o intuito de se qualificarem como professores nas instituições de ensino teológico-ministerial batistas que buscavam o reconhecimento do seu curso de bacharel em teologia pelo MEC ou mesmo continuar em instituições de curso livre.

Esta migração tem promovido um deslocamento dos eixos estabelecidos nos cursos do bacharelado em teologia anteriormente cursados.

### **1.7.2.3 INFLUÊNCIA TEOLÓGICA**

As leituras exigidas no curso colocam os pastores-pesquisadores em contato com uma gama maior de teólogos e pensadores além dos norte-americanos. Assim a reflexão passa a ser baseada também em teólogos europeus, latino-americanos, africanos, asiáticos e brasileiros, tanto antigos como contemporâneos. Além disso, há sociólogos, filósofos, educadores, historiadores, etc nas leituras exigidas nas ementas. Nem teólogos nem pensadores de outras áreas são necessariamente evangélicos ou protestantes. Também entram em contato com a dinâmica de outras tradições e denominações do cristianismo e com outras religiões num ambiente acadêmico e de mais ampla alteridade.

Seu referencial teórico é deslocado do diálogo entre a Teologia e a Filosofia, isto é, fé e razão, com a Doutrina Denominacional para um diálogo entre as Religiões e as Ciências Sociais, isto é, a sociologia, psicologia, pedagogia, história, ética, economia, e etc., donde surge a ênfase nas Ciências da Religião como adotado no PPG-CdR-UMESP, por exemplo.

A interpretação da Bíblia passa a ser feita pelo método hermenêutico crítico e outros métodos contemporâneos que não tem a intenção de confirmar doutrinas ou afirmações confessionais, mas pelo contrário, tem a intenção de analisar a Bíblia, agora considerada como mais um livro de texto sagrado dentre tantos outros, através de ferramental científico que aponha a racionalidade e a fé.

### 1.7.2.4 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Em termos de obtenção de qualificação ou profissionalização, podemos afirmar que o principal objetivo do curso do PPG-CdR é equipar o estudante para o ambiente acadêmico como pesquisador ou docente, isto é, habilitá-lo ao magistério no ensino superior e a continuar suas pesquisas em nível de doutorado e pós-doutorado. Portanto, não há intenção de treinar o estudante para o exercício prático do ministério pastoral no âmbito de uma igreja batista local ou para os desafios denominacionais.

Estas transformações são possíveis de serem observadas no quadro comparativo abaixo. O quadro é montado destacando sete características em que é possível observar, também a partir da própria experiência do pesquisador, mudanças de ênfases que proporcionam uma ambiência propícia a transformações dos paradigmas e dos arquétipos mencionados nesta pesquisa.

O quadro contempla o ambiente acadêmico, o corpo docente, a bibliografia, o projeto pedagógico e a qualificação profissional que os cursos oferecem. O Bacharelado tem uma forte ênfase denominacional. É exclusivista valorizando os valores denominacionais intramuros e limitante da atuação do pastor. Enquanto o PPG-CdR tem uma clara ênfase na pluralidade e numa proposta de atuação extramuros.

<b>Quadro Comparativo Bacharelado x PPG-CdR-UMESP</b>	
<b>Bacharelado</b>	<b>PPG-CdR</b>
Ambiente Confessional	Ambiente Inter-religioso
Professores missionários norte-americanos batistas e/ou pastores batistas brasileiros	Professores brasileiros e estrangeiros de diversas nacionalidades e confissões
Literatura e pensadores norte-americanos	Pensadores (as) e literatura europeia, latino-americana, brasileira e asiática.
Teologia Protestante Conservadora com ênfase denominacional	Teologia Plural (Protestante, Católica, Liberal, Feminista e etc.)
Método hermenêutico histórico-gramatical	Método hermenêutico histórico-crítico e correntes contemporâneas
Ênfase no diálogo da Teologia e Filosofia com a Doutrina e práticas denominacionais	Ênfase no diálogo entre as Religiões e as Ciências Sociais
Qualificação para o ministério pastoral denominacional	Qualificação para a pesquisa e a docência na Academia

Quadro 6: Comparativo entre Bacharelado e Pós-Graduação

## 1.8 JUSTIFICATIVA

A pesquisa parte das observações do proponente. A análise a respeito da relação do pastor batista com sua contemporaneidade tem sido necessária e esta afirmação é baseada na experiência do proponente como Pastor batista em igreja local há dezenove anos, formado em Teologia num curso livre em uma instituição batista (FTBSP-1993) com a integralização de créditos numa instituição luterana (EST-2009) e na sua atuação na Diretoria e em comissões da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Seção São Paulo nos últimos quinze anos, bem como na denominação através de cargos no Conselho e em comissões da Convenção Batista do Estado de São Paulo.

A relevância da pesquisa se justifica, pois uma denominação com a expressão social e religiosa dos Batistas Brasileiros bem como pelos cento e quarenta anos de trabalho ininterruptos precisa ter mais informações para uma reflexão mais consistente a respeito de si mesma e de seus quadros, isto é, uma reflexão e análise de suas articulações e lógicas internas que permitam formar estes mesmos quadros, com seus paradigmas e arquétipos, para que correspondam as demandas contemporâneas tanto da igreja local como da sociedade em geral com excelência, correndo o risco de, se assim não for, tornar a sua mensagem e a eficácia de sua atuação nesta mesma sociedade, deficiente ou quiçá ineficientes.

## 1.9 CONCLUSÃO

A análise dos paradigmas do pastor batista ligado a CBB através desta pesquisa será feita por um pastor batista. O desafio de pesquisar e analisar os paradigmas de “nós”, portanto, deverá ser enfrentado pela constante aproximação e distanciamento do sujeito da pesquisa.

Os paradigmas – os exemplos exemplares - de entendimento (Teologia Prática), de procedimentos (Teologia Pastoral) e de personalidade são admitidos enquanto dão conta da realidade gerando uma zona de conforto, mas passam por disrupturas quando questões não respondidas se acumulam gerando uma zona de penumbra de incertezas, ou seja, uma zona de obscuridade exigindo mudanças subjetivas e objetivas no pastor – sua ontogenia, e seu ministério – sua filogenia.

Das três gerações de pastores definidas - pioneiros, consolidadores e contemporâneos - a presente geração enfrenta pressão nos paradigmas herdados em várias áreas, sendo um exemplo paradigmático desta pressão por mudanças a experiência de alunos que cursam um PPG-CdR.

# SOCIOGÊNESE

## Uma História em se fazendo

### 2.1 METODOLOGIA: PIERRE SANCHIS

Para alcançar os propósitos desta pesquisa serão utilizadas as percepções de Pierre Sanchis<sup>33</sup> sobre o campo religioso no Brasil, especialmente suas ideias esposadas em seu texto “O Campo Religioso será ainda o campo das Religiões?” (PIERRE SANCHIS: 1995). Elas darão norte à análise que se pretende fazer uma vez que suas percepções veem ao encontro das demandas desta pesquisa.

Além disto, duas características devem ser mencionadas mesmo que pareça redundante fazê-las aqui. Pierre Sanchis é um especialista em Religião que trabalha e escreve desde o Brasil. Ou seja, a primeira característica é a afirmação de seu campo de pesquisa; a segunda é a afirmação de seu lugar hermenêutico. O lugar hermenêutico deve ser considerado como componente determinante de análises

---

<sup>33</sup> Joseph François PIERRE SANCHIS. Possui graduação em Dual de Sociologia - Université Paris-Sorbonne (1969), graduação em Teologia - Université de Strasbourg (1955), mestrado em Ethnologie Anthropolgie Et Science Des Religions - Université Paris Diderot (1972) e doutorado em Sociologie - Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (1976). Atualmente é professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, religião, catolicismo, sincretismo e campo religioso - Brasil. Texto informado pelo autor. Última atualização 04/11/2012. Acesso 03/10/2014 08h48 In: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4788597J6>

sobre o campo religioso e, neste caso, Pierre Sanchis está inserido no espaço-tempo de seu campo de pesquisa.

Isto o aproxima dos caminhos desta pesquisa que pretende analisar os pastores batistas brasileiros que atuam em São Paulo e que é levada a cabo a partir do olhar de um pastor batista que atua em São Paulo. Campo de pesquisa e lugar hermenêutico por conta disso podem ser considerados similares.

Para Pierre Sanchis os recortes de espaço-tempo na pesquisa do campo religioso devem ser considerados com cuidado uma vez que há uma existencialidade decisiva no campo religioso. Ou seja, no campo religioso a religiosidade é o que simplesmente se faz aqui e agora. Apesar das instituições, grupos, indivíduos e acontecimentos que podem ser encontrados neste espaço-tempo, afirma ele que “é a sua atual dinâmica que é decisiva”.

Aparentemente contraditório afirma também ser impossível analisar o presente sem considerar o passado e mais, que as mesmas instituições, grupos, indivíduos e acontecimentos não “emergem num vazio de fatos, de traços e lembranças de fatos, de produtos de fatos anteriores”, pois as reações destes atores estão entremeadas na construção e reconstrução do campo religioso. Sua análise considera que o campo religioso é sempre uma “*história em se fazendo*”, isto é, está em constante construção-reconstrução sobre si mesmo. Ele afirma:

O cenário de uma história *em se fazendo* não é outro senão o da história já feita, o intuíto emerge do instituído, articulando-se a ele, mesmo se é para inflecti-lo, deturpá-lo, negar algumas de suas potencialidades mais visíveis, criar em cima dele (PIERRE SANCHIS: 1995, 81)

Pierre Sanchis considera impossível analisar o campo religioso contemporâneo sem o conhecimento de suas raízes, isto é, ele afirma que sem a consideração da sua trajetória histórica a contemporaneidade pode ficar com diversas lacunas sem explicação ou compreensão. Ao mesmo tempo considera ilusório imaginar o presente como simples “projeção do passado” ou uma “reprodução obstinada” desse passado como se fosse uma história cíclica.

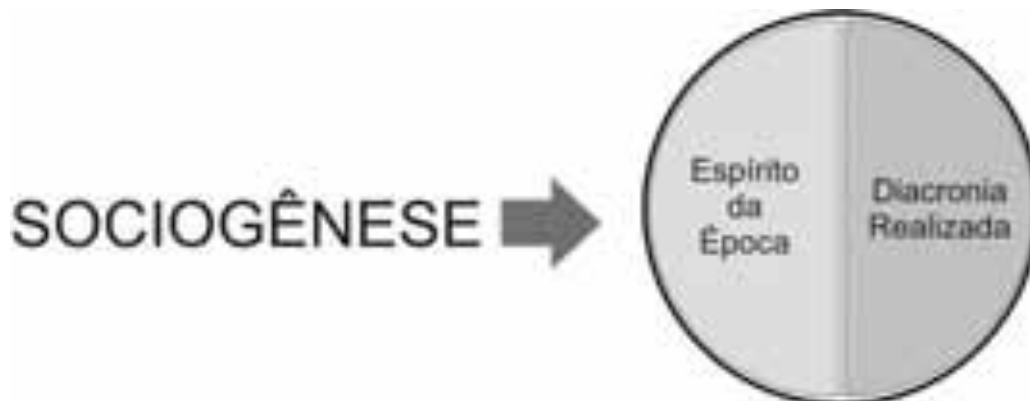
Ele proporrá uma articulação entre dois elementos em “termos realisticamente empíricos”.

Primeiro uma abordagem do “espírito da época”<sup>34</sup> através das “remanências teimosas e... criativas do passado com as emergências novadoras da atualidade” do objeto de pesquisa especificamente. Isto é, o objeto precisa ser considerado em sua temporalidade, tanto na manifestação presente do objeto quanto nas “recapitulações temporais” constatadas.

Segundo a consideração da sua diacronia particularmente localizada, ou seja, o conjunto dos fenômenos sociais, culturais e etc. que ocorrem e se desenvolvem através do tempo<sup>35</sup> devem ser estudados e considerados em sua localização geográfica. Ou seja, é possível constatar diferenciações locais de um mesmo fenômeno universal.

Pierre Sanchis resume sua propositura da seguinte maneira:

Para tratar do campo religioso contemporâneo, teremos, pois, de nos referir, não só à atualidade, mas a uma sociogênese que enraíza esta atualidade em “outros tempos”; não só a um espaço global, que tende hoje a se universalizar, mas à relação com este espaço do espaço especificamente brasileiro (PIERRE SANCHIS: 1995, 82)



Quadro 7: Sociogênese

Após definir seu método Pierre Sanchis descreve “um campo religioso em universal transformação” no qual o objeto desta pesquisa está inserido. Ele determina quatro níveis de análise deste campo:

<sup>34</sup> Apesar de não utilizar exatamente esta expressão a ideia é a mesma de *Zeitgeist* ou Espírito da época, utilizado aqui como um conceito popularizado da obra Filosofia da História de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que quer expressar, grosso modo, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa determinada época, ou seja, as características genéricas de um determinado período de tempo.

<sup>35</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=diacronia>

## 2.2 NÍVEIS DE ANÁLISE DE CAMPO

No **Nível político**, ele define o fim dos blocos estanques que deflagram um ambiente de incerteza e anarquia classificatória onde as fronteiras identitárias são maleáveis e deixam os campos em constante transformação e relativizados. Neste sentido perde-se a noção do outro opositor e seu encontro e diálogo podem enriquecer e produzir um roteiro plausível.

No **Nível cultural**, ele define o fim da visão de mundo e *ethos*. A particularização dá lugar a pluralização onde o outro deixa de ser *outro-antagônico* e passa a ser *outro-acolhido* “de modo ambigualmente rico e perigoso pelo encontro” de iguais, visto que este acolhimento passa pela aceitação por parte deste outro dos valores universais que nossa diferença representa e a qual chamamos de lei comum. Isto é, nossa particularidade que nos define é ao mesmo tempo identificada com a universalidade a qual o outro deve aderir. Pierre Sanchis vê aí uma complexa dialética entre um “universal” e uma “diferença” que acarreta sérios problemas sócio-políticos.

No **Nível psicológico**, ele afirma que o Sujeito transcendente é uma experiência rarefeita, pois que existem muitos “Eus” de reserva a substituir o personagem principal conforme a necessidade ou conveniência; portanto, afirma ele, seria necessário ir ao indivíduo para encontrar o “sujeito verdadeiro”.

No **Nível epistemológico**, ele afirma que vivemos o “exorcismo generalizado da unicidade da verdade”, pois, toda verdade é histórica e plural, ou seja, é uma construção da articulação entre objeto e o sujeito socialmente situado. Segundo Pierre Sanchis, alguns consideram essa verdade “necessariamente relativa”; ele, no entanto, argumenta no sentido de estabelecer uma lógica interna articulada no intercâmbio da experiência e da retórica do testemunho e que não necessariamente atenda às leis da Lógica e que no fim, acaba gerando um “pluralismo da própria razão” que tem expressão concreta no terreno da fé.

Segundo Pierre Sanchis, estes elementos, analisados juntos (PIERRE SANCHIS: 1995, 82-86), deveriam simplesmente determinar...

“que a religião tinha deixado de conferir sentido às totalidades sociais. O próprio processo de Secularização definia-se em parte por esta componente. Uma função que, tradicionalmente, competia à religião: criar sentido para a vida coletiva estava sendo acuada a

refluir – se não desaparecesse – para o campo individual. Ora, a atualidade<sup>36</sup> obriga a articular a tese com a sua contrária: assiste-se a uma nova emergência das religiões como candidatas a emblemas de sociedades, de culturas e nações... (PIERRE SANCHIS: 1995, 86)

Ao falar sobre esse refluir da religião para o campo individual Pierre Sanchis colocava em dúvida a existência, de fato, de uma transformação civilizacional entre modernidade e pós-modernidade. Ele afirma:

Pois, se existe hoje uma lenta transformação civilizacional que *prolonga* a modernidade do Sujeito transcendental além dela própria, e ao mesmo tempo abole a mesma modernidade neste preciso sentido, é este deslizamento que constitui exatamente a pós-modernidade no campo da religião: a absolutização do indivíduo como raiz, núcleo e origem da própria vida social, como átomo legítimo de análise, enfim como critério único da verdade salvífica (PIERRE SANCHIS: 1995, 88).

Pierre Sanchis afirma que a religião está se reconfigurando não mais a partir das instituições, mas a partir das necessidades, aspirações e experiências individuais. Ou seja, o conjunto de ideias, convicções e práticas religiosas identitárias são construídas, desfeitas e reconstruídas pelo indivíduo. Ele afirma que essa ação não pode ser identificada como uma síntese, mas como “Bricolagem”, no sentido de “faça do seu jeito” ou “faça você mesmo”.

Essa tendência é identificada por Pierre Sanchis através deste deslizamento prolongado como um “momento” de civilização que implica num pluralismo em quatro dimensões que ele assim nomeia:

**Existencial**, no sentido de num mesmo espaço coexistirem várias religiões oferecidas à adesão dos fiéis, ou seja, o mercado religioso.

**Multiplicidade**, no sentido de haver dentro de uma mesma religião ou tradição tribos identitárias de caráter seletivo e eletivo pelo fiel. Nelas ocorre a articulação das verdades individualistas à dimensão comunitária fortemente emocional e dependente de carismas individuais e que mesmo ligadas à instituição não se confundem simplesmente com elas.

**Foras das Instituições**, ou seja, ligados à diversas instituições diferentes e num espaço social minimamente definido cultivam traços e buscas comuns.

---

<sup>36</sup> O texto é datado de 1995.

**Pluralidade** que significa que dentro destes agrupamentos ocorre uma constante construção individual e bricolagem permanente com respeito a relativização da verdade ou da crença tanto de maneira objetiva quanto subjetiva, ou seja,

tanto o objeto de crença ou do princípio ético dele decorrente, quanto ... o caráter acabado e sintético da construção, ou ainda da índole lábil e vulnerável do gênero de engajamento proporcionado por uma adesão de tipo-crença” são envolvidos na relativização (PIERRE SANCHIS: 1995, 93).

Finalmente Pierre Sanchis advoga um pluralismo perfeito a ser captado, melhor entendido e que deverá ser considerado no estudo do campo religioso. Para corroborar esta ideia cita Ruth Cardoso:

Na imagem da sociedade pós-moderna, caleidoscópica, onde os vários fragmentos só ganham sentido ao pertencer a um conjunto que, entretanto, *não admite centralidade*, relevos ou pontos de fuga. Ao deixar de lado a questão do futuro das sociedades, os pós-modernos retiram da ação política (neste texto, de Ruth Cardoso, fala-se de política e não diretamente de religião) a dimensão mística e heroica e desqualificam as práticas que, orientadas para o Bem Comum, formavam o que se costumava chamar de ‘religião civil’. E era este o contexto no qual a participação, vista como dever do cidadão, se tornava a pedra angular do ativismo político (PIERRE SANCHIS: 1995, 94) <sup>37</sup>

## 2.3 MÉTODO E MÉTODOS

Cabe aqui uma nuance no enfoque. Até aqui nos é proposta uma visita ao passado que se faz presente para podermos realizar a sociogênese conforme indicado por Pierre Sanchis a fim de compreender que os batistas, mais do que os outros grupos cristãos do protestantismo de missão, vive esta realidade do “em se fazendo”. Especialmente porque se buscará perceber esta característica desde os eventos fundantes e ao longo de sua trajetória histórica. Mais marcadamente ainda é a realidade contemporânea que é passível de observação.

Neste sentido precisamos também de suporte metodológico.

Segundo Eva Maria Lakatos todas as ciências são caracterizadas por adotar um método ainda que nem todo ramo de estudo que adote um método possa ser

---

<sup>37</sup> Citando: CARDOSO, Ruth. *Isso é política? Dilema da participação entre moderno e pós-moderno*. Novos Estudos, 20, CEBRAP, 1988

considerada propriamente uma ciência. O que é fundamental, no entanto, é que “não há ciência sem o emprego de métodos científicos”, e ela assim define:

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (LAKATOS: 2007, 83)

Ela ainda afirma a distinção que se deve fazer entre método e métodos por conta da inspiração filosófica, grau de abstração, finalidade mais ou menos explicativa, a ação mais ou menos concreta nas etapas da pesquisa e o momento em que se situam. Assim distingue que “o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado dos fenômenos da natureza e da sociedade” e que são assim definidos:

Método indutivo – cuja aproximação dos fenômenos caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias (conexões ascendentes);

Método dedutivo – que, partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares (conexão descendente);

Método hipotético-dedutivo – que se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese;

Método dialético – que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade (LAKATOS: 2007, 106).

Por outro lado, afirma a existência dos *métodos de procedimentos* que são na realidade etapas mais concretas da investigação. Pode-se afirmar que são técnicas de investigação que exigem uma “atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitados ao domínio particular”. A área das ciências sociais se utiliza de vários deles concomitantemente.

Destacaremos, dentre aqueles que são listados por Lakatos, os que serão utilizados nos decorrer desta pesquisa:

Método Histórico pretende preencher os vazios dos fatos e acontecimentos apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstituído, que assegure a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos. Ou seja, é preciso localizar a instituição ou o indivíduo em seu ambiente social com suas condições concomitantes para poder compreender sua gênese e o seu desenvolvimento com suas sucessivas alterações.

Método Comparativo permite analisar o dado concreto deduzindo dele os elementos constantes, abstratos e gerais. Pode ser utilizado para estudo de largo alcance (gerais) ou de setores concretos (específicos) e em estudos quantitativos e qualitativos. Em qualquer fase e nível da investigação ajuda no estudo descritivo de uma estrutura, na classificação e construção de tipologias e a explicar ou apontar vínculos causais entre fatores presentes ou ausentes.

Método Monográfico consiste no exame de aspectos particulares de determinado grupo, mas se desenvolveu também para o estudo do conjunto das atividades de um grupo, respeitando assim a sua “totalidade solidária” em primeiro lugar.

Método Etnográfico é a análise descritiva das sociedades humanas, dizendo respeito aos seus aspectos culturais, seu estilo de ser. A observação é a técnica chave dessa metodologia.

“É um modo de investigar naturalista, baseado na observação, descritivo, contextual, aberto e profundo. O objetivo da etnografia é combinar o ponto de vista do observador interno com o externo e descrever e interpretar a cultura” (EISMAN, Leonor Buendia; BRAVO, Pilar Cólás; PINA, Fuensanta Hernández. *Métodos de investigación en psicopedagogia*. Pag. 258-261. Madri: McGraw-Hill, 1997 apud LAKATOS: 2007, 112)

Método Tipológico compara fenômenos sociais complexos e cria tipos ou modelos ideais. Esse método será especialmente empregado nesta pesquisa. O Método Tipológico foi habilmente utilizado por Max Weber e tem gerado discussões em torno de sua definição.

Para Weber é prioridade do cientista “separar juízos de realidade – o que é – e os juízos de valor – o que deve ser” a fim de alcançar o conhecimento pelo conhecimento. Seu esforço deve ser “no sentido de chegar a um diagnóstico, não um prognóstico, da sua sociedade, de seu tempo e país” (MACRAE: 1975, 67).

Sua sociologia está voltada para a possibilidade de compreender em dois sentidos: primeiro pela capacidade cognoscível do ser humano de se autoconhecer, ainda que esta capacidade possa ser iludida; segundo, pela identificação de uma unidade básica social que ele chamaria de átomo<sup>38</sup>.

“Essa unidade atômica do social é a ação singular e deliberada de um indivíduo, dirigida de modo a afetar o comportamento de uma ou mais pessoas... tais ações são desempenhadas com a intenção de alterar o comportamento de outros indivíduos. A intenção é a sua essência; e o seu êxito, fracasso, sucesso parcial ou resultado imprevisto são fatores secundários. A sociedade é a soma de atos sociais unitários... [que] entram em categorias e podem ser combinados em estruturas... [essa] espécie de sociologia consiste em entender as categorias e estruturas das ações sociais em suas manifestações atuais e históricas” (MACRAE: 1975, 68)

Para Weber a busca do diagnóstico da sociedade envolve análise, padrões e juízos de valor sobre o paciente ou a sociedade, e o seu “principal expediente de diagnóstico é o ‘tipo ideal’”, ou seja, o melhor instrumental para conhecer a sociedade é estruturá-la em tipos ideais ao longo da sua história. MacRae nos adverte que ‘rios de tinta’ foram gastos na tentativa de entender o que Weber quis dizer com a expressão “tipo ideal”. Ele destaca, no entanto, a importância de dominar duas compreensões: primeiro que ideal não define se bom ou nobre, mas simplesmente “o que não está exemplificado na realidade”, ou seja, “referem-se a uma normalidade representativa da experiência” (MACRAE: 1975, 69-70).

Gerth e Wright Mills afirmam que a expressão chave de Weber - tipo ideal - “refere-se à construção de certos elementos da realidade numa concepção logicamente precisa” não pretendendo quaisquer espécies de avaliações e que, com finalidades analíticas, poderia ser utilizada para construir “tipos ideais” de prostitutas a líderes religiosos.

Não se tratava de um novo instrumento conceitual, mas de dar consciência ao que vinha sendo feito pelos cientistas sociais e historiadores que haviam decidido usar “concepções logicamente controladas e não ambíguas” e que, por isso, os afastava da realidade histórica por conta de sua precisão. O mundo empírico, para sua descrição e análise, exige ou necessita de conceitos menos precisos e mais ambíguos.

---

<sup>38</sup> Não há intenção de atribuir a definição da Física neste caso.

Weber se interessou na busca do que chamou de “casos puros”, ou “exemplos cruciais” ou ainda “conceitos gerais”, que, grosso modo, seriam exemplos gerais. Eles seriam o meio de controle de sua abstração ao confrontá-los com casos particulares e específicos e o instrumento pelo qual prepararia o “material descritivo da história mundial para análise comparada”. Por isso “ter-se aproximado da multiplicidade de situações históricas fazendo com que vários conceitos tipos influíssem sobre o caso específico que examinava” (GERTH & WRIGHT MILLS: 1982, 78-79).

O tipo ideal não é uma hipótese, pois se configura como uma proposição que corresponde a uma realidade concreta; portanto, é abstrato; não é uma descrição da realidade, pois só retém, através de um processo de comparação e seleção de similitudes, certos aspectos dela; também não pode ser considerado como um “termo médio”, pois seu significado não emerge da noção quantitativa da realidade. O tipo ideal não expressa a totalidade da realidade, mas seus aspectos significativos, os caracteres mais gerais, os que se encontram regularmente no fenômeno estudado... diferencia-se do conceito, porque não se contenta com selecionar a realidade, mas também a enriquece (LAKATUS: 2007, 109)

Para Weber o cientista concentrará seu trabalho em ampliar qualidades e ressaltar aspectos do fenômeno que ele quer analisar (LAKATUS: 2007, 109). São essas ações que permitirão a definição dos tipos ideais.

Para Weber, a sociedade compõe-se da interação de atos sociais unitários tão numerosos, tão caleidoscópicos, que só podemos apreendê-los e conservá-los na mente por meio de algum estratégia como o tipo ideal, sabendo o tempo todo que esse estratégia não passa de uma ferramenta, de algo que fabricamos, e não uma coisa que descobrimos como componente da realidade. Este lembrete é muito útil e frequentemente salutar – mas isso é tudo (MACRAE: 1975, 71)

Weber considera as limitações naturais de qualquer método, inclusive o do Tipo Ideal, no entanto, afirma que...

metodologicamente se está muitas vezes perante a escolha entre termos imprecisos ou precisos. Mas, quando precisos, serão irrealis e “típico-ideais”. Neste caso, porém, os últimos são cientificamente preferíveis (WEBER: 1991, 13)

## 2.4 TÉCNICA DE PESQUISA

Outra questão importante que deve ser destacada é com relação a Técnicas de Pesquisa e que Lakatos alista duas que foram utilizadas nesta pesquisa: pesquisa bibliográfica e observação direta e intensiva.

A Pesquisa Bibliografia “abrange toda bibliografia já tornada pública” sobre o tema, o que inclui tudo que foi escrito, filmado ou dito (desde que publicado ou gravado).

A bibliografia “pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”<sup>39</sup> e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”<sup>40</sup>... não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (LAKATOS: 2007, 185)

A observação é uma técnica de pesquisa que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Envolve o ver, o ouvir e o exame dos fatos ou fenômenos que se deseja analisar, além de um contato mais direto com esta realidade a ser analisada por parte do pesquisador.

Além disso, a observação se torna científica quando corresponde a um plano de pesquisa, é planejada sistematicamente, registrada metodicamente e está sujeita a controles de validade e segurança. Naturalmente que ela apresenta vantagens e desvantagens que são alistadas por Lakatos:

### Vantagens

- a) Possibilita meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla cariedade de fenômenos.
- b) Exige menos do observador do que as outras técnicas.
- c) Permite coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais típicas.
- d) Depende menos da introspecção ou da reflexão.
- e) Permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou de questionários.

### Limitações:

- a) O observado tende a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis no observador.

<sup>39</sup> Citando MANZO, Abelardo J. *Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis*. Pág. 32. Buenos Aires: Humanitas, 1971.

<sup>40</sup> Citando TRUJILLO FERRARI, Alfonso. *Metodologia da Ciência*. 3ª ed. Pág. 230. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974

- b) A ocorrência espontânea não pode ser prevista, o que impede, muitas vezes, o observador de presenciar o fato.
- c) Fatores imprevistos podem interferir na tarefa do pesquisador.
- d) A duração dos acontecimentos é variável: pode ser rápida ou demorada e os fatos podem ocorrer simultaneamente; nos dois casos torna-se difícil a coleta de dados.
- e) Vários aspectos da vida cotidiana, particular, podem não ser acessíveis ao pesquisador (LAKATOS: 2007, 193-194)

Lakatos aponta oito tipos de observação, a saber: (1) assistemática, também chamada de informal, livre ou ocasional e por conta disso exige do observador atenção e perspicácia diante dos fenômenos ao redor; (2) sistemática, também chamada de estrutura ou planejada e é marcada pela consciência do observador em saber o que procura; (3) não-participante ou passiva, na qual o observador tem contato com a comunidade ou realidade objeto da observação, mas não integra-se a ela, pelo contrário permanece de fora; (4) participante, consiste na participação real do observador que se incorpora ao grupo, influenciando e sendo influenciado pelo grupo e sofrendo antipatias e simpatias. E pode ser natural desde que o observador já pertença ao grupo ou artificial quando ocorre a integração do observador ao grupo; (5) individual, quando o pesquisador realiza a pesquisa só, logicamente; (6) em equipe, quando a pesquisa é realizada por um grupo obtendo a vantagem de enxergar de vários ângulos e observar outros vieses; (7) na vida real ou num ambiente real e sem a devida preparação e finalmente (8) em laboratório que é quando a ação e a conduta são analisadas a partir de um ambiente com condições cuidadosamente dispostas e controladas e que, com os instrumentos adequados possibilita observações mais refinadas.

Assim como nos métodos de pesquisa, as técnicas de pesquisa também são utilizadas concomitantemente.

## 2.5 CONCLUSÃO

Neste sentido faz-se necessário para esta pesquisa que nos refiramos a essa sociogênese proposta por Pierre Sanchis e isso será realizado através de uma pesquisa bibliográfica que forneça um resgate histórico do surgimento dos batistas e sua trajetória até sua instalação no Brasil dando origem aos batistas brasileiros, grupo que fornece o sujeito desta pesquisa - os seus pastores.

Dentro desta mesma perspectiva, realizar também um resgate histórico do ministério pastoral batista brasileiro através de uma pesquisa bibliográfica que forneça informações que permitam descrever um arquétipo do pastor batista desenvolvido ao longo deste período, utilizando como ferramenta para esta descrição o “tipo ideal” conforme conceito de Max Weber.

Por fim, para descrever um arquétipo do pastor batista contemporâneo será utilizado o método da observação de campo, conforme Lakatos.

Além da utilização deste elemento metodológico proposto por Pierre Sanchis serão consideradas as suas percepções sobre as mudanças no campo religioso brasileiro que veem ao encontro dos fenômenos que se pode observar entre os batistas brasileiros especificamente.

# OS PRIMÓRDIOS BATISTAS

## uma linha do tempo

### 3.1 CRONOLOGIA DOS PRIMÓRDIOS BATISTAS

Definir de que batistas estamos tratando então é não apenas uma tarefa difícil e complicada, mas imprescindível para compreensão de seu *modus operandi* tanto no âmbito da denominação como nas diversas expressões das igrejas locais. Isto também nos permitirá conhecer melhor o pastor que atua nas igrejas da denominação.

Apesar de existirem outras formas de entender as origens dos batistas, optamos pela análise que mais corresponde ao método científico. Israel Belo de Azevedo<sup>41</sup> (AZEVEDO IB: 2004, 75-88) nos fornece informações de onde é possível montar a seguinte cronologia da história dos batistas tomando como seu surgimento histórico o ano de 1608, no que é corroborado neste aspecto pelo site oficial da Convenção Batista Brasileira<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> <http://www.prazerdapalavra.com.br/component/content/article/1474-chamadasesquerda/1462-breve-cronologia-da-historia-dos-batistas.html>. Acesso em 10/02/2015 as 18h50.

<sup>42</sup> [http://batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19&Itemid=12](http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12)

Em 1608, os puritanos, pastor anglicano John Smyth (1570-1612) e o advogado Thomas Helwys (1550-1616), e provavelmente com recursos deste, junto com outras pessoas da congregação puritana de Lincolnshire que se autodenominavam “o povo livre do Senhor”, emigram em fuga para Amsterdã na Holanda, onde se refugiaram da perseguição do Rei James I da Inglaterra.

As propostas que fizeram com que se refugassem eram diametralmente opostas à forma de governo da Igreja anglicana e surgiram numa Inglaterra pré-revolucionária. Este contexto é sintetizado por Alvarenga:

No começo do século XVII uma forma radical de Puritanismo se desenvolveu, sendo chamado de Separatistas. No século XVI, o radicalismo sectário e místico tinha sido continental e, em grande parte, de língua alemã; no século seguinte, ele era inglês. Os Separatistas decidiram deixar a Igreja da Inglaterra para fundar novas igrejas que seguissem o modelo da Reforma Protestante, e corajosamente esperavam que a Igreja da Inglaterra se conformasse em tempos com tais modelos. A perseguição por parte da Igreja Nacional forçou um grande número de Separatistas ao exílio na Holanda, onde o Anabatismo florescia, seguindo para a Inglaterra. Em contato direto com os Anabatistas holandeses, alguns Separatistas chegaram a conclusões identificadas com o Movimento Batista, surgindo daí uma igreja Batista Inglesa, antes de 1611, em Amsterdã. No ano seguinte eles retornam à Inglaterra. (ALVARENGA: 2005, 37)

Esse Puritanismo surgiu em meio a Reforma Inglesa que teve sua teologia baseada nos conteúdos de Lutero e Calvino, mas que mantinha a estrutura hierarquizada e as formas de culto tradicionais. Seguindo seus precursores anabatistas havia dentro da igreja anglicana partidários de uma reforma mais profunda, ou seja, eles eram calvinistas na teologia e na forma de governo. Eram reformadores radicais.

Alguns foram identificados como puritanos congregacionais que pretendiam uma autonomia relativa a alguns itens como ser livres para escolher seu pastor, determinar sua conduta e administrar seus negócios. Conforme Azevedo eles

... sustentavam que os crentes deviam se unir a Cristo e uns aos outros para uma aliança voluntária, que os oficiais da igreja deviam ser escolhidos pelos membros, e que nenhuma congregação deveria ter autoridade sobre outra (AZEVEDO IB: 2004, 76).

Estas ideias “puritanas congregacionais” fizeram com que Robert Browne fugisse para a Holanda em 1582 e retornasse a Inglaterra em 1584 reconciliando-se com a igreja anglicana e tornando-se seu ministro.

Ao mesmo tempo, outros puritanos com as mesmas ideias congregacionais, porém mais radicais, foram identificados como puritanos separatistas, pois recusavam qualquer vínculo com a igreja anglicana. Dentre eles surge em 1587 uma congregação puritana separatista liderada por John Greenwood, Henry Barrow e John Penry que também emigrou para a Holanda e que também retornou à Inglaterra. Os três líderes foram enforcados em 1593 por serem considerados como ameaça (AZEVEDO IB: 2004, 76).

Além disso...

Havia entre eles um elemento novo, a valorização do indivíduo, um precedente não só para o papel da vontade humana na salvação, como também para a defesa da liberdade de consciência... prevalecia um individualismo nos seus mais variados aspectos e que fornecia armas, dentre elas a consciência, para oposição a todas as formas de soberania de cima para baixo, especialmente episcopados, tanto romanos como anglicanos. Eles se opunham, dentre outras coisas, à liturgia católica em geral e ao vestuário papista em particular (ALVARENGA: 2005, 34)

Sua teologia foi expressa de forma mais contundente em obras como “Paraíso Perdido” de John Milton (1667) e “O Peregrino” de John Bunyan (1678). Especialmente neste último a trajetória da vida do cristão é retratada como uma caminhada difícil na direção da Cidade de Deus. Riscos, dúvidas e tentações dessa caminhada deverão ser enfrentados, e em certa medida vencidos, pela “livre escolha” da consciência do cristão.

“Em coisas essenciais, unidade; nas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade” é uma frase atribuída alternadamente a Peter Meiderlin, Gregor Franke e Richard Baxter, todos puritanos do século XVII (Ruth Rouse e Stephen C. Neil, (eds). *A History of the Ecumenical Movement: 1517-1948*, Londres: SPCK, 1954, 82-146. Citado por Franklin Ferreira, *O Movimento Puritano e João Calvino*, apud ALVARENGA: 2005, 35) e retrata sua Teologia bem como o calibre de seus teólogos.

Para os Puritanos liberdade significava dar ao homem a oportunidade de escolher obedecer aos desígnios divinos, bem como a que Estado se submeteria a ser governado e em qual Igreja adoraria a Deus. Ninguém poderia ser obrigado a ser crente nem a renunciar a sua convicção, cabendo à Igreja e ao Estado garantir a proteção do indivíduo, isto é, proteger sua mente deixando-a *ad libitum*. “Qualquer pessoa tem o direito de discutir qualquer doutrina, sem que para isso sofra

perseguição” (ALVARENGA: 2005, 36). Só neste tipo de liberdade o indivíduo poderia desenvolver-se plenamente.

Foram aos que pensavam assim que foi dado o nome de Puritanos e que no início do século XVII a partir da radicalização destes entendimentos foram chamados de Separatistas. Dentre eles o grupo liderado por John Smyth e Thomas Helwys que aportou em Amsterdã em 1608.

Em 1608 ou 1609, John Smyth

... concluiu que uma congregação só pode ser formada por crentes adultos, batizados segundo a consciência. Por isto sugeriu a Helwys que batizasse a congregação. Com a recusa, o pastor desincumbiu-se da tarefa: primeiro aspergiu-se a si mesmo e depois aos outros membros, inclusive Helwys (AZEVEDO IB: 2004, 77).

Além destes dois aspectos deve ser acrescida a compreensão de que o batismo anterior à regeneração não era válido, bem como também não era válido o batismo infantil ou pedobatismo. Vale registrar a informação contraditória sobre a forma de batismo administrado na ocasião fundante, ele é registrado como tendo sido por aspersão<sup>43</sup> por Israel Belo de Azevedo (AZEVEDO IB: 2004, 77) e também como tendo sido por afusão<sup>44</sup> de quarenta pessoas por Robert Torbet (TORBET: 1959, 36).

Em 1611 Thomas Helwys publica o que é considerada a primeira declaração de fé batista sob o título: "A Declaration of Faith of English People Remaining at Amsterdam in Holland" (Declaração de Fé do Povo Inglês Permanecendo em Amsterdã, Holanda). Helwys morreu na prisão em 1616 por causa deste livro depois de ter retornado à Inglaterra com um grupo de aproximadamente 10 pessoas em 1611 ou 1612 que se estabeleceu em Stapfields nos arredores de Londres organizando a primeira igreja batista em solo inglês, já com teologia geral ou arminiana, ou seja, sustentava que Cristo morreu propiciatoriamente por todos os homens em geral e não somente pelos eleitos conforme a proposta calvinista. Em 1624, havia 7 igrejas, já em 1647 havia 47 igrejas batistas gerais autônomas.

Os batistas gerais se multiplicaram e se caracterizaram por uma administração eclesiástica centralizada em forma de convenção que procurou reunir

<sup>43</sup> Ato de molhar com pequenas gotas de qualquer líquido; borrifar de água benta In: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=aspergir>, acesso em 08/02/2014 as 13h17.

<sup>44</sup> Ato ou efeito de banhar; aspersão. Processo que consiste em derramar líquido, frio ou quente, em algum medicamento. In: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=afus%25C3%25A3o>, acesso em 08/02/2014 as 13h20.

as igrejas anualmente numa grande assembleia, de onde “se desenvolveu a ideia da consciência denominacional entre os batistas até os dias atuais” (OLIVEIRA: 2012, 26).

Em 1612 Thomas Helwys publica o livrete "A Short Declaration of the Mystery of Iniquity" (Breve Declaração sobre o Mistério da Iniquidade), para defender a liberdade religiosa.

Em 1616 surge a primeira igreja batista de confissão particular, ou seja, de linha teológica calvinista ou predestinista, pastoreada por Henry Jacob (1616-1622), John Lathrop (1624-1634) e Henry Jessey (1637-1639). Desta igreja surgiram outras quatro. Em 1644 é publicada a primeira Confissão de Fé dos Batistas Particulares (First London Confession ou Primeira Confissão de Londres), assinada por sete igrejas formando uma Associação.

Em 1634 surge a primeira igreja batista nos EUA através da liderança de Roger Williams (1603-1684).

Em 1641 dá-se o início da prática da imersão<sup>45</sup> no rito do batismo em função da leitura e discussão de Colossenses 2.12 e Romanos 6.4, discussão principiada em 1610, com Henry Jacob, com Richard Blunt batizando Samuel Blacklock e estes aos outros 53 membros da igreja.

Em 1644 surge a primeira referência ao nome "batista", ainda como termo pejorativo imposto pelos adversários ao qual, naturalmente, os batistas recusavam. Preferiam ser chamados de "Irmãos" ou "Irmãos do Caminho Batizado" ou ainda membros das "Igrejas Batizadas".

Em 1660 é organizada a Associação dos Batistas Gerais de Londres. Em 1673 os hinos são introduzidos nos cultos como uma iniciativa inovadora entre os evangélicos ingleses, que só cantavam os salmos, e em 1678 ocorre a publicação de "O Peregrino" ("Pilgrim's Progress"), de John Bunyan (1628-1688), que viria a ser traduzido em mais de 200 idiomas.

Em 1689 é publicada a "London Baptist Confession of Faith" (Confissão Batista de Fé de Londres), de orientação teológica calvinista.

Em 1707 é organizada a Associação Batista da Philadelphia, a primeira nos Estados Unidos e que adota a confissão calvinista de 1689.

---

<sup>45</sup> Ato ou efeito de imergir(-se); imergência, submersão, in: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=imers%25C3%25A3o>, acesso em 08/02/2015 as 13h24.

Em 1787 ocorre o envio de pedido ao parlamento inglês para abolição da escravidão pela Assembleia Geral dos Batistas Gerais.

Em 1792 ocorre a fundação, entre os batistas particulares, por William Carey (1761-1834) e outros da Sociedade Batista para a Propagação do Evangelho entre os Pagãos que viria a ser denominada Sociedade Missionária Batista.

Em 1891 um fato inusitado, pois que, foi na contramão do espírito separatista e fragmentário (NOVAES: 2012, 9-12) ou divisionista batista expresso desde os seus primórdios nos registros históricos, é o surgimento da União Batista da Grã-Bretanha que unificou os batistas particulares (de orientação teológica calvinista) e gerais (de orientação teológica arminiana).

Em 1892 ocorre a fundação da Fraternidade do Reino, por Walter Rauschenbusch (1861-1918) e seus amigos, com uma compreensão do reino do cristianismo que fosse além da salvação individual.

Em 1845 é organizada a Southern Baptist Convention ou Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos.

Em 1871 é organizada a primeira igreja batista no Brasil com 27 membros, em 10 de setembro, na cidade de Santa Bárbara (SP), hoje Santa Barbara d'Oeste, através de colonos que ali se estabeleceram após a Guerra da Secessão. Doze membros desta igreja formaram a Igreja Batista da Estação, também em Santa Bárbara, a segunda igreja batista no Brasil (OLIVEIRA: 2012, 33-34). Por influência desta congregação de batistas americanos em 1880 é realizado o batismo e a ordenação ao ministério de ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887), o primeiro pastor batista brasileiro.

Em 1882 é organizada a terceira igreja batista no Brasil, em 15 de outubro, em Salvador (BA) com cinco membros: os missionários americanos enviados ao Brasil pela Southern Baptist Convention – SBC (Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos): Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, os pioneiros; Zacharias Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, auxiliados pelo agora pastor Antônio Teixeira de Albuquerque.

Em 1902 é organizado o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB), em Recife e em 1907 o Seminário Teológico Batista do Sul Brasil (STBSB) na cidade do Rio de Janeiro. Ambos os seminários ainda são administrados de forma centralizada pela Convenção Batista Brasileira. Em 01/03/1957 é organizada a

Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP ou Teológica) que surge com a proposta inovadora para a época de oferecer aulas noturnas pagas pelos alunos ao mesmo tempo em que não oferecia internato ou refeitório (PEREIRA: 1982, 283). Além disso, era uma iniciativa totalmente administrada pela Convenção Batista do Estado de São Paulo. Serviria especialmente aos alunos com família formada e emprego garantido que teriam maior dificuldade de abrir mão da estrutura profissional ou de transferir sua estrutura familiar para o Rio de Janeiro (STBSB) ou Recife (STBNB) onde estavam os dois maiores seminários dos batistas brasileiros à época.

Em 1905 é organizada a Aliança Batista Mundial (ABM) em Londres. Segundo seu site oficial, hoje a ABM congrega...

228 convenções e sindicatos em 121 países e territórios, compreendendo 42 milhões de membros em 177 mil igrejas; sendo que seus compromissos são definidos como 1) Promover a adoração, comunhão e unidade, 2) Cultivar a paixão pela missão e evangelização, 3) Respondendo às necessidades humanas através de alívio e desenvolvimento sustentável da comunidade, 4) A defesa dos direitos humanos e da justiça, e 5) Promover a reflexão teológica relevante.<sup>46</sup>

Em 1907 é organizada a Convenção Batista Brasileira (CBB), na cidade de Salvador (BA), que em 1916 promove a tradução e adaptação da Confissão de Fé de New Hampshire como a declaração doutrinária dos batistas brasileiros. Esta confissão só viria a ser revisada com a publicação da primeira Declaração Doutrinária elaborada no Brasil por iniciativa e execução do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil em 1974. A partir da questão doutrinária referente ao Espírito Santo na década de 1960 uma comissão da CBB elabora uma “Declaração Doutrinária”. Completamente preparada no Brasil e por brasileiros<sup>47</sup> é apresentada em 1979 e aprovada definitivamente em 1986 como sendo a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (FERREIRA, E.S.: 2009, 12).

<sup>46</sup> In: [www.bwanet.org](http://www.bwanet.org), acessado em 23/05/2014 as 10h14.

<sup>47</sup> Os componentes da comissão foram: José dos Reis Pereira pastor da Igreja Batista do Rocha – RJ (relator) e João Filson Soren pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro – RJ ambos professores do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - RJ; Irland Pereira de Azevedo pastor da Primeira Igreja Batista de São Paulo – SP, professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e da Faculdade Teológica Batista de São Paulo; Éber Vasconcelos pastor da Igreja Memorial Batista de Brasília – DF e professor da Faculdade Teológica Batista de Brasília e Manfred Grellert professor do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil em Recife - PE. In: FERREIRA, E.S.: 2009, 12.

### 3.2 CONCLUSÃO

Os batistas surgem historicamente na Reforma Radical, entre os Puritanos ingleses, depois chamados de Separatistas, em 1608 na Holanda com um grupo de refugiados ingleses que defendiam a total autonomia do indivíduo e da igreja local diante de qualquer tipo de hierarquização, fosse eclesiástica fosse política.

Essa ênfase no indivíduo gerou divisões entre os batistas desde o início, havendo doutrinariamente dois grupos distintos de igrejas batistas – calvinistas e arminianas - que chegaram a se unir depois apesar da contradição das posições. Apesar de seu nome estar ligado ao rito do batismo, pela rejeição do pedobatismo e a ênfase no rebatismo de adultos, no início não havia uniformidade quanto a forma. No evento fundante em 1608 o batismo pode ter sido por afusão ou aspensão, mas a atual forma de batismo por imersão, adotada pelos batistas brasileiros, só é definida em 1641.

Em 1792 surge a Sociedade Batista para a Propagação do Evangelho entre os Pagãos também chamada de Sociedade Missionária Batista com William Carey. As missões viriam a ser a ênfase marcante entre os batistas.

Em 1881 chegam os primeiros missionários batistas norte-americanos que dão início a expansão do trabalho no Brasil e que tem uma linha cronológica direta com a atual Convenção Batista Brasileira, os identificados como “batistas brasileiros” entre os diversos grupos de batistas hoje existentes no Brasil.

## OS BATISTAS BRASILEIROS

### 4.1 OS BATISTAS BRASILEIROS

Através desta breve história cronológica do surgimento dos primeiros batistas é possível constatar os vários matizes teológicos que contribuíram para a configuração e formação dos batistas brasileiros atuais. Esta interpretação sobre o surgimento histórico dos batistas datado de 1608 tem recebido melhor aceitação no ambiente da academia. Entende-se que esta posição suplanta outras interpretações clássicas aceitas e defendidas em períodos específicos da história dos batistas que carecem de um rigor científico ou um fato definitivo que possa datar o surgimento dos batistas em data anterior ou até nos primórdios dos evangelhos.

Há uma nota de rodapé em que Mary Rute procura esclarecer este assunto

Há algumas divergências a respeito da origem de determinadas características dos batistas brasileiros. José dos Reis Pereira (Breve história dos Batistas. Rio de Janeiro: JUERP, 1979) trata essa questão como se pudesse estabelecer uma linha direta dos batistas de hoje, para os primeiros cristãos do Novo Testamento. Nesse caso, a Igreja Batista seria compreendida não como uma entre outras, mas como A Igreja que porta a verdade divina a ser anunciada ao mundo. (ESPERANDIO: 2005, 9)

## 4.2 TEORIA J-J-J

Esta teoria ficou conhecida como JJJ (João, Jesus, Jerusalém) e seus adeptos como Sucessionistas, pois tenta traçar a origem dos batistas desde antes dos tempos apostólicos afirmando que há uma tradição continuada até os batistas contemporâneos desde o batismo de João Batista, passando pelo batismo de Jesus Cristo e depois pelos batismos realizados pelos apóstolos em Jerusalém.

Israel Belo de Azevedo cita a análise do historiador Patterson, que deu o nome e fez análise sobre os fatores da gênese do Sucessionismo:

- Uma interpretação da Bíblia na qual “certos textos bíblicos não podem ser compreendidos sem continuidade das igrejas locais até hoje”, como, por exemplo, o de que “as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja” (Mateus 16.18);
- A busca de status, para fugir ao fato de os batistas serem compostos de classes pouco privilegiadas;
- A efervescência da polêmica, com a sucessão constituindo um ponto precioso de defesa e ataque, e
- A imitação de outras confissões: os católicos falam da sucessão apostólica; os valdenses de uma sucessão espiritual com outros grupos dissidentes, e os menonitas com os valdenses, etc.<sup>48</sup> (AZEVEDO IB: 1996, 223)

## 4.3 LANDMARKISMO

No entanto, é a teoria chamada de Landmarkismo que vai marcar definitivamente o imaginário coletivo dos batistas brasileiros. Em 1854 a publicação de “*An Old Landmark Reset*” ou “um antigo marco divisório recolocado” – uma alusão a Provérbios 22.28<sup>49</sup> (OLIVEIRA, 2012, 45) editada pelo Pastor James Robinson Graves (1820-1893) a partir de um tratado de James M. Pendleton (1811-1891) e na qual, valendo-se da teoria JJJ, afirmou a superioridade da eclesiologia batista, a valorização da igreja local acima de qualquer outro valor eclesiástico e também ser ela a única igreja verdadeiramente neotestamentária que existiu ao longo dos séculos, gera o ambiente onde o conjunto das afirmações é identificado como o *Movimento Landmarkismo* (MENDONÇA: 1992,197-198; SOARES, 2002, 33-34). O livro “Rastro de Sangue” de James Milton Carroll, publicado em 1931, tornou-se um *best seller* que reafirmava e ao mesmo tempo divulgava tal ideia. Mendonça destacando a influência teológica do movimento diz:

<sup>48</sup> Citando PATTERSON, W. Morgan. A sucessionist view of baptist history. Nashville: Brodadman, 1952.

<sup>49</sup> “Não removas os limites antigos que fizeram teus pais” Provérbios 22.28. A versão ‘Almeida Revista e Corrigida’ (ARC) era a mais popular entre as igrejas batistas.

Os “landmarkistas” afirmavam que as associações locais (congregações batistas), sendo diretamente descendentes do tempo de Cristo, constituíam, através da história, marcos de uma sucessão apostólica, não através de uma linha de bispos, mas de uma ininterrupta corrente de congregações voluntárias idênticas às do Novo Testamento, desde os tempos apostólicos até o presente (MENDONÇA: 1992, 197).

O Pastor James Robinson Graves é considerado um dos principais teólogos do movimento que influenciou profundamente a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos que a partir de 1855 assume suas proposituras, fazendo surgir novos termos teológicos. Assim rejeita o batismo infantil, reconhecendo o ministério apenas de ministros que tivessem sido batizados por imersão e na “idade da razão” e, por conta disto, nega a comunhão com as denominações pedobatistas por não trazerem as marcas (*landmarkers*) da sucessão neotestamentária. Segundo Mendonça os primeiros missionários norte-americanos no Brasil eram *landmarkistas* (MENDONÇA: 2002, 42) e a causa do distanciamento dos batistas em relação às outras denominações no Brasil remonta a esta mentalidade desses missionários pioneiros (MENDONÇA: 1995, 196-198).

Com relação à teoria JJJ e o conseqüente Sucessionismo daí surgido, se faz a seguinte crítica:

O argumento de tal posição para a origem dos batistas não demonstra consistência, uma vez que é possível também fazer um estudo comparativo com outras denominações e detectar inúmeros detalhes compatíveis com a teologia e prática batista que são citados no Novo Testamento. Desta maneira, pode estar acontecendo (*sic*) uma confusão entre os conceitos de igreja com cristianismo, ou seja, os sucessionistas confundem a história dos princípios teológicos-ecclesiológicos tomados pelos batistas modernos com a história (e a origem) da denominação batista como grupo organizado... há uma confusão entre a história do batismo ou mesmo da Igreja como comunidade local e autônoma com a história dos batistas (ALVES, 2005, 10-11)

Mary Rute reafirma em sua análise das origens dos batistas abordando a interpretação de Israel Belo de Azevedo que data essa origem nos separatistas ingleses do século XVII.

Azevedo... em contrapartida, apresenta um estudo ligando os princípios de liberdade individual e a separação entre igreja e estado como tendo origem no pensamento liberal inglês. Ele salienta, ainda, que na passagem pelos EUA, ao vir para o Brasil, os batistas reafirmaram o caráter subjetivo da fé, reforçando ainda mais essa ênfase no valor do indivíduo, bem de acordo com o liberalismo brasileiro nascente, da época. Martin D. HEWITT..., por sua vez, preocupa-se em apresentar as raízes da tradição batista fazendo

questão de mencionar que a configuração dos batistas no Brasil traz influências de alguns grupos específicos, como os landmarkistas, por exemplo (ESPERANDIO, 2005, 9)

Com relação à abordagem da Tese de Doutorado de Israel Belo de Azevedo considera-se naturalmente que há mais informações verificáveis e confiáveis e, portanto, adequada ao método científico o que a torna mais aceitável entre os estudiosos no âmbito da Academia, o que não ocorre necessariamente entre os membros das igrejas locais.

Essa terceira hipótese sobre a origem dos batistas (*surgimento entre os separatistas ingleses*) demonstra ser mais aceitável. Isto porque, primeiramente, tem mais documentação com fundamentação histórica; segundo porque não concentra sua abordagem na questão polêmico-teológica da história da doutrina e prática do batismo na igreja cristã; e terceiro, porque não há registros históricos que os separatistas ingleses, quer batistas particulares quer batistas gerais do século XVII, enfatizassem ou defendessem o sucessãoismo JJJ (ALVES, 2005, 13)

Conforme Martin Hewitt verifica-se que...

A história e desenvolvimento da igreja batista foram longos e complicados. Isso se deve a dois fatores: em primeiro lugar, porque a Igreja Batista tem raízes em dois grupos distintos. Em segundo lugar, porque os Batistas começaram a se espalhar geograficamente desde o início de sua existência, criando assim ramos independentes (HEWITT: 1993, 9-10)

Mary Rute ao comentar Hewitt diz que...

os fundamentos da prática religiosa batista foram sendo constituídos sob a influência de dois grupos distintos: os separatistas do continente europeu e os anabatistas da Inglaterra, durante a segunda metade do século XVI (embora já houvesse existência de separatistas desde o século XIV) (ESPERANDIO: 2005, 4).

Os batistas então são um povo ou uma denominação que desde sua origem foi marcado pela característica da independência o que se constitui numa ambiência propensa ao acolhimento de diversas influências teológicas, de usos e costumes contextuais e de práticas litúrgicas que conforme acolhidas configuravam os batistas naquele dado local e momento histórico. Ao longo do tempo cada uma destas características individualmente e outras vezes em conjunto que configuravam estes batistas locais se tornavam também fatores desencadeadores de novas configurações numa espécie de dialética denominacional como se vê no surgimento das denominações no contexto brasileiro (vide quadro 1). Por esta razão, os batistas precisam ser identificados no tempo e espaço.

Surgidos em meio ou herdeiros de uma Reforma Radical, ou seja, entre aqueles que radicalizaram as proposituras dos primeiros Reformadores que com seus textos “produziram esperança e alegria em milhões de seres humanos” os batistas fariam parte então da tipologia proposta por George Williams para este termo. Apesar desta tipologia ter sido apresentada pela primeira vez a mais de trinta anos continua sendo útil por dois fatores: é a mais abrangente e estável até hoje, conforme Timothy George (GEORGE: 1993, 251-254)

“a reforma radical” como um termo coletivo para todos aqueles grupos de inovadores religiosos que não permaneciam nem nas igrejas católicas romanas, nem nas principais igrejas protestantes... foi um movimento que gerou nova forma de fé e vida cristãs, uma reforma da Reforma, ou uma correção do catolicismo... coagida a desenvolver seu modelo de vida cristã fora dos confins das igrejas oficiais, o que deu à espiritualidade e à vida eclesiástica deles uma aparência distintiva. Os reformadores radicais viveram fora da ordem estabelecida, consideravam-se livres e responsáveis, não mais capachos da Igreja nem do Estado... um coro de protesto contra o clero, as autoridades seculares e reformadores da estirpe de Lutero e Calvino. Embora tenham absorvido muito do conteúdo teológico deles, contestavam mais a timidez ou lentidão na implementação das reformas (ALVARENGA: 2005, 30)

Essa característica de independência deve ser analisada juntamente com a característica de permitir-se influenciar pelo seu contexto. “Absorver muito do conteúdo teológico” traz não apenas a ideia da decisão voluntária de agregar algo em quantidade desejada e definida, mas revela a abertura para permitir-se ser modificado por este conteúdo, pois ao agregar algo já não se é mais o mesmo. Esta condição, enquanto demarcava suas próprias doutrinas e dava corpo a si mesmo como denominação, é marcante desde sua origem e é destacada por Hewitt:

Esse aspecto das origens se torna importante em qualquer discussão sobre o posicionamento batista em séculos subsequentes, uma vez que os separatistas e anabatistas possuíam posições teológicas muito diferentes (HEWITT: 1993, 10)

Para Mary Rute esta aparente contradição de ser capaz de absorver de fontes diversas deve ser vista como fator preponderante quando afirma que “é dessa infusão separatista/anabatista que os batistas se formam na Holanda e na Inglaterra” (ESPERANDIO, 2005, 4) e por isso acrescenta então mais um fator de diversidade a configuração dos batistas desde a sua origem: a teologia. Os batistas recebem influência tanto de separatistas quanto de anabatistas. Como destacado a independência dos batistas é um fator que propicia o acolhimento com mais

facilidade da diversidade que uma vez acrescentada à sua configuração passa a determiná-la, isto é, reconfigurá-la, ou seja, sintetiza-se numa nova configuração.

Segundo Mary Rute existem três influências importantes e que merecem destaque inclusive porque num dado momento estas influências parecem contraditórias, o que de fato são. No entanto, em determinados aspectos elas se apresentam como a solução para aquele momento ou a resposta para dada questão daquele momento histórico. Os batistas em sua origem e na formação de sua identidade parecem não ver dificuldade de apropriar-se de determinados aspectos teológicos e rejeitar outros na formação e defesa da doutrina que assumem esposar. Poderíamos dizer que eles estão num “*em se fazendo*” constante, mesmo que disto não tivessem plena consciência. Conforme conceito de Pierre Sanchis, eles são

O cenário de uma historia *em se fazendo* não é outro senão o da história já feita, o intuinte emerge do instituído, articulando-se a ele, mesmo se é para inflecti-lo, deturpá-lo, negar algumas de suas potencialidades mais visíveis, criar em cima dele. (SANCHIS, 1995, 85)

É neste momento de “*em se fazendo*”, desde o seus primórdios, que os batistas se permitem infundir das possibilidades teológicas da sua contemporaneidade e delas se apropriam transformando-as em sua própria configuração. Neste caso são três as influências teológicas que determinam sua configuração nos primórdios e que vêm permeando suas ações até o momento: o calvinismo, o anabatismo e o arminianismo. De cada uma destas correntes teológicas os batistas absorveram e herdaram alguns aspectos e não a totalidade de suas proposituras.

Com relação aos anabatistas herdaram a ênfase na rejeição ao batismo infantil que era doutrina comum no catolicismo que combatiam e nas primeiras vertentes da Reforma Protestante que não viram problema nesta prática. Esta rejeição, na realidade, faz parte de um processo de retroalimentação juntamente com a ênfase na necessidade de consciência da pessoa, o que só seria possível a adultos, que só então e diante disto poderiam ser batizados. Surge daí a ênfase no batismo e rebatismo de adultos conscientes de pecado que é o que dá sustentação à rejeição ao batismo infantil também. O rebatismo de adultos também estaria ancorado na consciência individual da superioridade da doutrina batista como sendo a verdadeira doutrina.

Com relação ao Calvinismo os anabatistas, apesar de serem contemporâneos de Calvino e rejeitarem algumas proposições da sua doutrina da predestinação, herdaram a ênfase na tarefa educacional da igreja como forma de transmissão da verdade única e salvadora baseada na Bíblia como Palavra de Deus normativa. É ela, a Bíblia, que dá definição ao pecado e por sua proclamação e ensino traz esta consciência à pessoa humana e a possibilidade de transformação ou salvação.

Com relação ao arminianismo herdou a ênfase na conversão individual, isto é, cada pessoa é responsável por sua salvação não tendo poder para converter o outro. Isto está diretamente ligado à ideia da consciência individual de pecado, pois criam que...

“Cristo morreu por todos os homens, que a salvação se dá somente e pela fé, que os que creem são salvos, que os que rejeitam a graça se perdem, e que Deus não escolhe indivíduos particulares nem para uma coisa nem para outra...” (ESPERANDIO, 2005, 4)

Assim é possível resumir a influência teológica recebida pelos batistas em sua origem:

<b>Influências Teológicas entre os Batistas</b>		
<b>Calvinismo</b>	<b>Anabatistas</b>	<b>Arminianismo</b>
ênfase educacional da igreja para transmissão da doutrina firmada na verdade da Bíblia	ênfase na rejeição do batismo infantil e no re-batismo de adultos conscientes	ênfase na conversão individual, na morte indistinta de Cristo, na salvação pela fé e de que Deus não escolhe indivíduos particulares para a vida ou a morte

Quadro 8: Influências Teológicas entre os Batistas

As três influências dão ênfase também ao estudo bíblico com a intencionalidade clara de descobrir, através deste estudo, a “verdadeira doutrina” que salva o indivíduo a partir da sua decisão de aceitá-la. Esta ênfase no indivíduo é explicada por “que na passagem pelos EUA, ao vir para o Brasil, os batistas reafirmaram o caráter subjetivo da fé, reforçando ainda mais essa ênfase no valor do indivíduo” (ESPERANDIO: 2005, 9).

Foi este povo que aportou nos Estados Unidos da América fugindo da perseguição religiosa na Inglaterra. Posteriormente veio ao Brasil em 1871 com os colonos de Santa Barbara d'Oeste – SP. Sobre este período nos é informado:

... o movimento imigrou para a Nova Inglaterra, a liberdade que tanto almejavam se tornou uma porta aberta ao paraíso. Livres de perseguição e intolerância religiosa desfrutariam em terras novas das regalias do paraíso. Não obstante a liberdade pressuponha todo cuidado a fim de que evitassem os velhos costumes, nesse sentido os batistas nos primeiros anos se destacaram por não elaborarem confissões normativas... depois de certo tempo, foi publicada a primeira grande obra teológica dos batistas... E.Y. Mullins: 'Os axiomas da religião'... seu propósito foi apresentar o caráter distintivo dos batistas e seus princípios que abriam mão de qualquer caráter autoritário. A competência do indivíduo, a experiência pessoal de fé, o sacerdócio universal de cada crente, o livre exame e interpretação das Escrituras, formam um sistema coerente de pensamento (ALVARENGA, 2005, 69-70)

Para esta dissertação, então, nossa pesquisa se dará sobre e no universo destes batistas que tem sua expressão através da Convenção Batista Brasileira (CBB). Consideraremos a Teoria dos Separatistas ingleses como marco inicial da igreja batista visto que a própria CBB acolhe esta teoria em seu site oficial.

#### **4.4 Convenção Batista Brasileira**

A CBB é fruto de uma decisão da Southern Baptist Convention (SBC) ou Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, organizada em maio de 1845 em Augusta no Estado da Georgia, de enviar missionários ao Brasil. Na realidade, a SBC desde 1814 através dos crentes batistas americanos já sustentava o casal Adoniran Judson e sua esposa como missionários na Birmânia. Desejando continuar e implementar o trabalho foi criada a Junta de Missões Estrangeiras da SBC na cidade de Richmond no Estado da Virginia que ficou conhecida como Junta de Richmond.

Dessa forma em 1860 Thomas Jefferson Bowen (1814-1875) foi o primeiro missionário a aportar no Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Antes havia trabalhado na Nigéria onde aprendera bem a língua ioruba. Aqui no Brasil trabalhou intensamente desejoso de formar uma igreja de fala inglesa e outra entre os escravos. Procurou evangelizar especialmente os escravos que falavam o ioruba o que lhe rendeu uma prisão por conta destas atividades que suspeitavam podia gerar uma rebelião escrava. Bowen se queixava de problemas de saúde, do clima, da

febre amarela e do custo de vida e retornou ao EUA permanecendo no Brasil menos de nove meses. Diante do fracasso desta primeira missão e do início da Guerra da Secessão em 1861 a Junta de Richmond decidiu não mais pensar no Brasil como campo missionário (AZEVEDO: 2004, 193; PEREIRA: 1982, 10).

Com o fim da Guerra da Secessão em 1865 vários grupos de colonos sulistas deixaram os EUA em direção ao Brasil em busca das condições oferecidas pelo governo brasileiro instalando-se na cidade de Santa Bárbara<sup>50</sup> no interior de São Paulo. Lá desenvolveram sua cultura não se preocupando, contudo, com a evangelização dos nativos. A primeira igreja batista surge em 10/09/1871 para servir basicamente aos colonos. Seu pastor é um colono imigrante chamado Richard Ratcliff e seus cultos eram celebrados em inglês (PEREIRA: 1982, 11). Foi o advogado A.T. Hawthorne (Alexandre Travis Hawthorne, 1825-1899) que entusiasticamente trabalhou para que a Junta de Richmond revisse sua decisão de não mais considerar o Brasil como campo Missionário (PEREIRA: 1982, 11-13).

Os primeiros missionários são os casais Anne Luther Bagby (1859-1942) e William Buck Bagby (1855-1939) e Katy Stevens Crawford Taylor (1862-1892) e Zachary Clay Taylor (1851-1919) que após período em Santa Bárbara mudam-se com o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887), o primeiro pastor batista brasileiro, para Salvador na Bahia onde organizam a primeira igreja batista com “objetivos missionários” (MENDONÇA: 1995, 195).

Segundo José dos Reis Pereira a CBB tem sua origem oficial ou sua organização formal em 24 de junho de 1907 na Primeira Igreja Batista da Bahia (Salvador) com a presença de 43 delegados representando 39 das 83 igrejas existentes em solo brasileiro e seus 4.200 membros (PEREIRA, 1982, 85). Parecem números modestos, porém em 1930 já existem 40.500 batistas no Brasil sendo 34.000 ligados a CBB que era a maior denominação evangélica isolada na época (MATOS, Alderi de Souza. O Protestantismo brasileiro no período republicano, 2011. In: [www.mackenzie.br/7071.html](http://www.mackenzie.br/7071.html). Acesso em 15/11/2014 as 17h57)..

Mendonça explica esse crescimento da seguinte forma:

A partir do século XX, os batistas começaram a apresentar crescimento surpreendente, passando à frente das demais igrejas de

---

<sup>50</sup> A região começou a ser povoada por volta de 1810 ora como distrito de Campinas ora como distrito de Piracicaba. Foi elevada a Município de Santa Bárbara em 1869 e passou a denominar-se Santa Bárbara d'Oeste através de Decreto Lei estadual 14.334 de 30/11/1944. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_B%C3%A1rbara\\_d'Oeste](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_B%C3%A1rbara_d'Oeste). Acesso em 13/11/2014 as 15h54.

origem missionária. Em 1889 eles somavam apenas 312 fiéis em quatro congregações. Partiram daí para se tornarem a maior igreja tradicional de origem missionária. O crescimento batista, apesar de suas dificuldades iniciais pode ser justificado por uma série de fatores. O **primeiro** deles foi a agressividade evangélica e anticatólica revelada muito cedo pelos batistas, numa época em que as demais igrejas procuravam agir moderada e diplomaticamente em face da religião dominante. A ação mais corajosa dos batistas fez com que sofressem reações muito fortes; em compensação, levou-os à conquista de mais adeptos. O **segundo** fator foi a prioridade dada à evangelização direta, não tanto à educação; o **terceiro** foi a eclesiologia mais simples e mais clara em relação às demais igrejas; enquanto estas, principalmente as presbiterianas, até certo ponto complicavam a entrada de novos adeptos através de provas de conversão e conhecimento, as igrejas batistas simplesmente batizavam candidatos adultos e os introduzem na igreja. Conhecimento religioso e santificação vêm depois pela frequência à escola bíblica dominical e pela ética. O **quarto** fator se refere à ética rigorosa e radical que estabelece linhas mais nítidas e seguras em relação a sociedade mais ampla e oferece padrões de identidade mais seguros. **Por fim**, deve ser mencionado o ritual do batismo: enquanto as demais igrejas não levavam – e ainda não levam – o batismo à atitude do drama, os batistas, ao batizarem adultos por imersão, frequentemente em rios e em público, fazem desse rito um ato espetacular e marcante na vida dos adeptos e, à semelhança dos pentecostais hoje, uma arma importante na atração de novos adeptos (MENDONÇA, 1992, 43-44). [Obs: grifos nossos].

Atualmente a CBB é a maior convenção batista no Brasil e a igreja batista, que congrega todos os batistas de todas as convenções e igrejas independentes, é considerada a maior igreja do grupo de igrejas históricas<sup>51</sup> e informa em seu site oficial os seguintes números:

Convenção Batista Brasileira – CBB	
Característica	Números apresentados
Igrejas Filiadas	7.000
Missões – congregações cadastradas	4.000
Fiéis Arrolados	1.350.000
Pastores Filiados	10.300

Quadro 9: Números da CBB / Fonte: www.batistas.com e www.opbb.org.br

<sup>51</sup> Designa-se Igrejas Históricas as igrejas provenientes da Reforma que aportaram no Brasil ainda no século XIX: presbiteriana, metodista, congregacional, luterana, batista, anglicana. Igrejas pentecostais as que surgiram no cenário brasileiro no início do século XX até meados da década de 1960: Assembleia de Deus, Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor; e Neopentecostais as que surgiram a partir da década de 1970 entre elas a IURD, Internacional da Graça de Deus, Sara Nossa Terra, Mundial do Poder de Deus entre outras.

Os Batistas Brasileiros no estado de São Paulo estão organizados através da chamada Convenção Batista do Estado de São Paulo (CBESP) que tem divulgado através de seu veículo oficial de informação, o Jornal Comunhão, os seguintes números:

<b>Convenção Batista do Estado de São Paulo – CBESP</b>		
<b>Característica</b>	<b>Números apresentados</b>	<b>Percentual em relação aos números nacionais</b>
Igrejas Filiadas	1.225	17,50%
Congregações Cadastradas	430	10,75%
Fiéis Arrolados	220.000	16,29%
Pastores Filiados	2141	20,78%

Quadro 10: Números da CBESP / Fonte: Jornal Comunhão

Cabe destacar que a CBB e a CBESP congregam em seu rol de filiados as igrejas, a pessoa jurídica. As igrejas, por sua vez, são representadas nas assembleias convencionais por membros devidamente credenciados<sup>52</sup>, inclusive o seu pastor, que têm direito a voto. A OPBB e a Seção São Paulo (OPBB-SP) tem em seu rol de filiados os pastores, pessoa física. A OPBB e as Seções têm personalidade jurídica independente e são consideradas pela CBB e CBESP entidades auxiliares com quem são mantidas relações cooperativas e de parcerias. Grosso modo, a CBB/CBESP representa os interesses das igrejas; a OPBB/Seções representa os interesses dos pastores.

A profusão de igrejas e de pastores que estes números apresentam revela a face agressiva da empreitada batista na conquista de relevância no espaço religioso no Brasil. Os batistas são classificados entre as igrejas do protestantismo de missão, sendo o maior grupo na atualidade. Isto revela que as ênfases de sua gênese permanecem quase que inalteradas e fazem que seu crescimento numérico se evidencie como nestes quadros e que são referendados pelos dados do IBGE<sup>53</sup> no

<sup>52</sup> Conforme Regimento Interno da CBESP Art. 13 § 1º “Cada igreja poderá credenciar 5 (cinco) mensageiros e mais 1 (um) mensageiro para cada grupo de 30 (trinta) membros ou fração”. No caso da CBB será mais um mensageiro para cada grupo de 50 (cinquenta) membros ou fração.

<sup>53</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

censo de 2010 que aponta um crescimento da ordem de 17,74% em relação ao período de 1991-2000.

Mary Rute nos explica que este crescimento tem sua origem na maneira como se deu sua implantação no Brasil.

Diferentemente do protestantismo de imigração, cujos limites de atuação permanecia no território dos imigrantes que trouxeram sua própria religião, o protestantismo de missão, como é o caso dos batistas, empreendeu esforços para se constituir e estabelecer-se como denominação, aproveitando o contexto favorável da época. Sua teologia conversionista, embora pudesse parecer agressiva a outros grupos e à sociedade em geral, por sua ênfase na liberdade de consciência do indivíduo e na responsabilidade individual perante Deus, talvez justamente por isso, encontrou espaço na sociedade brasileira. Contraditoriamente, são esses mesmos componentes que fazem limites ao seu campo de expansão (ESPERANDIO: 2005, 4).

Segundo Mary Rute três aspectos são decisivos ou preponderantes quando analisamos a identidade dos batistas ao longo de sua história e que por conta disso dão direção às suas ações na contemporaneidade: primeiro, a teologia conversionista; segundo a pregação salvacionista e proselitista que por força da sua expressividade precisam ser considerados independentemente, e terceiro, as ênfases da sua pregação, ou seja a mensagem da absoluta liberdade de consciência do indivíduo e a responsabilidade individual perante Deus. Estes aspectos permeiam a mensagem e o discurso ao interlocutor não converso ao mesmo tempo em que dão sustentação e motivação à ação do pregador como líder de sua comunidade. São estas características que serão destacadas ao longo da pesquisa.

Estes três aspectos são encontrados no espírito daquilo que se convencionou elencar como 'Princípios Distintivos dos Batistas' e que através dos tempos tem recebido sua defesa intransigente. É importante notar que um estudo mais detalhado nos mostra a interdependência dos princípios entre si. Eles naturalmente exigem a ideia do outro princípio para que se sustentem e "... formam um só coro com o princípio de liberdade religiosa". Segundo Mullins citado por Alvarenga (ALVARENGA: 2005, 62). São eles:

- 1) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta.
- 2) O conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada por pessoas regeneradas e biblicamente batizadas.
- 3) A separação entre igreja e Estado.

- 4) A absoluta liberdade de consciência
- 5) A responsabilidade individual diante de Deus
- 6) A autenticidade e apostolicidade das igrejas

Agregue-se a esses princípios o *modus operandi* das igrejas batistas que deve se notabilizar pela “intensa e ativa cooperação voluntária entre suas igrejas”<sup>54</sup> o que na realidade se trata de uma reafirmação prática da individualidade dentro do protagonismo da igreja local e sua autonomia.

A partir destes dados, isto é, dos princípios distintivos que vão ao encontro das três ênfases destacadas pela Doutora Mary Rute, é que poderemos destacar a ação dos batistas, especialmente na capital do Estado de São Paulo. Para reforço desta característica podemos destacar a ação individual, a ação corporativa da igreja local e a ação coletiva dos batistas brasileiros enquanto denominação.

Aos Princípios Batistas, que remetem a gênese da igreja em 1608 no meio do movimento separatista na Inglaterra conforme tese de Israel Belo de Azevedo (AZEVEDO: 2004), devem ser acrescidas as características que se foram agregando ao longo da história e que nos podem dar um modelo ideal que concomitantemente se foi formando na mentalidade do povo e especialmente do pastor batista, ou seja, a criação de arquétipos.

Para tanto, vamos verificar de forma cronológica o que foi escrito a respeito do pastor batista. Que retrato se nos chega. A cronologia que definimos respeitará o período analisado pelo autor ou a data de produção e divulgação do texto.

Apenas dois tipos de literatura serão analisados fora da linha cronológica: a questão que envolve o Manifesto dos Ministros Batistas em 1963 por se tratar de uma voz divergente ou como se constatará de um ponto fora da curva e as biografias que envolvem vários livros de anos distintos.

---

<sup>54</sup> Declaração Doutrinária da CBB, pg. 4. Também in [www.batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15&Itemid=15](http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15). Acesso em 12/02/2015 as 08h29.

## 4.5 CONCLUSÃO

No Brasil os batistas brasileiros foram grandemente influenciados pelo “landmarkismo”. Importando pelos missionários pioneiros norte-americanos afirmava a superioridade da eclesiologia batista sobre todas as demais. Atualmente esta posição é questionada, especialmente no ambiente acadêmico.

Os batistas, que surgiram na Europa e passaram pelos EUA antes de chegar ao Brasil, sintetizaram influências do calvinismo, arminianismo e anabatismo à conveniência da sua concretude histórica, acolhendo apenas alguns aspectos de cada corrente teológica, demonstrando desde o início que a sua ênfase no indivíduo os fazia tender à bricolagem, tanto teológica quanto eclesiológica.

Deve-se agregar a esta ênfase seu *modus operandi* agressivo contra o catolicismo hegemônico nos primórdios no Brasil, o fervor evangelizador, a eclesiologia simples, o padrão ético rigoroso e o ritual dramático do batismo somente de adultos.

Todos estes fatores contribuíram para a expansão dos batistas no Brasil, no entanto, a sua ênfase no indivíduo é, ao mesmo tempo, um fator que tanto concorre quanto contem o seu crescimento.

Os Princípios Distintivos (PD) dos batistas são uma síntese de sua maneira de crer e raciocinar e a melhor expressão de si mesmos. Considerados como um corpo indivisível são definidores do “ser batista” e facilitaram sua inserção na sociedade brasileira nos primórdios e também a sua acomodação às demandas da sociedade contemporânea.

# O TÍPICO PASTOR BATISTA

## BRASILEIRO

### 5.1 O RETRATO DE BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA

#### Um olhar sobre os primórdios

Betty Antunes de Oliveira<sup>55</sup> é uma conhecida historiadora entre os batistas, especialmente sobre os primórdios do trabalho batista no Brasil, sendo que seu livro “Centelha em restolho seco”<sup>56</sup> tornou-se um *best-seller* entre os batistas. É de seus registros que retiramos algumas informações sobre o primeiro pastor batista.

Conforme se verificará e não poderia deixar de ser assim, existe uma enorme influência dos missionários pioneiros sobre a primeira geração de pastores batistas

---

<sup>55</sup> Carioca (13/05/19) filha do casal Eugenia e Pr Ricardo Pitrowsky, casada com o Pr Albérico Antunes de Oliveira. Formada em Jornalismo, Piano e Órgão (UFRJ) e Ciências e Artes da Educação. Membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil, do Colégio Brasileiro de Genealogia, da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia e sócia correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

<sup>56</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 2005.

brasileiros, o que também será afirmado por Reis Pereira<sup>57</sup>. O modelo dos missionários pioneiros é o modelo a ser reproduzido.

Antônio Teixeira de Albuquerque (15/04/1840, Maceió/AL - 09/04/1887, Rio Largo/AL) foi um sacerdote católico romano formado no Seminário de Olinda em 30/11/1871. Já era missionário metodista em Piracicaba quando se tornou “partícipe da comunidade batista como membro da Igreja Batista da Estação<sup>58</sup> e como pastor, batizado e consagrado a 20 de junho de 1880” (OLIVEIRA: 2005, 179, 181, 228, 244, 278).

Segundo Betty Antunes de Oliveira sua consagração tinha claros objetivos estratégicos em relação à expansão do trabalho.

Claro está que o objetivo da consagração de Teixeira foi um objetivo missionário; essa preocupação existia no grupo agora formado pelas duas igrejas<sup>59</sup>. Evidência dessa preocupação é o fato de que, no mesmo dia do batismo e da consagração de Teixeira os irmãos votaram pedir a Junta de Richmond que ele fosse nomeado missionário. (OLIVEIRA: 2005, 244)

Um relatório da Missionária Kate Stevens Taylor datado de setembro de 1883 referenda esta opinião

Sr Teixeira... trabalha conosco a um ano... tem sido de grande valia para a Missão... considero sua nomeação uma necessidade, pois ele continuará a ser de grande valia para a Causa. Realmente não sei como poderíamos realizar este trabalho sem ele agora (humanamente falando), e, portanto, urge que seja ele nomeado com o salário mencionado (OLIVEIRA: 2005, 257-258)

O primeiro pastor brasileiro Antônio Teixeira de Albuquerque pode ser considerado um homem trabalhador, imprescindível no sentido de realização das tarefas da causa ou da missão.

As informações dão conta de que no início de seu ministério participou de um projeto de cooperação entre as igrejas de Santa Barbara d’Oeste de implantação de um colégio direcionado a atingir os brasileiros em Piracicaba onde ele “foi designado para coordenar o desenvolvimento do referido plano na qualidade de supervisor, abrangendo as funções de pastor, pregador e professor” (OLIVEIRA: 2005, 245)

---

<sup>57</sup> PEREIRA, José dos Reis. História dos Batistas no Brasil: 1882-1982. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

<sup>58</sup> Na cidade de Santa Bárbara d’Oeste.

<sup>59</sup> Primeira Igreja Batista e a Igreja Batista da Estação, ambas em Santa Bárbara d’Oeste.

A Missionária Kate Stevens Taylor reconhece seu grande valor indicando-o após “testar seu caráter e aptidões em várias oportunidades” ao longo de um ano através da sua atuação “como professor, colportor, pregador, superintendente de Escola dominical, como conselheiro e assistente geral” (OLIVEIRA: 2005, 257-258).

O próprio relatório de atividades de Antônio Teixeira de Albuquerque referentes ao período de outubro de 1883 a janeiro de 1884 é prestado e descrito em números de sermões proferidos, contatos e visitas realizadas, Bíblias e Novos Testamentos vendidos (OLIVEIRA: 2005, 258-259).

Além deste destaque das intensas atividades pastorais ele também é descrito com as qualidades de grande orador ou pregador. Antônio Teixeira de Albuquerque é capaz de congrega em si duas características importantes:

A primeira é que sua sólida formação lhe dá condições de manter um discurso apologético, ou seja, como ex-padre é e está capacitado a combater os “erros” do catolicismo romano enquanto religião hegemônica.

Ele compilou somente um tratado quando residiu na cidade de Salvador (BA) em novembro de 1883 que ficou famoso (OLIVEIRA: 2005, 184, 258).

“Porque deixei a Igreja de Roma” ou “Três razões porque deixei a Igreja Romana”. As razões de sua saída são os três tópicos do seu texto: “A missa ou transubstanciação”, “O celibato obrigatório” e “Confissão auricular e absolvição” [ e *conclusão*]. Nele, Albuquerque conta que procurou “Jesus Cristo, o único refúgio dos pecadores e Salvador perfeito, todo suficiente e terno, o qual só conhecia de nome, para conhecê-lo de coração”. Este seria o paradigma de todas as vindouras narrativas de conversão do catolicismo ao protestantismo” (AZEVEDO IB: 2004, 202)

Betty Antunes de Oliveira, na mesma descrição deste testemunho acrescenta a frase “Dia Feliz! Quando pude dizer: Jesus é meu e eu sou de Jesus” (OLIVEIRA: 2005, 181).

A segunda é sua capacidade oratória, isto é, na prática ele é um grande pregador. A missionária Kate Stevens Taylor o descreve como alguém que frequentemente dirige reuniões de oração sendo “muito agradável ouvi-lo” (OLIVEIRA: 2005, 256). Que ele também tem “demonstrado ser um hábil professor e pregador do evangelho” (OLIVEIRA: 2005, 258). E o Reverendo Quilin fornece à Junta de Richmond suas qualificações como

“um ótimo linguista, e, talvez, o melhor orador de púlpito do Brasil, que conseguia reunir uma grande congregação de brasileiros, mais do que qualquer outro pregador” (OLIVEIRA: 2005, 244).

Betty Antunes de Oliveira afirma que ele foi um “exemplo de fidelidade, firmeza e dedicação... exemplo de coração ardente pela pregação da Palavra” (OLIVEIRA: 2005, 258), que apesar de ser “um homem marcado por sofrimentos e lutas... suas vitórias seriam grandes, duradouras e pródigas em frutos, para sua geração e até o dia de hoje. Ele continuaria a pregar” (OLIVEIRA: 2005, 248) numa clara alusão não somente a centralidade da pregação em seu ministério, mas à sua reconhecida capacidade nesta área ministerial. Aliás, ele mesmo definiu esta característica como essencial ao dizer “e hei de pregar até o dia em que Deus me desatar desta carne para ir habitar eternamente com meu Senhor Jesus” (OLIVEIRA: 2005, 255).

Segundo Antônio Gouvêa Mendonça estas características marcantes – o discurso apologético contra a igreja católica e a pregação dramática com apelos emocionais – foram o mote da ação evangelizadora dos batistas no início do século XX, o que explicaria inclusive seu vertiginoso crescimento neste período (MENDONÇA: 1995, 200). Uma influência direta destes pioneiros.

Estas informações nos dão conta de que estas características dos primórdios do passado ainda hoje na contemporaneidade são desejadas ou exigidas daquele que se sente chamado e vocacionado para o ministério pastoral batista.

O pastor batista do século XIX já precisava conciliar uma série de tarefas eclesiais e ou tarefas seculares advindas da condição do ministério parcial com a excelência da pregação de púlpito.

Poder-se-ia dizer que nada mudou nesta prática não fossem as mudanças impostas pela complexidade das questões da contemporaneidade (urbanização, aceleração do tempo, consumismo, bioética, ação social e política, pluralidade religiosa e ética e etc), e que também já não é mais possível fazer uma pregação apologética exclusivamente contra o catolicismo romano.

Em Betty Antunes de Oliveira, desde os primórdios, o pastor batista é um homem trabalhador que foi chamado para a Causa. Eventuais dificuldades não serão empecilhos para o cumprimento do chamado e serão vencidas no exercício de um ministério que tenha sua agenda preenchida com atividades que possa

contabilizar e mensurar. Especialmente suas pregações, visitas, contatos e atividades afins, e especialmente o número de batismos realizados darão legitimidade a sua vocação, chamado e ministério.

## 5.2 O RETRATO DE MENDONÇA & VELASQUES FILHO

### Um olhar sociológico

Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho (MENDONÇA & VELASQUES FILHO: 2002, 42-45 e MENDONÇA: 1995, 195-201)<sup>60</sup> descrevem o pastor batista brasileiro como sendo um homem que recebeu seu chamado e sua vocação sob o impacto e a égide dos avivamentos dos séculos XVIII e XIX; e sua formação teológica recebeu influência direta da teologia arminiano-wesleyana provinda destes avivamentos e que dava ênfase na santidade que se manifestava através de uma ética ascética, distanciando-o da teologia calvinista dos pioneiros europeus.

“os batistas brasileiros guardam aquelas características distintivas históricas... autonomia completa das congregações locais, composição da igreja só por pessoas regeneradas, negação do batismo infantil, batismo exclusivo por imersão e uma tenaz convicção de liberdade religiosa. Entendem que a vida religiosa é uma relação exclusiva entre o homem e Deus através da experiência religiosa pessoal... alimentada principalmente pela leitura e interpretação pessoal da Bíblia... são levados a desvalorizar um clero academicamente preparado e os sacramentos como meios exclusivos da graça... o único credo batista é o Novo Testamento interpretado diretamente pelo fiel... vigorosa recusa de qualquer autoridade... pessoal ou escrita. A autoridade do pastor decorre unicamente da assembleia que o elege e é exclusivamente profética e exortativa. (MENDONÇA: 1995, 196)

Seu distanciamento da teologia calvinista europeia abriu espaço para conformar-se ao landmarkismo dos pioneiros norte-americanos. Pode ser descrito como alguém forjado numa mentalidade de distanciamento, isto é, sua atitude é de completa falta de cooperação com as demais igrejas protestantes o que os torna, por consequência, arredios quando não frontalmente contrários, ao ecumenismo. Ao mesmo tempo manifestam-se acentuadamente denominacionalistas e intransigentes na defesa de seus princípios. Também estão constantemente preocupados com a preservação de sua identidade o que contribui para a tendência ao conflito e

---

<sup>60</sup> O livro “O Celeste Porvir” tem sua primeira publicação em 1984. Como trata-se de tese de doutorado na USP sua pesquisa e texto original devem ser anteriores a 1984. O livro “Introdução ao Protestantismo no Brasil” tem copyright de Edições Loyola de 1990.

dissenções entre grupos e discussões internas sobre a posse da verdadeira identidade.

No entanto, apesar das discussões internas sobre qual é e como se deve dar a preservação de sua própria identidade, os batistas alcançam relativa unidade em torno de uma “mentalidade missionária expressiva” o que se manifesta em suas estratégias de evangelização. A evangelização direta é a sua prioridade e seu objetivo único é evangelizar e converter pessoas às suas igrejas. Há um forte sentimento expansionista.

Segundo Antônio Gouvêa Mendonça esta expansão se dava prioritariamente através da pregação característica das igrejas de missão, que provavelmente seguiam a mesma “estratégia das grandes campanhas de avivamento religioso de João Wesley”, com sermões dramáticos e apelos emocionais que misturavam uma crença religiosa composta de “dogmatismo, racionalismo e emocionalismo”. Também afirma que esta “difícil composição epistemológica e emocional... marcaria uma permanente dialética nos desdobramentos históricos do protestantismo no Brasil” (MENDONÇA: 1995, 200).

A respeito da pregação Antônio Gouvêa Mendonça diz:

O padrão de pregação no protestantismo brasileiro de missão foi sempre tríplice: avivalista, polêmico e moralista. O padrão avivalista tem por objetivo a conversão do indivíduo, o polêmico convencê-lo da verdade do protestantismo ante o catolicismo e o moralista mostra e inculca padrões de conduta diferenciadores da nova religião (MENDONÇA: 1995, 198)

Esta pregação era executada no padrão oratório dos pregadores avivalistas George Whitefield (1714-177), Dwight Lyman Moody (1837-1899) e Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), ou seja, “sermões longos, veementes e emocionalistas” num casamento feliz do “estilo avivalista dos missionários e a oratória latina dos brasileiros bem na tradição das academias de direito” e tinha o objetivo de “convencer o indivíduo de seu pecado, desencadear suas emoções e levá-lo a uma decisão existencial, e por isso, quanto mais dramático o pregador, melhores resultados” (MENDONÇA: 1995, 198).

No caso da educação secular das populações através dos colégios batistas, ela não é um fim em si mesmo, mas um meio de conquistar prosélitos para suas igrejas. Este foco de evangelização nos alunos bem educados e de famílias que tinham condições de mantê-los nesses colégios gera um ideal de classe média e

uma mentalidade de ascensão social. Mendonça caracteriza esta atuação social baseada nesta mentalidade e neste ideal como vocação para a urbanização.

No entanto, a busca pela educação e a sua vocação urbana não contribui para uma ação política contundente que se manifesta “individualista e conservadora” e sem um ideal político frente às questões sociais e estruturais da sociedade.

Em Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho o pastor batista é um homem de mentalidade expansionista, social e numericamente. Baseado em pressupostos landmarkistas, sua prioridade é entusiasticamente perseguida, ou seja, o crescimento de sua igreja local e de sua denominação. É avesso as questões sociais, isto é, os problemas estruturais da sua sociedade não estão na pauta de suas prioridades.

### **5.3 O RETRATO DE A.B. LANGSTON**

#### **Um olhar missionário e teológico**

Alva Bee Langston<sup>61</sup> (1878-1965) foi missionário norte-americano nomeado pela Junta de Richmond que chegou ao Brasil em 1909 com 31 anos de idade e foi professor no STBSB além de pastor no Rio de Janeiro até 1936, aos 58 anos.

Ele é considerado um dos principais formadores do raciocínio teológico do pastor batista brasileiro. Além de seus 27 anos de cátedra no STBSB quando este era a principal instituição teológica e de preparo ministerial do Brasil e de onde influenciava diretamente os futuros pastores, também foi um escritor de obras que se tornaram referencial para os estudantes, pastores e fiéis das igrejas.

Darci Dusilek ao apresentar a sua obra mais popular Esboço de Teologia Sistemática, escreve:

A primeira geração de pastores e pregadores batistas brasileiros contraiu uma grande dívida para com A.B. Langston. Chegado ao

---

<sup>61</sup> A. B. LANGSTON (Alva Bee Langston), dos Estados Unidos, 1878, escreveu entre outros, NOÇÕES DE ETICA PRATICA, TEOLOGIA BIBLICA E SISTEMATICA, O PRINCIPIO DO INDIVIDUALISMO, A DOCTRINA DO ESPIRITO SANTO, sem dados biográficos completos nos livros e sem qualquer outra informação ao alcance da pesquisa, via textos publicados. Após os estudos primários em sua terra natal, deslocou-se para outros centros, onde também estudou. Tinha 31 anos de idade, em 1909, quando foi nomeado pela Junta de Richmond, missionário batista, tendo vindo para o Brasil. Tornou-se Professor do Colégio Batista do Rio e também do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Foi Pastor de diversas igrejas batistas do Rio de Janeiro. Exerceu esta atividade de Pastor e também de Professor até 1936, quando tinha 58 anos de idade. Faleceu em 1965, com 87 anos. In: <http://guarataia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1443126021>. Acesso em 17/11/2014 as 18h51

Brasil em 1909, uma das suas preocupações foi a formação de líderes para a obra de evangelização. Esta formação procurava ele ministrar não apenas através de cursos e aulas formais, mas também através da preparação de textos que, uma vez servindo de base para preleções, pudessem também ser utilizados como guia de estudos. Neste sentido a pena de A.B. Langston foi uma das mais férteis. Sua formação doutrinária firme e sólida impressionou a mente dos seus muitos alunos. Não há dúvida de que a consistência doutrinária dos batistas brasileiros em muito se deve ao trabalho de A.B. Langston e outros missionários pioneiros (LANGSTON: 1991, 6)

Israel Belo de Azevedo ao listar os mais expressivos pensadores que moldaram doutrinariamente os batistas brasileiros afirma que

Ninguém melhor entendeu as linhas-mestras do pensamento batista do que o missionário Alva Bee Langston... autor, entre outros de “A democracia batista” (1917), “O princípio do individualismo em suas expressões doutrinárias” (1933), “Esboço de teologia sistemática” (1959), “A doutrina do Espírito Santo”, “Noções de ética prática”, “Teologia bíblica do Velho Testamento” (1938) e “Teologia bíblica do Novo Testamento” (3ª ed.: 1938). Em certo sentido, Langston é o primeiro teólogo batista no Brasil... seu esboço de teologia se tornou leitura obrigatória para jovens pastores e suma da sistemática batista (AZEVEDO IB: 1996, 204)

A influência teológica de Langston e outros pensadores é tamanha que Israel Belo de Azevedo afirma que nos concílios examinadores o candidato ao ministério pastoral sabe que deverá formular suas respostas, isto é, seu raciocínio teológico, a partir dos conceitos destes teólogos e não das declarações de fé (AZEVEDO IB: 1996, 204).

Langston afirmava, por exemplo, que o que distingue os batistas são seus princípios que mediam as relações da vida e sobre os quais se fundam as doutrinas (AZEVEDO IB: 1996, 227).

Sua obra mais influente é “O princípio do individualismo” (AZEVEDO IB: 1996, 211) onde advoga que o individualismo é “a liberdade, a competência e a responsabilidade do indivíduo em todas as relações da vida” (AZEVEDO IB: 1996, 178) e que este é um princípio que percorre toda a Bíblia como um “fio de ouro” (AZEVEDO IB: 1996, 230-231). Sendo a pessoa humana um ser competente é na alma humana que se trava a mais importante batalha do mundo, ou seja, a guerra de vida e de morte (AZEVEDO IB: 1996, 236), sua salvação está na escolha que faz em sua subjetividade cooperando com Deus nesta decisão, uma vez que a “salvação é a continuação da criação”, isto é, é um retorno aos planos originais de Deus que o justifica diante desta decisão (AZEVEDO IB: 1996, 238-239).

Langston afirma categoricamente que o homem coopera com Deus em sua salvação ao atender ao “apelo divino” (AZEVEDO IB: 1996, 242) distanciando-se de um calvinismo mais radical, e que, diferentemente de outros pensadores batistas, a salvação é um processo (AZEVEDO IB: 1996, 243). Langston também se mostra adepto do landmarkismo ao afirmar que “muito antes de Lutero já existiam os batistas” (AZEVEDO IB: 1996, 215) e que “só há uma igreja no mundo, que é a igreja local” (AZEVEDO IB: 1996, 248) que se expressa através de um governo democrático puro, isto é, “um governo do indivíduo, para o indivíduo, pelo indivíduo” uma vez que cada um é competente diante de Deus (AZEVEDO IB: 1996, 250). Não existe uma “igreja batista” como entidade, mas igrejas batistas, pois cada igreja é a expressão local e temporal da igreja universal atemporal. Numa nota de rodapé há uma citação que esclarece:

[O] Reino de Deus, [é] composto ‘de todos os crentes, tanto do passado quanto do presente’”, enquanto, ‘a Igreja apenas daqueles que vivem atualmente e são atualmente membros da organização externa’... ‘não se deve confundir Reino com Igreja. Reino é a entidade à qual todo crente realmente pertence; a Igreja é o método pelo qual o crente deve funcionar ou cumprir as obrigações de Reino. Pode dar-se o caso do indivíduo, isto é, o indivíduo remido, estar no Reino sem estar na Igreja. Mas neste caso ele certamente não cumprirá, nem para si nem para o mundo, o seu dever no Reino (AZEVEDO IB: 1996, 248)

Seu entendimento sobre a salvação é resumido por Israel Belo de Azevedo e expressa bem o que se tornou o entendimento e práxis da primeira e segunda geração de pastores batistas.

Conforme esta visão verticalista do problema, para se salvar, o homem precisa ver-se como o único ser humano em todo o mundo. Ele está totalmente corrompido, carecendo da irrupção total da graça em sua vida para que encontre a salvação que é pessoal, intransferível e incorporatizável, assim, quando se encontra face a face com Cristo, a comunhão é estabelecida e o problema resolvido, numa interação direta de duas vontades; a sua e a do Criador. De um lado, está Deus em Cristo e, do outro, o homem sozinho. A salvação ocorre, portanto, num encontro secreto entre os dois (AZEVEDO IB: 1996, 178)

Esta ideia vai ao encontro da práxis do pastor batista de apelos conversionistas como uma materialização do ‘apelo’ divino. Esta era a preocupação e o interesse de Langston desde o início de seu trabalho no Brasil, ou seja, capacitar o pastor batista brasileiro para a sua obra de evangelização. Sua capacitação passava pelo conhecimento teórico que o deveria impulsionar, isto é, sua doutrina

superior. Langston já sabia que a teologia pastoral deveria vir acompanhada de uma teologia prática.

Em Langston o pastor batista brasileiro é um homem evangelista por causa da doutrina que o motiva e o desafia ao mesmo tempo. Sua práxis pastoral está fundamentada em sua teologia prática marcadamente landmarkista que tem como fio condutor a absoluta liberdade de consciência do indivíduo.

## **5.4 O RETRATO DE JOSÉ DOS REIS PEREIRA**

### **Um olhar institucional**

José dos Reis Pereira<sup>62</sup> (PEREIRA: 1982, 49-55)<sup>63</sup>, conhecido como Pr Reis Pereira, foi especialmente designado a escrever para as celebrações do Centenário dos Batistas no Brasil em 1982. Representa o olhar institucional. Além de pastorear a IB do Rocha – RJ era o redator d'O Jornal Batista desde 1967. Através do capítulo 6 - “A Influência dos pioneiros” – podemos ter um retrato de quem era o pastor batista, ou ao menos o seu ideal quando de seu texto. Os dez itens elencados por Reis Pereira podem ser agrupados para darmos melhor caracterização ao pastor batista.

José dos Reis Pereira, apesar de passados cem anos, define o pastor batista destacando nele a prioridade dos missionários pioneiros, ou seja, alguém que ame evangelizar, isto é, que valorize a mensagem salvacionista e proselitista baseada nos pressupostos landmarkistas, visto ser ele mesmo adepto desta posição.

Neste sentido, o destaque para a valorização da imprensa, da educação e da música pelo pastor batista tinham como objetivo primário a evangelização. Esses aspectos de valorização proporcionariam num segundo momento ou de forma indireta a formação do povo que é elencada como ascensão social dos filhos dos crentes e preparação de liderança pastoral autóctone.

Esses quesitos, apesar de aparecerem de forma secundária, devem ter sido um aspecto importante visto que os batistas tiveram acesso e penetração nas camadas mais humildes da população e seu crescimento vertiginoso nas primeiras

---

<sup>62</sup> Pastor por mais de quarenta anos da IB do Rocha – RJ. Bacharel em Teologia, Filosofia e Jornalismo. Foi Professor do STBSB por 33 anos e Diretor d'O Jornal Batista por 24 anos.

<sup>63</sup> O Pr José dos Reis Pereira escreveu este livro especialmente para a celebração do Centenário dos Batistas no Brasil comemorado em Salvador/BA em 1982.

décadas se deveu a especial ação conjunta de missionários pioneiros, pastores e leigos autóctones ainda despreparados, como sinaliza Read:

“esses pioneiros batistas foram evangelistas e pastores notáveis e serviram de exemplo às gerações destinadas a participarem de seu trabalho. Deram sua contribuição através do zelo evangelístico e de uma sadia liderança, trabalhando sempre no sentido de abrir novos campos, o que, para eles, significava: buscar e aproveitar as novas oportunidades que surgiram à implantação de igrejas. Os pioneiros batistas chegaram a este grande País, cheios de fervor para pregar o Evangelho, e fundar igrejas baseadas no Novo Testamento. Foram única e exclusivamente fundadores de igrejas. Não tinham tempo nem dinheiro para a propagação de instituições... “desde cedo os missionários colocaram as responsabilidades eclesíásticas nas mãos dos pastores brasileiros, jovens e capazes” (READ: 1967, 192-193)

Outro historiador que lança luz a esse destaque de Reis Pereira sobre a valorização da imprensa, do estudo e da música como importante para a formação de seu próprio povo, especialmente os pastores, é Émile-G. Léonard. Ele descreve um pastor batista estigmatizado por sua falta de preparo

“Enquanto na igreja presbiteriana ensino e evangelização eram confiados a evangelistas assalariados e ‘presbíteros’ escolhidos... era, nas igrejas batistas, assumido por pastores eleitos a quem as outras denominações observavam algumas vezes, um pouco sem caridade, a improvisação e a falta de cultura. ‘Ao primeiro passo na vida cristã os batistas o recebem como membro professo, e ao primeiro galope, o farão pastor’, dizia-se então. Conta-se mesmo que um ministro presbiteriano a quem se fazia o elogio de um de seus colegas batistas, respondeu: ‘Ele sabe ler?’. A História dos Batistas do Brasil apresenta a defesa, a esse respeito, circunstâncias atenuantes, procurando por outro lado evidenciar o magnífico trabalho realizado por esses crentes sem preparação e muitas vezes obrigados a ganhar a vida em ofícios os mais modestos; ela poderia lembrar que existia ali uma tradição batista e que foram precisamente os ‘sapateiros inspirados’ e, em particular, o ilustre William Carey, ele mesmo, sapateiro e pastor de uma pequena igreja, que em fins do século XVIII deram início à grande era das Missões evangélicas entre os pagãos” (LÉONARD: 1963, 81-82).

Somente num terceiro plano, Reis Pereira destaca a intenção de fazer algo pelas pessoas ou pelo País. A literatura, educação e a música são “meio de evangelização” e uma vez convertido o indivíduo se emanciparia e teria condições de mudar sua história e a da sua sociedade livrando-a do atraso proporcionado especialmente pelo catolicismo.

Pessoalmente, o pastor batista é alguém voltado para a piedade pessoal exemplificada pela vida de oração e prática do conhecimento adquirido na leitura da Bíblia. A leitura e conhecimento bíblico visava capacitá-lo à pregação polêmica como

definida por Mendonça, ou seja, apresentar a doutrina batista como superior às outras, especialmente ao catolicismo.

Por fim, José dos Reis Pereira, destaca características de identificação do grupo. Como se trata de um livro oficial, encontramos aqui a visão do grupo hegemônico reafirmando seu olhar hermenêutico. Reis Pereira destaca como sinal de firmeza doutrinária e ortodoxia aspectos como a celebração da Ceia do Senhor de forma restrita onde participam somente crentes batistas da mesma “fé e ordem” embora a Declaração Doutrinária da CBB diga que “A Ceia do Senhor deve ser celebrada pelas igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o Batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes”, impondo, portanto, apenas a restrição do batismo bíblico e do exame íntimo. Também destaca a questão do “batismo bíblico” que entre os batistas da CBB, naquele momento histórico, seria definido pelo consenso na prática da imersão do batizando nas águas por um pastor autorizado pela igreja com invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É possível observar hoje, a prática do batismo administrado por outros membros da igreja local.

Em José dos Reis Pereira, o pastor batista é um evangelista. Seus pressupostos teológicos são landmarlistas. Seu discurso é salvacionista. Sua atitude proselitista e exclusivista.

## **5.5 O RETRATO DE JOHN LANDERS**

### **Um olhar acadêmico**

John Landers<sup>64</sup> é um missionário americano da Junta de Richmond que atuou durante vários anos no Brasil como professor nos Seminários da Denominação na preparação dos futuros pastores. Em seu livro Teologia dos Princípios Batistas, ele dedica o “capítulo 7 – O ministério – o servo dos servos de Deus” para tratar sobre os pastores.

John Landers não vê outra maneira de abordar o assunto a não ser retrocedendo às origens dos batistas no século XVII.

---

<sup>64</sup> Professor de Teologia Sistemática no Seminário Batista do Sul do Brasil (RJ). PhD em Teologia pelo Southwestern Theological Seminary e PhD em História Moderna pela Texas Christian University (USA). Também foi professor do Seminário Teológico Batista Equatorial (Belém-PA) por onze anos.

O ministério pastoral batista surge com a mesma crítica dos reformadores Lutero e Calvino ao clericalismo e ao sacerdotalismo do catolicismo medieval que atribuía a seus sacerdotes “poderes especiais para ministrar sacramentos” exercendo “controle dos meios da graça”. Segundo John Landers os anabatistas e depois os próprios batistas ultrapassaram os reformadores em sua correta reação que, no entanto, foi “largamente negativa”, ou seja, na intenção de desconstruir esqueceu-se de definir o certo. Hoje, passados 500 anos da Reforma os batistas e evangélicos tem dificuldade de definir os detalhes do ofício pastoral e assim ainda permite em seu meio modelos autoritários de pastoreio (LANDERS: 1994, 91).

A título de exemplo desta dificuldade, foi só a partir de 2004 quando da promulgação do Novo Código Civil brasileiro que a CBESP passou a oferecer em seu site um modelo de estatuto social que define algumas funções ou atribuições dos pastores como celebrar a ceia e officiar batismos<sup>65</sup>.

Os batistas protestam contra o abuso do poder, mas reconhecem que a liderança é impossível sem alguma autoridade. Sentindo esta tensão, os batistas, querem evitar dois extremos: por um lado, o sacerdotalismo, que atribui poderes místicos aos líderes; por outro lado, o anarquismo, que não reconhece nenhuma liderança. Cada igreja é autônoma, mas investe seu pastor com a devida autoridade para liderar o rebanho. Ele é ministro de sua igreja. O servo dos servos de Deus (LANDERS: 1994, 91-92)

Esta dualidade servo-líder, segundo John Landers, pode ser ultrapassada tomando como exemplo a atitude de serviço humilde ensinada por Jesus diante do desejo de liderança dos discípulos na ocasião do Lava-pés (João 13). O apóstolo Paulo também é tomado como exemplo para o ministério pastoral porque teve uma “chamada especial” para uma “vocação especial” recebendo dons especiais a fim de que pudesse ser servo e líder da igreja (Efésios 3.7-8). John Landers afirma que “a vocação ministerial específica é uma chamada para a liderança” (LANDERS: 1994, 93), mas a liderança do pastor é uma liderança que deve se contrapor a qualquer tipo de autoritarismo.

A esse autoritarismo a Reforma respondeu com a doutrina do sacerdócio universal dos crentes e os batistas radicalizaram com a afirmação de que não há

---

<sup>65</sup> Art. 29. Caberá ao Pastor-titular a direção dos atos de culto, ocupar o púlpito para proferir as mensagens, dirigir a celebração da Ceia do Senhor, realizar batismos e outras cerimônias, podendo a seu critério convidar outros pregadores ou pastores para realizá-las, ou aprovar, nomes porventura indicados por membros da Igreja. In: [http://grupowe.com.br/portal/images/documentos/modelo\\_estatuto1\\_sem\\_conselhogestor.pdf](http://grupowe.com.br/portal/images/documentos/modelo_estatuto1_sem_conselhogestor.pdf) > acesso em 04/11/2104 – 11h13.

“nenhuma distinção entre clero e laicato” (COOPER, Owen. *The Need*. In: HUMPHREYS, Fischer & KINCHEN, Thomas A. *Laos: All the People of God*. New Orleans: Convocation on the Laity, p. 5-19, apud LANDERS: 1994, 93). Essa posição levou as igrejas batistas em seus primórdios a escolherem dentre os da sua própria comunidade o seu pastor, não necessitando se quer de preparo teológico específico. Landers reconhece que os termos não são bíblicos, mas entende ser quase impossível não usá-los para distinguir a liderança pastoral dos demais crentes que foram todos chamados ao ministério que a igreja deve exercer enquanto corpo místico de Cristo.

O exercício deste serviço de liderança por parte do pastor se dará de duas maneiras básicas

Primeiro ele deverá ser capaz de exercer esta liderança através e a partir do púlpito da igreja. Ele deverá ser um pregador. A pregação deverá ser centralizada na Bíblia, porque ela é a Palavra de Deus. Esse entendimento será essencial. Além disso, outras características como boa oratória, comunicação e postura serão úteis na consecução desta tarefa.

O culto evangélico opera em torno da Palavra de Deus. O líder de uma igreja sacramentalista é, em primeiro plano, uma pessoa autorizada a ministrar sacramentos. Numa igreja que enfatiza a centralidade da proclamação da Palavra, por outro lado, a primeira atribuição do líder é sua capacidade de pregar. Por esta razão, a obra pastoral batista focaliza-se no púlpito. Outros ministérios são igualmente necessários, mas a pregação é central no ministério evangélico (LANDERS: 1994, 94)

Esta liderança a partir do púlpito deverá trazer uma coesão a ponto de John Landers afirmar que “a igreja é como uma orquestra” (LANDERS: 1994, 95) na qual o principal papel do pastor será treinar ou aperfeiçoar os crentes para a obra do ministério da igreja (Efésios 4.11-12), ou seja, cada qual tocando seu instrumento [*realizando suas tarefas*] sob a regência [*liderança*] do pastor a fim de que a peça musical [*o ministério da igreja*] seja executada. Todos juntos, ao mesmo tempo e com harmonia.

John Landers não é landmarkista. Ele desmerece esta posição ao afirmar que “os católicos defendem sua sucessão apostólica pela lista de Irineu, que é duvidosa, mas a linha sucessória dos landmarkistas é ainda mais improvável” (LANDERS: 1994, 97). O landmarkismo poderia se prestar ao clericalismo para afirmar uma

sucessão apostólica bem como suas práticas, mas ao contrário disso, por ser descartado John Landers afirma

O Novo Testamento não especifica exatamente quais as funções de um ministro ordenado, e como consequência os batistas não têm uma definição exata nessas questões. Falando de modo geral, as igrejas batistas celebram as ordenanças sob a direção de um pastor... o batismo por leigos, porém, é desconhecido (LANDERS: 1994, 97)

Esta última afirmação de Landers deve ser considerada dentro de seu contexto histórico já que o copyright do texto é de 1986 e a 3ª edição do livro usada nesta pesquisa é de 1994, ocasião em que deveria retratar a realidade e, portanto era bastante plausível. Na contemporaneidade, é possível observar igrejas batistas em que outras pessoas além do pastor, especialmente os discipuladores do batizando, são autorizadas a realizar o batismo. Os pressupostos para esta mudança de prática do batismo neste período de trinta anos merece uma pesquisa específica, mas uma vez que não é o tema desta pesquisa, não será analisada.

A segunda maneira é a coerência da vida do pastor. A integralidade e a integração de suas potencialidades na execução do serviço de liderança que ele deverá exercer.

Se a pregação deve ser uma característica do pastor, ela por si só não será suficiente para atender aos anseios e dignidade do exercício do ministério pastoral batista. Ela pode ser resumida a uma técnica, ou pura oratória inclusive com conteúdo doutrinário aceitável. Também pode ser exercida com conteúdo reprovável. Por isso John Landers alista três elementos necessários à pregação nos moldes batistas: técnica, conteúdo e caráter. John Landers afirma

A educação teológica focaliza-se no estudo bíblico, porque o ministério cristão é o ministério da Palavra de Deus. Apesar da autoridade de caráter que o pastor demonstra, sua mensagem no púlpito é válida só se for confirmada pela Bíblia. O pastor tem que ser um profundo conhecedor da Bíblia, tanto em seu aspecto acadêmico como também na aplicação da sua mensagem à vida devocional e prática (LANDERS: 1994, 99).

Como afirmou, o pastor deverá ser um pregador. De seu púlpito ele exercerá liderança e promoverá coesão na igreja. Agora John Landers afirma que o pastor deverá ter autoridade de caráter, ou seja, vida ética e moral que esteja de acordo com os padrões da Bíblia que ele ensina através da pregação de seu púlpito.

Além disso, sua pregação deverá ter um conteúdo bíblico. Landers faz essa afirmação na intenção de que o pastor seja um biblista. O contexto de sua afirmação é a educação teológica. Cabe aqui uma pequena digressão que deverá padronizar a utilização dos vocábulos que apesar de serem sinônimos, serão usados de maneira a traduzir ideias diferentes.

O biblicista é aquele pregador que cita muitos textos bíblicos em sua pregação e na sua construção hermenêutica. Esta é uma característica da pregação apologética batista desde os seus primórdios quando confrontava o catolicismo hegemônico que ainda realizava suas missas em latim. Era através da citação de textos bíblicos em abundância, que poderiam ser usados fora de seu contexto, ou sem o aprofundamento exegético necessário ou ainda como pretexto, que era provada a superioridade da doutrina batista.

O biblista em contrapartida é aquele pregador que tem conhecimento das línguas originais, é apto a fazer exegese utilizando-se de ferramentas hermenêuticas e da cultura teológica geral na sua própria construção teológica. O biblista é esse “profundo conhecedor da Bíblia” que alia os aspectos acadêmicos, devocionais e práticos na “aplicação da sua mensagem”.

Em John Landers o pastor batista é pregador. A profundidade teológica e a vida coerente com seu ensino lhe permite exercer a liderança da sua igreja através da sua pregação. Seu chamado e vocação, atestados por seus dons, o autorizam a pregar com maestria.

## **5.6 O RETRATO DE ISRAEL BELO DE AZEVEDO**

### **Um olhar revolucionário**

Segundo Israel Belo de Azevedo<sup>66</sup> (AZEVEDO IB: 2004)<sup>67</sup> o protestantismo e os batistas norte-americanos que se lançam a alcançar o mundo, vinham cheios de uma vitalidade especial definida na frase do sermão do batista Francis Wayland (1796-1865): “Nosso campo é o mundo. Nosso objetivo é realizar uma completa

---

<sup>66</sup> Pastor da IB Itacuruçá - RJ. Mestre em Teologia (STBSB) e Doutor em Filosofia (UNIMEP). Professor universitário, foi Diretor e Professor do STBSB.

<sup>67</sup> A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004 é a Tese de Doutorado em Filosofia pela UNIMEP de Israel Belo de Azevedo, datada originalmente de 1996.

revolução em toda a raça humana” (AZEVEDO IB: 2004, 138). Essa vitalidade e esse entendimento estão expressos em suas palavras quando diz:

Assim, ao final do século 19, o entendimento da corrente majoritária do protestantismo é indispensável para a compreensão do protestantismo brasileiro. Essas características podem, em resumo, ser assim nomeadas: entronização do princípio da liberdade religiosa, gestação de um tipo de religião civil, instrumentação utilitária do individualismo, desenvolvimento de uma consciência denominacionalista anticatólica, a formação do espírito missionário e a subjugação da razão à sua dimensão prática” (AZEVEDO IB: 2004, 138)

Essa vitalidade aporta no Brasil definindo a ação pastoral dos batistas que, enquanto extrato do protestantismo, se configurou numa luta evangelizadora de uma nação por uma seita “sitiada pelas trevas... do catolicismo” (AZEVEDO IB: 2004, 172), e que foi organizado numa pedagogia que se utilizou como principal instrumental, assim como as outras tradições protestantes no Brasil, ocupar quatro espaços bem definidos, a saber:

... o templo (o centro da vida religiosa), a escola (extensão para servir de meio: a educação, para a colimação de um fim: a conversão), a praça (palco a partir de onde se atrai para a mensagem e para o templo) e o prelo (para a auto e para a hetero-evangelização) (AZEVEDO IB: 2004, 153)

Segundo Israel Belo de Azevedo, o principal instrumento foi a imprensa que se tornou o meio mais utilizado pelo qual “podiam se apresentar ao público brasileiro” (AZEVEDO IB: 2004, 153-154). No entanto a produção teológica impressa não passava de “traduções ou adaptações de manuais norte-americanos sem qualquer reflexão nacional” (AZEVEDO IB: 2004, 156-157). No entanto, apresenta uma teologia baseada num...

“calvinismo transformado e no qual não há lugar real para a teologia da dupla predestinação, mas há para a de um mundo como teatro da glória de Deus, que dirige a historia fundado em sua soberania” (AZEVEDO IB: 2004, 154).

Israel Belo de Azevedo afirma que quem quiser compreender a teologia protestante no Brasil, especialmente a Batista, deverá observar as aulas dos seminários teológicos, os sermões do domingo e das quartas feiras<sup>68</sup>, ler as revistas

---

<sup>68</sup> Tradicionalmente as igrejas batistas têm um culto de estudo bíblico e oração às quartas-feiras à noite.

da Escola Bíblica Dominical e o Jornal Denominacional, os textos devocionais além de ouvir com atenção os hinos<sup>69</sup> (AZEVEDO IB: 2004, 158, 168).

Na análise de Israel Belo de Azevedo então se confirma a tendência da teologia desenvolvida pelos batistas. É autoexplicativa.

A eleição do catolicismo como o maior dos males da nação contra o qual se está em “uma espécie de luta religiosa” fez com que os protestantes se vissem sempre como perseguidos religiosos, isto é, “o verdadeiro cristianismo estava sendo ferozmente perseguido pelo falso” (AZEVEDO IB: 2004, 172).

É possível afirmar que esta luta gerou entre os batistas duas consequências. Primeiro abriu espaço para célebres teólogos cujo principal objetivo era atacar a igreja católica. Israel Belo de Azevedo lista Archimínia Barreto, Rosalino Costa Lima, Delcyr de Souza Lima e Aníbal Pereira dos Reis. (AZEVEDO IB: 2004, 164). Segundo, produziu influência sobre três áreas distintas: na teologia dogmática reafirmou a autoridade da Bíblia, a centralidade de Jesus Cristo e a exclusividade da fé; na ética social resultou na defesa do princípio da separação entre igreja e estado, ou seja, “igreja livre num estado laico”; e na moral de costumes que se resumiu na pedagogia da diferença, isto é, o protestante é aquele que não faz aquilo que o católico faz (AZEVEDO IB: 2004, 172).

Além disso, é importante destacar que esta visão da luta religiosa também pode explicar o “forte espírito denominacionista” que produz divisão entre os próprios protestantes e que gerou por parte especialmente dos batistas, o que Azevedo definiu como “isolacionismo” (AZEVEDO IB: 2004, 173).

Em Israel Belo de Azevedo podemos afirmar que o pastor batista é um homem fortemente influenciado pela teologia calvinista norte-americana, divulgada especialmente de maneira impressa. No entanto, como nos primórdios, adere a algumas proposituras calvinistas e não ao todo. Apesar do forte espírito denominacionista mantém-se um livre pensador. Seus paradigmas são:

É um bíblicista, no “sentido de que compreende como seu método o sistematizar, isto é, colocar em ordem acessível o que já está bem elaborado na revelação neotestamentária”.

---

<sup>69</sup> A análise da teologia protestante dos batistas a partir das suas canções já é comum entre os estudiosos brasileiros, especialmente Rubem Alves e Antônio Gouvêa Mendonça (AZEVEDO: 2004, 171 *in*: nota de rodapé)

É um apologista, no sentido de que apresenta uma verdade supranacional que irá corrigir o erro vigente, ou seja, sua teologia não sofre qualquer interferência cultural.

É um denominacionalista, no sentido que precisa equipar a igreja local através do ensino para que esta venha a multiplicar-se (AZEVEDO IB: 2004, 224)

Devemos fazer uma especial distinção aqui de que o próprio Israel Belo de Azevedo, com sua tese, personifica este livre pensador capaz da revolução, pois propõe uma mudança de paradigma ao modificar o marco fundante dos batistas identificando-o com o meio do movimento separatista inglês do século XVI.

## 5.7 O RETRATO DE IRLAND PEREIRA DE AZEVEDO

### Um olhar bem-sucedido

Coube ao Pastor Irland Pereira de Azevedo<sup>70</sup> a tese “Repensando a Educação Teológica e Ministerial da CBB neste fim de século” (AZEVEDO IP: 1998, 19-32) onde apontou as necessidades e delimitou possibilidades deste repensar da CBB e de seus Seminários, enquanto instituição.

Apesar de Irland Pereira de Azevedo fazer aqui uma análise institucional, tornou-se impossível não esbarrar no assunto dos pastores. Ao iniciar sua reflexão afirma que “é mister conhecer bem o que fazemos, por que fazemos, para que fazemos e ‘como’ fazemos” (AZEVEDO IP: 1998, 19) e por isso a necessidade de incluir os pastores em sua reflexão, pois são eles os principais “fazedores” da denominação e responsáveis por treinar outros “fazedores” na igreja local. Os Seminários e Faculdades Teológicas são os responsáveis por nutrir a denominação de mão de obra.

Neste sentido Irland Pereira de Azevedo destaca a preocupação com o treinamento e qualificação da pessoa integral lembrando que “os objetivos da

---

<sup>70</sup> Pastor Emérito da PIB de São Paulo. Bacharel em Teologia (STB Betel-RJ), Filosofia (UERJ) e Administração Pública (FGV), Doutor em Divindade (FTBSP). Presidiu a OPBB e OPBB-SP. Presidiu a CBERJ, CBESP e CBB. Foi membro do Conselho Geral da CBB e da ABM Aliança Batista Mundial. É Presidente Emérito da CBB. O livro “REGA, Lourenço Stelio (*org*). **Paulo e sua Teologia**. 2ª Ed. São Paulo: Vida, 2009” é um Festschrift (livro comemorativo) contendo uma coletânea de artigos que homenageiam a contribuição do Pr Irland Pereira de Azevedo ao ministério e magistério por ocasião da outorga do título de Doutor em Divindade pela FTBSP.

formação cristã em nossos dias... formação para a plenitude pessoal, procurando conjugar o inteligir e o sentir” e cita Samuel Escobar<sup>71</sup>

Creio que as nossas igrejas evangélicas têm privilegiado a letra, o escrito, a racionalidade, o conceitual, às custas de outras dimensões da pessoa (AZEVEDO IP: 1998, 24)

Ao responder “que resulta do repensar e ‘re-sentir’ a Educação Teológica e Ministerial hoje, no âmbito da CBB?”, Irland Pereira de Azevedo destaca como principal questão a ver com o ministério pastoral a integralidade da pessoa do pastor. Irland Pereira de Azevedo chama a atenção para uma hipertrofia do intelecto num modelo academicista que não valoriza a vida piedosa e de comunhão com Deus e que culmina com o pastor ministrando para uma comunidade e com uma comunidade incapaz de cuidar da pessoa humana em suas diversas dimensões. A mesma preocupação estende-se ao abordar o Corpo Docente (AZEVEDO IP: 1998, 28).

Irland Pereira de Azevedo destaca a necessidade de “oferecer aos vocacionados formação integral” desenvolvendo as “áreas do saber, do conviver, do fazer e do ser” como resposta para o resgate da vida piedosa (AZEVEDO IP: 1998, 30).

Outra questão importante levantada e que mereceu destaque de Irland Pereira de Azevedo diz respeito a urbanização, na qual ele afirma a necessidade de desenvolvimento de uma missiologia urbana diante do fenômeno da urbanização e os problemas relacionados com a missão da igreja na cidade.

As necessidades do homem urbano tornam imperativo o estudo de uma teologia e uma práxis de evangelização compatíveis com os princípios e modelos bíblicos. Isto é, faz-se mister o estudo de missiologia urbana (AZEVEDO IP: 1998, 46)

Irland Pereira de Azevedo se comporta como um arauto ao discernir sinais dos tempos, o espírito da época que já demandava novas posturas e, portanto novos ferramentais em um novo pastor, sendo que a prioridade era o equilíbrio entre o academicismo e as práticas piedosas.

Em Irland Pereira de Azevedo, portanto, o pastor batista é um homem potencialmente dividido. Ele proclama um resgate do equilíbrio entre academicismo

---

<sup>71</sup> ESCOBAR, Samuel. Fundamento Y Finalidade de la Educacion Teologica em America Latina. Trabalho apresentado e reunido num volume a onter palestras e estudos do “Diálogo do Milênio”, promovido pela AETAL, de 25 a 30 de setembro de 1995, em Águas de Lindóia, SP.

e vida piedosa e a urgência do desenvolvimento da pastoral urbana com risco de já estar o pastor experimentando uma dissociação de sua teologia com a contemporaneidade na qual esta ministrando.

## 5.8 O RETRATO DE EBENÉZER SOARES FERREIRA

### Um olhar bem-sucedido

A Ebenézer Soares Ferreira<sup>72</sup> coube discorrer sobre o tema “Repensando a vocação e o preparo teológico do ministério batista e a sua missão para esta época” (FERREIRA: 1998, 141-168). Suas primeiras palavras revelam a preocupação com o descrédito do termo pastor e conseqüentemente do ministério pastoral, não por conta do fenômeno da urbanização, por exemplo, mas por conta de questões éticas, da falta de credibilidade e integridade de pessoas despreparadas e não vocacionadas que tiveram acesso ao título.

No primeiro momento ele se concentra da questão da vocação. Sua resposta a esta preocupante questão se volta para o estudo dos textos bíblicos que revela a visão idealista característica dos batistas e que, portanto, vem ao encontro da DD-CBB. Ele define o que é uma vocação pastoral e quais as características deve exibir um candidato ao ministério pastoral. São destacadas as características pietistas como *sine qua non* para o exercício do ministério. Ou seja, a vocação como um dom e chamado especiais a um homem convertido pelo próprio Deus para pregar a mensagem do evangelho. Chamado que produz profunda convicção, consciência das responsabilidades do ministério e que se manifesta numa vida moral ilibada e na capacitação com as aptidões requeridas para o exercício prático na vida da igreja (FERREIRA: 1998, 142-153).

No segundo momento suas preocupações são com a questão do preparo teológico. Citando James D. Crane, afirma

vivemos numa época explosiva e que aos nosso ouvidos retumbam sete explosões significativas: a explosão atômica, a explosão dos conhecimentos, a explosão demográfica, a explosão das

---

<sup>72</sup> Pastor desde 18 de dezembro de 1952. Pastor Emérito da IB Jardim da Prata RJ. Bacharel em Teologia (STBSB), Direito e Línguas Neolatinas, Mestre em Psicopedagogia. Master of Education e Master of Theology (Southwestern Baptist Theological Seminary-USA). Doutor em Divindade (STBSB), e Ph.D. (American World University, Tese: The Project of the Pedagogical Method of the Master Jesus: The Pedagogy of Love). Foi reitor do STBSB (14 anos). Presidiu a CB Fluminense e a CBB. Atualmente é Reitor do STB Niterói. É Presidente Emérito da CBB.

comunicações, a explosão do nacionalismo, a explosão da violência, a explosão religiosa. A essas, eu acrescentaria mais duas: a explosão tecnológica e a explosão da imoralidade (CRANE, J.D. Dialogo Teologico. p. 13. El Paso. Casa Bautista de Publicaciones. 1972, apud FERREIRA: 1998, 153).

Cada uma das explosões citadas é demonstrada como se constituindo num desafio ao preparo teológico do pastor no sentido de que ele deverá fazer análises e propor respostas ao seu rebanho, a sua comunidade e ao mundo com respeito a cada uma destas questões. Essas respostas deverão ter o equilíbrio entre academicismo e vida piedosa tão caro e reiterado pelos batistas.

De grande utilidade é a cultura. Quando a cultura humanística e teológica estão associadas à cultura espiritual, à piedade, elas então tornam-se em maior bênção... o ministro deve preparar-se o melhor que puder. O Brasil de hoje exige ministros bem preparados (FERREIRA: 1998, 156).

Ebenézer Soares Ferreira propõe que existem elementos que podem contribuir para o preparo mais adequado do pastor que podem ser assim resumidos (FERREIRA: 1998, 156-160):

<b>INSTITUIÇÃO</b>	Deve prover um ambiente sumamente espiritual.
<b>CORPO DOCENTE</b>	Deve ser intelectual, moral e espiritualmente gabaritado.
<b>CURRÍCULO</b>	Deve ser dinâmico acompanhando a evolução pedagógica e sociológica.
<b>CONTEÚDO</b>	Deve ter visão global de todos os conhecimentos e carregar mais, muito mais nas disciplinas bíblicas.

Quadro 11: Elementos para o preparo adequado do pastor

Ebenézer Soares Ferreira não abandona a influência pietista em suas proposituras e ao se encaminhar para suas conclusões alista “perigos que ameaçam o ministro”, que podem ser resumidos em duas questões principais, quais sejam:

Academicismo, isto é, um enclausuramento em seu gabinete e em suas teorias ou teologias que venha a impedi-lo de ver as necessidades a sua volta, quer seja de indivíduos quer sejam estruturais.

Autossuficiência, isto é, uma confiança em sua própria cultura geral, teorias e teologias, que o levem à acomodação ou à rotina que impeça de confiar no Senhor, ou seja, ter uma vida espiritualmente sadia.

A conclusão final de Ebenézer Soares Ferreira é emblemática e ele a intitula de “o supremo ideal para o Brasil”

Já falamos da necessidade de um preparo adequado para o ministro, do ponto de vista da sua cultura humanística e teológica, reformulando currículos, adotando métodos e técnicas modernas de ensino. Mas tudo isso não é completo sem os elementos que agora apontaremos (FERREIRA: 1998, 162).

Por fim, Ebenézer Soares Ferreira conclui que precisamos de homens humildes a fim de que sejam os pastores de incansável consagração, que têm a visão de um mundo perdido e que corajosamente denunciem o pecado e proclamem as soluções do puro evangelho anunciado na imutável Palavra de Deus, a Bíblia. Esses homens, por sua pregação e viver exemplares, serão capazes de fazer transformações estruturais no ambiente social, cultural, econômico e espiritual (FERREIRA: 1998, 162-167). Em suas palavras

Pastores comprometidos com as responsabilidades urgentes não serão homens de gabinete, mas pastores bem integrados em sua comunidade, que usam sua influência, advinda da investidura como Ministro de Cristo, e procuram promover a assistência social, moral, econômica e espiritual, não só ao seu rebanho, mas a todos, a fim de buscar, primeiramente a transformação espiritual, e, em seguida a moral, a social, a econômica e a política, que virão como consequência da espiritual, que é a primordial (FERREIRA: 1998, 167)

Ebenézer Soares Ferreira tem consciência da maneira idealista de suas proposituras e termina “e, por remate, a interrogação de Paulo: ‘E para estas coisas quem é idôneo?’ (2 Co 2.16).

Em Ebenézer Soares Ferreira o pastor batista é um salvador da pátria. O ministério pastoral assume dignidade impar e deve ser correspondido e exercido à altura desse privilégio. Ou seja, o pastor também deve ser uma pessoa digna do ministério pastoral. Exercido com esta dignidade o ministério pastoral será um meio de promoção de mudanças espirituais, morais, sociais e econômicas.

## 5.9 O RETRATO DE RUSSELL PHILIP SHEDD

### Um olhar ministerial

Russell Philip Shedd<sup>73</sup> (SHEDD: 2000), mais conhecido como Dr Shedd, nos oferece um olhar de “pastor, de professor e de erudito”, ou seja, o Dr Shedd tem prestado serviços à igreja brasileira nestas três diferentes funções (PIERATT: 1994, 9). Sua militância no preparo de pastores não se restringiu à sala de aula. Missionário norte-americano, pastor e fundador de igreja local, é autor de diversos livros e proporcionou a tradução de outros tantos através da Editora Vida Nova<sup>74</sup>. Além disso, fez inúmeras conferências pelo Brasil e exterior. Sua influência pode ser considerada marcante entre os batistas brasileiros, mormente no estado de São Paulo, alcançando também outras vertentes do protestantismo brasileiro. Uma amostra desta influência é comprovada em seu curriculum vitae apresentado no livro em sua homenagem, em que aparece sua participação como palestrante em diversos eventos pelo mundo, registrados até o ano de 1994 (PIERATT: 1994, 11-17).

Dentre os diversos livros que escreveu destacamos o título “O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio”<sup>75</sup> por se tratar daquele em que ele trata mais diretamente do ofício pastoral. É possível perceber em diversos de seus livros a maneira didática de escrever expondo o texto bíblico bem como a intenção de preparar o leitor para ser um obreiro fiel e útil para a obra na igreja local. “Seus alunos de hoje e de ontem contam-se aos milhares e ocupam lugares de responsabilidade nas igrejas e nos seminários de todo o Brasil” (PIERATT: 1994, 9).

Apesar de escrever utilizando-se em diversas ocasiões apenas da expressão “líderes da igreja”, Shedd não deixa de destacar a pessoa do Pastor. Sua

---

<sup>73</sup> É Ph.D. em Novo Testamento pela Universidade de Edimburgo, Escócia. Fundou a Edições Vida Nova há 50 anos e atualmente é consultor da Shedd Publicações. Faz parte da Missão Batista Conservadora no Sul do Brasil e trabalha em terras brasileiras desde 1960. Lecionou na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e é aclamado no Brasil e exterior como conferencista, falando em congressos, igrejas, seminários e faculdades de teologia. É autor de vários livros, entre os quais se destacam A justiça social e a interpretação da Bíblia, Disciplina na igreja, A escatologia do Novo Testamento, A solidariedade da raça, Justificação, A oração e o preparo de líderes cristãos, Fundamentos bíblicos da evangelização, Teologia do desperdício, Criação e graça: reflexão sobre as revelações de Deus. Estas obras foram publicadas por Edições Vida Nova ou Shedd Publicações. São da autoria dele os comentários da Bíblia Shedd da Bíblia Vida Nova. É casado com dona Patrícia há 54 anos; tem 5 filhos e 13 netos. In: <http://www.vidanova.com.br/diretoria.asp>. Acesso em 11/11/2014 as 12h33.

<sup>74</sup> A primeira editora evangélica de nível acadêmico no Brasil (PIERATT, 1994, 9)

<sup>75</sup> SHEDD, Russell Philip. O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio. São Paulo: Vida Nova, 2000.

preocupação nas páginas do livro é em afirmar a diferença entre o modelo empresarial em voga naquele momento<sup>76</sup> e o modelo bíblico de liderança.

Ele afirma que está tratando da seleção do “líder da igreja” e que “é sábio que uma igreja procure saber o máximo possível a respeito do pastor convidado para liderá-la” (SHEDD: 2000, 35, 40), ou seja, o livro também trata das qualificações que a igreja deve desejar e esperar do seu pastor, enquanto líder principal, ao mesmo tempo em que o pastor deve perseguir as qualificações alistadas para poder liderar com eficiência e eficácia a igreja local.

Shedd tem um ministério marcado por uma ênfase no serviço. O livro em sua homenagem recebeu o título “Chamado para servir”<sup>77</sup>. Trata-se de uma “tradição europeia de homenagear um estudioso que tenha colaborado com a igreja de sua geração” (PIERATT: 1994, 9). Nela irmãos em Cristo, pastores, eruditos e colegas mostram a gratidão por seu trabalho como servo de Deus. A obra possui ensaios sobre “exegese, teologia, espiritualidade e missões e ministérios”, mostrando a abrangência das atividades de Shedd. Sua influência em âmbito mundial, mas especialmente entre os brasileiros, é destacada em sua biografia (PIERATT: 1994, 19-27).

Como pastor, seu ministério vai desde o pastorado de igrejas, no início de sua carreira, até tornar-se pastor de pastores, viajando de um extremo ao outro do país, fazendo preleções e conferências”... [*o volume em sua homenagem*] foi escrito por causa de sua diligente busca de conhecimento, de sua preocupação ativa com a igreja e de seu domínio da sala de aula e do púlpito (PIERATT: 1994, 9).

Por tudo isso, sua leitura do ministério pastoral não poderia deixar de enxergar o pastor como alguém chamado para servir a Deus na igreja.

Em “O líder que Deus usa” Shedd faz análise de todas as relações entre o líder (pastor), seu Deus e seu ministério. Começando por traçar um perfil do líder que é exigido por Deus e de como se dão as escolhas de Deus, discorre sobre os exemplos práticos e sobre o ensino de Jesus que é o supremo modelo para esse líder. Apresenta então, os traços de caráter que se busca, o que pode impedir ou tornar bem sucedida a liderança e por fim das recompensas desta liderança.

---

<sup>76</sup> O livro “O líder que Deus usa” foi lançado em 2000.

<sup>77</sup> PIERRAT, Alan. Chamado para servir: ensaios em homenagem a Russell Philip Shedd. São Paulo: Vida Nova, 1994.

Em todos estes aspectos Shedd recheia seu texto com exemplos das personagens bíblicas e muitas citações de textos bíblicos a exemplo da hermenêutica batista citada por Israel Belo de Azevedo (AZEVEDO IB: 1996).

Ao pastor batista é apresentado um ideal baseado nos exemplos bíblicos, nos quais são destacadas as virtudes pessoais da santidade, ser cheio do Espírito Santo, sabedoria, fé, amor e servilismo. Jesus é apresentado como exemplo prático deste padrão.

Todos os exemplos de uma boa liderança e dos eventuais fracassos retirados do mundo corporativo ou secular são corroborados com os exemplos das personagens bíblicas ou de heróis da fé na história mais recente da igreja cristã reformada.

Neste sentido observa-se que o pastor batista terá sempre prazer em ser pastor. Shedd cita uma pesquisa do Seminário Fuller a respeito de pastores que se aposentam enquanto ainda têm vitalidade física e lucidez mental.

Eles têm uma perspectiva vitalícia de ministério. Pretendem continuar a ministrar enquanto puderem. Amam o que fazem e nunca escolheriam parar de ministrar. Encaram o ministério como um privilégio (SHEDD: 2000, 34)

Como o objetivo de Shedd é mostrar que há diferença essencial entre o conceito de liderança corporativa e o conceito de liderança bíblica é fundamental entender o tópico no qual trata do caráter deste pastor intitulando de “Servilismo” (SHEDD: 2000, 49-55), ou seja, esta característica representa muito de sua experiência e dá direção ou permeia as suas outras reflexões ao longo do livro. O servilismo pode ser definido como uma atitude de obediência ou um serviço obediente e diligente. Não nos termos de um escravo que não tem opção e está obrigado a obedecer por força de sua condição, mas uma obediência consciente e consentida, como alguém que se faz escravo de livre e espontânea vontade.

Citando o apóstolo Paulo, Shedd afirma que o termo que ele constantemente empregou para si foi “diácono” (servo).

Quando as designações atribuídas aos companheiros de Paulo são verificadas, fica clara a ausência de certos termos, não somente daqueles que mais tarde tornaram-se tradicionais para os líderes da igreja, mas também, os termos que identificam os dons e carismas espirituais especificados por Paulo. Em suas cartas, nenhum de seus companheiros é chamado de profeta, professor ou pastor, muito

menos, ancião ou bispo. As designações mais usadas são, em ordem de frequência decrescente, *sunergos* (cooperador), *adelphos* (irmão), *diaconos* (servo) e *apostolos* (apóstolo)... usa diáconos em próxima relação à “obreiro”... nenhuma função na igreja, sendo ela exaltada, deve ser exercida sem um “espírito de serventia”. Paulo usa o termo *hupereta* (servo, etimologicamente, remador de baixo, em navio a remo, 1 Co 4.1) para enfatizar esta atitude humilde (SHEDD: 2000, 50)

Outra característica de seu texto é que a própria palavra líder encontra-se deslocada. Tem-se a impressão que o título trata-se mais de uma consideração editorial de mercado do que de precisão etimológica ou teológica. Shedd sente a necessidade de desmistificar as ilusões do mundo corporativo no âmbito da igreja, especialmente no exercício do ministério pastoral. Ele entende que “a atitude servil é enraizada em [ou nos] motivos corretos” (SHEDD: 2000, 53) Ele afirma:

Jesus alertou sobre os títulos importantes que os escribas e fariseus apreciam tanto. Nem “mestre”, nem “pai” e nem mesmo “líder” (*kathegetes*) são apropriados para a atitude servil que é essencial à liderança (Mt 23.8-10) (SHEDD: 2000, 53)

O modelo apresentado por Shedd é ainda mais contundente quando fala sobre “mortificação” (SHEDD: 2000, 60-62). Ele apresenta exemplos desta característica que pode ser definida como a capacidade de abrir mão da própria vontade, isto é, a repressão ou refreamento de determinados sentimentos para adaptar-se à vontade de Deus. Seu exemplo mais contundente destaca a veia pietista de George Müller

Que explicação Müller daria para um serviço tão frutífero a Deus e aos necessitados do mundo? Quando perguntaram qual era o segredo: Ele respondeu, abaixando-se... até tocar o chão. ‘foi no dia em que eu morri. Morri totalmente. Morri para George Müller, suas opiniões, preferências, gostos e vontade. Morri para o mundo, sua aprovação ou censura. Morri para a aprovação ou culpa de qualquer um de meus irmãos e amigos; e desde então, eu tenho estudado somente para apresentar-me aprovado por Deus (SHEDD: 2000, 60)

Seus exemplos são radicais. São exemplos extremos porque espera-se uma piedade extrema do pastor, isto é, que seu servilismo e sua mortificação, se necessário for, sejam efetivadas às últimas consequências.

Isso encaixa-se com o que Betty Scott Stam, que juntamente com seu marido, John, foi decapitada pelos comunistas no interior longínquo da China (escrito na Bíblia de Betty Elliot) “Senhor, eu abandono todos os meus planos e propósitos, todos os meus desejos e expectativas e aceito a sua vontade para a minha vida. Eu dou a mim mesma, a minha vida, o meu tudo, completamente a Ti para ser Tua para sempre. Encha-me e manda-me com o Teu

Espírito Santo. Usa-me como Tu queres, manda-me para onde Tu quiseres. Faça o Teu desejo por completo em minha vida a qualquer custo, agora e sempre (SHEDD: 2000, 61-62)

A perspectiva que Shedd tem em relação ao pastor é bastante exigente, mas ele procura deixar claro que é “apenas” o modelo bíblico. Esse modelo será alcançado quando o desejo humano for morto e submeter-se aos desígnios divinos. Ele entende isso como uma feliz cooperação entre o homem e Deus.

Por fim Shedd afirma que o pastor é alguém que tem prazer em ser assim, em vivenciar a experiência do servilismo e da mortificação, entre outras características essenciais para o exercício do ministério pastoral. Ele diz: “O *hobby* do líder cristão é de deleitar-se no Senhor e de influenciar outros para Deus” (SHEDD: 2000, 122).

Apesar desta visão petista, Shedd exalou outros valores, especialmente sobre os pastores a quem lecionou na FTBSP.

O estilo expositivo de ensino e de pregação do Doutor Shedd moldou toda uma geração de futuros líderes eclesiásticos brasileiros. Ele comenta “os jovens formados de nosso seminário têm uma perspectiva muito diferente daquela da geração mais antiga. Eles são mais abertos, desejam trabalhar com outros grupos evangélicos, são mais flexíveis em estilos de culto...”. Embora não seja o único responsável por essa tendência, Russell Shedd certamente exerceu um papel fundamental (PIERATT: 1994, 25)

Este papel fundamental foi desenvolvido durante longos anos em que lecionou na FTBSP (décadas de 1960 a 1990) recusando convites para voltar e lecionar em importantes Seminários nos EUA por um único entendimento “sou mais útil aqui (no Brasil)”, dizia ele.

Seu exemplo prático sempre foi marcante e dele se destaca: O preparo para lecionar; a sua análise penetrante das Escrituras; o seu espírito humilde; a sua aplicação direta da Palavra de Deus na vida e ministério dos alunos; a sua disposição de ouvir e de verdadeiramente se interessar pelos alunos; e o seu estilo expositivo de ensino e pregação (PIERATT: 1994, 24-25).

Em Russel Philip Shedd o pastor batista é um homem servo de Deus na igreja. Ele conscientemente decidiu submeter-se a Deus abrindo mão de sua própria vontade porque está extasiado com Deus e seus atributos e convencido pelos exemplos dos servos de Deus, na Bíblia e fora dela, que isso é o melhor a ser feito.

Para tanto, sua erudição bíblica e teológica e suas capacitações ministeriais estão à disposição do serviço na igreja.

## 5.10 O RETRATO DE GUILHERME DE AMORIM ÁVILLA GIMENEZ

### Um olhar introspectivo

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez<sup>78</sup> (GIMENEZ: 2002) descreve um pastor Batista em meio a crises. Uma vez que a perspectiva de sua pesquisa é sobre as crises do ministério pastoral encontramos sinais importantes. Sua pesquisa possibilitou definir seis áreas de concentração dos motivadores das crises pelas quais passam o pastor batista contemporâneo a partir da perspectiva dos próprios pastores. Gimenez elencou:

CRISE	CONCENTRAÇÃO
Familiar	Divórcio e da falta de tempo para a família.
Vocacional	Falta de convicção de chamada ao ministério
Liderança da Igreja	Pressão exercida sobre o pastor
Financeira	Baixos salários
Pessoal	Baixa autoestima
Igreja	Pressão para abandonar o ministério

Quadro 12: Crises do Ministério Pastoral

Segundo Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez algumas crises podem ser melhor compreendidas se observarmos que...

Os pastores entrevistados tem um tempo relativamente pequeno de ministério, o que talvez explique o fato de se sentirem pressionados e coagidos pela liderança da igreja e também as dúvidas sobre a chamada ministerial (GIMENEZ: 2002, 91).

Sua pesquisa também possibilitou um retrato que revela um pastor em meio aos desafios de seu tempo. As crises elencadas podem ser encaixadas a partir do contexto contemporâneo, como peças de um quebra-cabeça maior que nos ajudam

<sup>78</sup> É Pastor da IB Betel de Santana e professor da FTBSP. Bacharel em Teologia (STBSB), Mestre em Ciências da Religião (UMESP) e Doutor em Teologia (ITEPAR-PR).

a compreender a pessoa em meio à cena formada. É importante ressaltar que este é um retrato pinçado do início do século 21, mais precisamente em 2002.

Segundo Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez, então, podemos retratar o pastor batista como:

### **EM CRISE COM O TEMPO EM QUE VIVE.**

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez (GIMENEZ: 2002, 108-110) reconhece as transformações que os novos tempos trazem consigo e faz destaque à libertação do passado, à nova identidade cultural, à pluralidade nas mais diferentes potências. Esse tempo é definido como Modernidade, onde se destaca como principal característica justamente o ataque “às imagens estáveis do mundo, os silos da memória coletiva, os filtros que permitem um indivíduo sentir-se à vontade em sua própria casa” (ORO: 1997, 29).

Neste sentido o pastor batista é alguém que se encontra num conflito macro com o mundo, mas também em perspectiva micro com sua estrutura organizacional centenária quer seja na igreja local quer seja no âmbito da denominação. Também um conflito teológico no qual as respostas teológicas aos conflitos da vida baseadas no landmarkismo já não dão conta da realidade plural em que vive. Conforme Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez esse tempo exige-lhe uma “série de novas posturas” diante da “libertação do homem do controle religioso, a ruptura de todos os mitos sobrenaturais e símbolos sagrados” (COX: 1971, 12). Bonhoeffer identifica esta época como “amadurecimento do homem” (BONHOEFFER: 2001, 74). Diante disso, podemos afirmar que o pastor batista passa por uma fase de amadurecimento através da crise, o que é reconhecido pelos próprios pastores que participaram da pesquisa (GIMENEZ: 2002, 98-104).

### **CANSADO PSICOLÓGICAMENTE**

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez (GIMENEZ: 2002, 111-112) atribui às pressões do novo tempo o cansaço psicológico que se apresenta de “forma não concreta, abstrata, ampla, difusa, obscura, sem referência clara e precisa” e por uma ausência de sentido de vida associada à baixa autoestima e a falta de convicção de

chamada diagnosticados em sua pesquisa, que conforme já comentado pode estar ligado também à faixa etária e pouco tempo de carreira ministerial dos entrevistados.

No entanto, podemos considerar que a pesquisa realizada num período em que se desenvolveu exponencialmente a ideia do Movimento de Crescimento da Igreja diagnostica um pastor cansado pela busca de métodos de crescimento de igreja e dos insucessos daí decorrentes, o que explicaria o seu vazio existencial enquanto pastor. Atribua-se a esses fatores a falta de um profundo conhecimento teológico que pudesse gerar um senso crítico mais apurado diante do mercado religioso do período.

## **ANSIOSO**

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez (GIMENEZ: 2002, 114-115), citando Rojas<sup>79</sup>, afirma que

“Se essa ansiedade é de fato alguma coisa concreta então podemos defini-la como antecipação do pior. Nela o presente está cheio de um futuro incerto, temeroso e carregado de maus presságios. Isto conduz a um estado de alerta, de espreita, com uma atenção sempre ansiosa” (GIMENEZ: 2002, 114).

As expectativas da liderança e da igreja como um todo são um fator de pressão constante sobre o pastor. Pesa ainda sobre ele as próprias expectativas a respeito de si mesmo tendo como referência a própria doutrina em que crê<sup>80</sup>. Ele é uma pessoa especialmente separa por Deus para o exercício deste ministério. No entanto atua num contexto urbano contemporâneo no qual as pessoas são caracteristicamente arredias à fé institucionalizada (LIBÂNIO: 2002, 177-197). É neste contexto que se espera que pastor e igreja sejam eficazes no crescimento e no aconselhamento. Essa ambiguidade explica em parte a característica ansiosa do exercício do ministério pastoral batista.

---

<sup>79</sup> ROJAS, Enrique. O Homem Moderno. Págs. 92-93. São Paulo: Editora Mandarim, 1996.

<sup>80</sup> Conforme a Declaração Doutrinária da CBB “Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o seu reino, na medida dos talentos e dos dons concedidos pelo Espírito Santo. Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial, para o serviço distinto, definido e singular do ministério da sua palavra”

In: [http://batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15&Itemid=15&limitstart=7](http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15&limitstart=7)

## CONVIVENDO COM O DESPREZO PELO RELIGIOSO

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez (GIMENEZ: 2002, 115-119) afirma que a contemporaneidade tornou o exercício do ministério pastoral dispensável. Diante da realidade atual, Cox afirma:

O mundo atenta cada vez menos para as regras e rituais religiosos em busca da sua moralidade ou do seu sentido. Para algumas pessoas, a religião propicia um passatempo construtivo, para outras, um sinal de identificação nacional ou étnica, e ainda outras, um deleite estético. Para um numero cada vez menor, propicia um sistema inclusivo e imponente de valores e explicações pessoais e cósmicas (COX: 1971, 14)

Diante deste cenário, pode-se questionar qual o lugar ou a relevância do ministério pastoral. Também depreender a baixa autoestima além da necessidade da busca por um discurso relevante diante da contemporaneidade. Gimenez afirma que o que justificará o exercício do ministério pastoral não será sua aceitação pela sociedade ou contexto, mas a convicção de sua vocação.

Cox ainda adverte para outro fator, ou seja, a necessidade de se envolver nesta realidade e não de tentar exorcizá-la...

O esforço de forçar os movimentos seculares e políticos do nosso tempo a serem 'religiosos' para nos sentirmos justificados por nos agarrarmos à nossa religião, é, no final das contas, uma batalha perdida. A secularização vai à frente, e se quisermos entendimento e comunicação com a era presente devemos aprender a amá-la em sua incessante secularidade. Devemos aprender, como disse Bonhoeffer, a falar de Deus de uma forma secular e a encontrar uma interpretação não religiosa dos conceitos bíblicos. De nada valerá o apego às nossas versões religiosas e metafísicas do cristianismo, na vã esperança de que um dia a religião ou a metafísica reconquistem, mais uma vez, a sua centralidade (COX: 1971, 14)

Em Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez, o pastor batista é um homem em crise. Isto é, sua teologia precisa aprofundar-se e se adequar e responder às novas demandas das questões da modernidade, ou seja, as pressões da urbanização e da pluralidade ética e religiosa trazidas com ela.

Enquanto pessoa humana, precisa de amadurecimento, de fortalecimento psicológico e mental em sua autoestima para enfrentar a perda de relevância da religião e conseqüentemente a perda de valor de seu papel enquanto ator social.

Enquanto teólogo, seu conteúdo e discurso precisam ser reorganizados para se adequar às novas demandas e alcançar significado e significação diante de seu público.

## 5.11 O RETRATO DE JORGE SCHÜTZ DIAS

### Um olhar urbano

O Pastor Jorge Schütz Dias<sup>81</sup> (DIAS: 2005, 15-33) apresenta em seu texto o fenômeno da urbanização como grande desafio para o ministério pastoral, uma vez que conforme suas palavras

É necessário que se aponte, como advertência, o fator de risco para a igreja urbana o estabelecimento de um diálogo com o cidadão na tentativa de reconfigurar sua presença e atuação na cidade. A igreja precisará mudar. (DIAS: 2005, 23)

A Igreja mudando por conta do contexto em que agora está, do povo que agora deve acolher, também precisará de um pastor diferente para atender esta nova demanda. Isso significa que os saberes dominados pelos pastores já não poderão ser oferecidos à esta nova igreja que vai se configurando no contexto urbano.

Para responder a este desafio Jorge Schütz Dias se vale de quatro pensadores que apontam diretrizes para nortear os pastores que atuam neste contexto de urbanização.

Conforme John Wesley<sup>82</sup> o ministério pastoral no contexto urbano só será relevante se houver uma revitalização do compromisso de crucificação com Cristo, ou seja, é preciso revisitar o compromisso pietista.

Conforme Geoval Jacinto da Silva<sup>83</sup> o ministério pastoral no contexto urbano só será relevante através de uma práxis que priorize as pessoas e suas necessidades, ou seja, elas precisarão ser abordadas à semelhança de Jesus-Pastor que estava disposto e à disposição para servir-lhes no suprimento de suas necessidades.

Conforme David Bosch<sup>84</sup> o ministério pastoral no contexto urbano só será relevante se houver uma mudança de paradigma da própria igreja, ou seja, ela precisa ser replantada na cidade na perspectiva da Missio Dei.

---

<sup>81</sup> Pastor Batista há mais de trinta anos. Teólogo (SBTBS), Mestre e Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Professor de EaD da FATEO.

<sup>82</sup> WESLEY, João. *Sermões*. [notas introdutórias, esboços e perguntas pelo Rev. William Harrison. Tradução Nicodemus Nunes]. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

<sup>83</sup> SILVA, Geoval Jacinto da. *Desafios do ministério pastoral em uma sociedade em processo de globalização*. Livro do Congresso Dialogar, pg. 38.

<sup>84</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. São Leopoldo, Sinodal, 2002.

Conforme Casiano Florístan<sup>85</sup> o ministério pastoral no contexto urbano só será relevante se reconhecer a complexidade e o caos instalado neste contexto e optar pela construção de caminhos conjuntos de simplicidade em meio ao caos.

Jorge Schütz Dias faz propostas para a pastoral urbana o que nos permite inferir a respeito do pastor que será o principal fomentador e agente desta pastoral, ou seja, propõe um pastor que compreenda e assuma o retorno ao princípio distintivo dos batistas da igreja como uma comunidade local e autônoma ao afirmar a necessidade do “reconhecimento da comunidade residente em torno do local físico em que instala seu patrimônio” ao mesmo tempo que “considera a história da comunidade denominada igreja, conforme suas vivências e conformação social e religiosa”, ou seja, uma imersão história e social em seu contexto. Além disso, a necessidade, enquanto pastor, de entender-se pertencente ao local onde está em todas as suas carências e vulnerabilidades. Também apresentar a capacidade de dialogar com outros modelos dos quais possa aprender (DIAS: 2012, 120-123).

Além disso, Jorge Schütz Dias reafirma a ideia de que o pastor possa ser o ator principal na promoção de mudanças espirituais, morais, sociais e econômicas enquanto líder da ação da igreja, e que essa ação afinal possa ter o propósito final a salvação das pessoas ao estilo dos batistas.

E, finalmente, dialoga-se com os mecanismos públicos e privados disponíveis, visando a um entrelaçamento de ações que venham a elevar a qualidade de vida da população, promovendo a transformação do homem em ser humano, de excluído em cidadão, de religioso em piedoso, de indigente em gente, de perdido em salvo (DIAS: 2012, 120).

Em Jorge Schütz Dias o pastor batista é um homem que precisa se reinventar. O fenômeno da urbanização exige-lhe isso, e só respondendo adequadamente aos seus desafios, isto é, através de uma imersão histórica social e vivencial é que manterá a sua mensagem e a dinâmica do ministério pastoral, coerentes e relevantes.

---

<sup>85</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Teología Práctica*. Salamanca. Ediciones Sígueme, 2002.

## 5.12 O RETRATO DE JULIO DE OLIVEIRA SANCHES

### Um olhar idealista

O Pr Julio de Oliveira Sanches<sup>86</sup> (SANCHES: 2009, 145-156) assume a responsabilidade de comentar o capítulo 11 – Ministério da Palavra da Declaração Doutrinária da CBB (DD-CBB). Ele desenvolve seu raciocínio ao longo de onze páginas sem usar ou citar qualquer referencial teórico além da própria Bíblia, numa típica atitude batista brasileira (AZEVEDO IB: 2004, 224).

Seguindo a ordem das afirmações da DD-CBB, os textos bíblicos correlatos são comentados a fim de formar o pensamento bíblico que dá base a essas afirmações. Isto vai ao encontro do princípio distintivo adotado pelos batistas de que “a Bíblia é a única regra de fé e prática”. No entanto, é através de algumas frases conclusivas que é possível verificar o imaginário coletivo denominacional por um ideal bíblico sem qualquer atualização cultural.

Para o autor todo cristão, mas especialmente o pastor, deverá compreender que a sua existência deverá ser vivida para a glória de Deus com alegria e dedicação exclusiva, uma vez que “somos redimidos, restaurados e desafiados a assumir o projeto inicial do Senhor”. Ele diz:

Claro está que entre todos os salvos chamados pela graça, capacitados com dons específicos para servir o desiderato divino, algumas pessoas recebem capacitação para compartilhar as verdades divinas a outros. Paulo os chama de cooperadores de Deus (SANCHES: 2009, 146).

### ALTO GRAU DE EXCELÊNCIA

Segundo Júlio de Oliveira Sanches o ministério pastoral ou ministério da palavra deve ser exercido com um alto grau de excelência por causa do exemplo de “dignidade e singeleza” de Jesus Cristo, o sumo pastor, e de quem todos os pastores são subpastores. Também com um alto grau de satisfação motivada por “resultados que adentram a eternidade”...

Isto faz do ministro um servo que se compraz em servir sempre, cuja recompensa está no serviço prestado e nas bênçãos que proporciona aos outros... não há como arrefecer o ânimo daqueles

---

<sup>86</sup> Bacharel em Teologia e em Direito. Pastor há mais de quarenta anos. Foi professor e capelão no Colégio Batista de Belo Horizonte e no Seminário Teológico Batista Mineiro. Tem sido membro do Conselho da CBB. Foi membro da Junta Administrativa do Seminário Batista do Sul do Brasil (apresentação do livro). Foi presidente da CBESP e professor da Faculdade Teológica Batista de Campinas.

que desempenham tão sagrado mister. Haja vista o auxílio, dinâmica e ação progressiva do ministério do Espírito Santo. Essas verdades servem para equiparar os arautos de todos os tempos como pregadores das verdades divinas (SANCHES: 2009, 150)

### **ALTO GRAU DE COMPETENCIA**

Outro aspecto relevante destacado pelo autor é o alto grau de competência, isto é, ele é habilidoso no traquejo das atividades práticas ministeriais, no relacionamento com seu rebanho, no relacionamento com o povo de modo geral e na capacidade de liderar a igreja dentro das demandas da contemporaneidade. Ele diz:

O verdadeiro ministro conhece o seu campo de ação... a dignidade do ministério da Palavra mensura-se, não apenas pela Palavra em si, mas pela saúde do rebanho no seu caminhar diário com o ministrante... Esta aculturação continua necessária nos dias atuais. O ministério da Palavra há que conviver e se adaptar a seu ambiente de ação (SANCHES: 2009, 154)

### **ALTO GRAU DE MATURIDADE**

É importante destacar que o Espírito Santo é citado diversas vezes construindo a ideia de ser verdadeiramente o único e real ator do ministério da palavra. Isto exige um alto grau de maturidade emocional e espiritual do pastor, uma vez que sua vocação e chamada, e todas as suas habilidades, esforços e competências são doações do Espírito Santo. Ou seja, ao mesmo tempo em que ele precisa de dedicação total para exercer seu ministério com excelência diante de Deus e com resultados diante de seu povo, precisa de desprendimento total ao seu ministério, uma vez que o ministério não é seu e nem fruto de suas competências, mas fruto da ação e das escolhas do Espírito Santo. Ele afirma:

O Espírito Santo faz a obra. Usa o pregador. Usa a mensagem e usa o propósito divino... Ninguém melhor do que o Espírito Santo para equipá-lo para execução de tão importante obra (SANCHES: 2009, 151,156).

Em Júlio de Oliveira Sanches o pastor batista é um homem ideal. Excelente em todos os aspectos por causa do modelo ideal que é Jesus Cristo. Excelente na motivação, nas habilidades e na maturidade emocional. É com excelência que ele persegue, alegre e satisfeito, adequar seu caráter ao modelo bíblico. Lutas e dificuldades são citadas *en passant* porque serão certamente superadas com o

auxílio Espírito Santo. No entanto, é um homem que convive com a possibilidade de uma esquizofrenia<sup>87</sup> ministerial, pois todo seu esforço deve ser negado diante da ação do Espírito Santo.

### **5.13 JAZIEL GUERREIRO MARTINS**

#### **Um olhar idealista**

Jaziel Guerreiro Martins<sup>88</sup> (MARTINS: 2009, 95-122) assumiu a incumbência de comentar o capítulo 8 da DD-CBB. Seus comentários ocupam vinte e sete páginas onde há citação de diversos autores como referencial teórico. Sua análise leva em consideração diversos aspectos da igreja, desde a definição do termo, sua natureza, passando pelas figuras bíblicas, sua missão, sua organização, seu sistema de governo e seus oficiais. Este último item é importante para nossa análise, pois o autor referenda a DD-CBB. Ele faz minucioso estudo de cada termo utilizado para a liderança espiritual da igreja e explicitamente afirma a ideia da concentração de funções.

Em o Novo Testamento encontramos três títulos que expressam o ministério pastoral... bispo, presbítero e pastor eram três títulos que ressaltavam três aspectos diferentes de uma mesma função eclesial (MARTINS: 2009, 114-115)

Grosso modo, pode-se dizer que o Bispo, Presbítero e Pastor são prismas diferentes de um mesmo olhar sobre o líder da igreja local. Jaziel Guerreiro Martins afirma que pastor é um termo de ternura, uma vez que a tarefa do ministro de apascentar ou pastorear exige afetividade, renúncia e amor. As atividades pastorais de ministrar no culto divino, por em ordem a adoração, pregar a palavra, administrar as ordenanças<sup>89</sup>, liderar as ações de misericórdia e compaixão, alimentam espiritualmente o rebanho, pois são formas de exortar, advertir, dirigir e consolar a igreja. Os bons pastores são os que imitam, e recebem orientação e inspiração do Bom Pastor.

---

<sup>87</sup> A ideia que nos interessa não diz respeito a uma definição técnica e precisa do campo da Psiquiatria, mas sim a ideia da possibilidade da existência de uma dissociação da ação e do pensamento, conforme <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=esquizofrenia>. Acesso em 11/02/2015 as 19h41.

<sup>88</sup> Pastor, Professor, Escritor e Diretor da Faculdade Teológica Batista do Paraná. Doutor em Ciências da Religião (UMESP).

<sup>89</sup> Na Declaração Doutrinária da CBB Cap. IX – O Batismo e A Ceia do Senhor são admitidos duas ordenanças: o Batismo e a Ceia do Senhor, ambas sem conotação sacramental e onde não se afirma que seja o pastor o oficiante.

O presbítero é termo de dignidade do ofício pastoral adquirida através da vivência e das experiências de vida, o que o capacita para aconselhar ou ajuizar. A espiritualidade de suas decisões promove um ambiente espiritual e alegre na igreja. Presbítero e bispo eram títulos diferentes de um mesmo ofício que com o crescimento das igrejas exigiu esta distinção para facilitar sua administração. Assim o bispo tornou-se gradualmente o presidente do corpo de presbíteros (MARTINS: 1998, 116-118).

As qualidades necessárias para ser um bom pastor na igreja local são “adquiridas” de três maneiras: pelo dom natural, pela graça de Deus e pela preparação ao ministério da palavra. Uma atitude de compaixão conjugada com dons específicos (como governar, fé, ensino e proclamação da palavra de Deus) farão deste homem um bom pastor.

Em Jaziel Guerreiro Martins o pastor batista é super-homem. O consenso doutrinário batista é que o pastor pode, deve ou tem assumido essa tarefa hercúlea de concentrar em si todas as funções alistadas no Novo Testamento, ou seja, de ser bispo, presbítero e pastor. O desempenho com excelência das três funções concomitantemente será a chancela da chamada e vocação divinas, pois que, conta com o auxílio, poder e direção do próprio Espírito Santo que escolheu tal pessoa para o ministério pastoral.

## **5.14 O RETRATO DE GEOVAL JACINTO DA SILVA**

### **Um olhar do outro**

Geoval Jacinto da Silva<sup>90</sup> (SILVA: 2010) é um olhar que vem de fora, um olhar do outro. Ele não é um pastor batista, mas Bispo Emérito da Igreja Metodista do Brasil. Suas pesquisas de pós-doutoramento que deram origem ao livro “Educação Teológica e Pietismo: a influência na formação pastoral no Brasil 1930-1980”, foram realizadas quando ainda era professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Foi professor e orientador de treze alunos do PPG-CdR-UMESP que eram pastores batistas. Em sua análise nos oferece percepções sobre o pastor batista.

---

<sup>90</sup> Bispo Honorário da Igreja Metodista. Teólogo (UMESP-1974), Mestre em Ciências da Religião (Universidad Bíblica Latinoamericana-1978) e Doutor em Teologia Pastoral (Pontifícia Universidade Católica de Salamanca-1988).

Considerando que o período estudado de influência pietista no processo de formação teológica se estende dos anos 1930 a 1980, e que muitos dos formados pelas igrejas de missão nesse período desenvolvem atividades pastorais, intelectuais e acadêmicas nos dias de hoje, o livro ganha atualidade e relevância na área da educação, pela temática abordada, pelo levantamento e sistematização dos documentos históricos e pela análise crítica que perpassa o texto apresentado, do início ao fim (SILVA, G.J.: 2010, orelha 4ª capa)

As percepções de Geoval Jacinto da Silva, que tem prioritariamente a finalidade de fazer análises da prática educacional, nos indicam, portanto, que “tipo” de pastor estava sendo preparado e entregue à denominação no período (1930-1980). Para cada década do período pesquisado foi feita a análise de quatro áreas, a saber: a) formação Pastoral, b) experiência religiosa, c) prática litúrgica, d) uso e estudo da Bíblia - e mais um destaque.

## **ESPIRITUALIDADE E BÍBLIA**

Ao longo da análise percebe-se que o pastor batista é formado sob “uma ênfase de constante espiritualidade”, própria do Pietismo. Essa espiritualidade é entendida pelo domínio da Bíblia, ou seja, sua “formação teológica estava direcionada para o uso da Bíblia como ferramenta para o exercício da vida cristã” que deveria ser ensinada e proclamada nos pequenos grupos de estudos bíblicos e nos cultos públicos (SILVA: 2010, 221). “A Bíblia era o instrumento de estudo e reflexão na vida do Seminário” (SILVA: 2010, 224), portanto, “havia uma preocupação em proporcionar aos seus estudantes uma aproximação e prática do manuseio da Bíblia” (SILVA: 2010, 228).

## **ESPIRITUALIDADE E VIDA**

Essa ênfase no domínio da Bíblia ocorria através das disciplinas que visavam dar este conhecimento instrumental. No entanto, uma ação é levada a cabo visando ultrapassar este estágio de domínio instrumental. Ocorre a instalação de cultos diários nos quais os corpos docente e discente deveriam participar. No culto a centralidade da Bíblia era ensinada e a espiritualidade incentivada a ser um valor. Geoval Jacinto da Silva destaca que “percebe-se que o estudo da Bíblia enfatizava sua aplicação na via pessoal, na pregação e nos estudos bíblicos realizados na comunidade” (SILVA: 2010, 228). Afirma ainda...

Dentro desta perspectiva de que o culto celebrado no contexto da educação teológica proporciona ao estudante uma dimensão de crescimento da fé e é um elemento pedagógico para aquele que vai ao exercício do ministério pastoral, os seminários mantinham vivos os cultos com a participação de todos os membros da comunidade. No Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, o culto era entendido como extensão da vida da Igreja... a vida cúlrica do Seminário não deveria ser um acontecimento isolado na vida do estudante e do professor. Pelo contrário, todos os segmentos da educação teológica deveriam estar determinantemente marcados por forte espiritualidade expressa em todos os atos de vida no cotidiano (SILVA: 2010, 233-234).

## **ESPIRITUALIDADE E ACADEMICISMO**

A partir da década de 1961-1970, internamente, provavelmente por conta da divisão doutrinária e, externamente, por conta da conjuntura sócio-política do Brasil, o STBSB percebe a necessidade de agregar à ênfase no conhecimento bíblico o domínio teológico a fim de dar subsídio aos futuros pastores e capacitá-los a fazer uma leitura de mundo mais contemporânea. Ou seja, “um instrumental bíblico bem relacionado com as demais áreas do saber humano” que deveria ser alcançado através de “uma maior integralização dos conteúdos” (SILVA: 2010, 238). Silva faz destaque a criação da Revista Teológica.

Assim é que o STBSB percebe a “necessidade de adequação dos currículos e programas à realidade brasileira e evangélica” e já em 1966 recebe a recomendação “de estudo da possibilidade da oficialização do Seminário como instituição de ensino superior” (SILVA: 2010, 230-231). Apesar deste avanço “o Seminário não foi abalado por manifestações de grupos que buscavam um projeto de educação teológica mais contextual e envolvido com questões sociais”, isto é, com a Teologia da Libertação no espaço ecumênico e internamente com o chamado evangelho social (SILVA: 2010, 238-239). Certo é que se desenvolveu a ideia de que “a formação bíblica e teológica era considerada indispensável para a formação pastoral” (SILVA: 2010, 237).

## **ESPIRITUALIDADE E MENSAGEM**

A espiritualidade é marcada por uma mensagem espiritual, isto é, no entendimento batista essa mensagem é marcadamente salvacionista. Ou seja, desde os primórdios “a direção da instituição... procurou imprimir a dinâmica de uma

vida marcada por avanços acadêmicos e o desenvolvimento do compromisso evangelístico” (SILVA: 2010, 222). A Revista Teológica primava por artigos sobre homilética, já que a pregação será o principal meio de divulgação da sua mensagem.

“Há que se entender esta ênfase, considerando que o pastor batista devia cultivar o hábito de dominar com segurança a arte da retórica e outras ferramentas para a prática do exercício do ministério pastoral” (SILVA: 2010, 226).

A criação do Centro Acadêmico Dr Shepard tinha como objetivo “desenvolver o elemento discente do Seminário em quatro diferentes fases – cultural, missionária, social e esportiva” (SILVA: 2010, 224), o que revelava uma visão holística, no entanto, sem perder da ênfase evangelística. Tanto é que Silva conclui

“a proposta de educação teológica do Seminário... manteve firme a sua originalidade na formação para o ministério pastoral e para o ministério evangelístico, tendo sempre como princípio de formação teológica o que foi exposto (SILVA: 2010, 239)

Em Geoval Jacinto da Silva o pastor batista é um biblicista, o que define sua hermenêutica. Profundamente influenciado pelo pietismo procura não se descuidar de um conhecimento teológico racionalizado. A ênfase evangelística e a mensagem marcadamente salvacionista e proselitista o faz um exclusivista.

## **5.15 O RETRATO DE LOURENÇO STÉLIO REGA**

### **Um olhar eticista**

O Prof. Lourenço Stélio Rega<sup>91</sup> (REGA: 2014) neste recente artigo busca desenvolver um diálogo dentro da própria denominação através de seu órgão impresso oficial “O Jornal Batista” assinando uma coluna semanal chamada de Observatório Batista.

Neste artigo Lourenço Stélio Rega aponta três fatores desencadeadores de impasses que passam a exigir um novo pastor. São eles: a contemporaneidade, a ética e a liderança.

Segundo Lourenço Stélio Rega o ministério pastoral precisa suplantar um impasse com a contemporaneidade por uma falha em sua formação acadêmica. As instituições de ensino teológico têm focado em preparar o pastor para o papel de

---

<sup>91</sup> Pastor Batista, Bacharel em Teologia, Licenciado em Filosofia, Mestre em Teologia e Educação, Doutor em Ciências da Religião. É Diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

pregador e para as atividades internas da igreja esquecendo-se de que o público do pastor contemporâneo é diverso em muitos aspectos, mas especialmente com uma qualificação educacional de nível superior e com profissionais que exercem sua função num mercado de trabalho competitivo. Pessoas com esse perfil tendem a ser mais críticas, questionadoras e sua realidade complexa exige respostas mais profundas e elaboradas o que, por sua vez, exige também maior conhecimento e um preparo específico para responder à esta realidade. Este descuido no preparo é sintetizado nas palavras de Lourenço Stélio Rega:

... nem sempre [*a instituição de ensino*] acaba cuidando em fornecer-lhe instrumentos eficazes e necessários para capacitá-lo a conseguir transpor o ensino bíblico, teológico e exegético para a prática concreta da vida cotidiana e contemporânea.

Sua preocupação, no entanto, se evidencia na sua atuação na formulação do texto das “Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Teologia”<sup>92</sup> (DCN) em que é afirmada a necessidade de que os cursos de graduação em Teologia não sejam exclusivamente confessionais, mas atendam as características acadêmicas e respeitem o pluralismo típico do ambiente da universidade, a fim de que o egresso seja capaz de atuar na complexidade da sociedade globalizada contemporânea e não apenas dentro dos limites da sua confessionalidade, ou seja, é uma proposta que visa o diálogo ecumênico, inter-religioso, científico e com a sociedade; e finalmente o respeito à pluralidade (Cleto Caliman – PUC-MINAS). Desta forma, o texto advoga a necessidade das instituições terem um “projeto pedagógico consistente com a formação de um cidadão de nível superior” a fim de que os teólogos mesmo diante da diversidade de formação possam conversar com assuntos comuns (Paulo Roberto Wollinger – então Diretor de Resolução do SESu). Esta questão é contemplada pelos núcleos fundamental e interdisciplinar da DCN conforme Lourenço Stelio Rega.

Por outro lado, uma instituição confessional cristã, como no caso desta pesquisa, visa gerar pastores para a igreja local e os projetos denominacionais. Se por um lado o diálogo com a contemporaneidade é garantido, a participação e identidade confessional e a habilitação para a função pastoral é garantida através do Projeto Pedagógico e matriz curricular, que respeitadas a DCN e os Pareceres da Câmara de Educação Superior (CES) define o perfil do egresso, competências e habilidades, conteúdos curriculares, duração do curso, atividades complementares,

---

<sup>92</sup> Parecer CNE/CES nº 60/2014, aprovado em 12/03/2014.

sistema de avaliação, estágio curricular supervisionado e trabalho de conclusão de curso e que é construído coletivamente pelo Colegiado da Instituição<sup>93</sup>. Esta questão é contemplada pelo Núcleo teórico-prático da DCN conforme Lourenço Stelio Rega.

O Prof Lourenço Stelio Rega foi responsável pela articulação com o MEC, via CNE e CES além de responsável pela elaboração da primeira minuta das DCN's dos cursos de Teologia (19/11/2009), participante do subgrupo de trabalho para acompanhar a redação final das DCN's (18/10/2013), bem como o texto final para elaboração do Parecer CNE/CES nº 60/2014. Esta participação mostra a necessidade que o pastor tem de um preparo adequado a fim de atuar com capacitação e autoridade na sociedade.

Lourenço Stelio Rega também afirma que o ministério pastoral precisa suplantar um impasse ético<sup>94</sup> porque só é possível exercer autoridade com credibilidade. O ambiente pós-moderno onde o sujeito subjetivo é senhor de suas escolhas é carente de referenciais exteriores dignos. Apenas a palavra do pastor não é suficiente se ela não vir acompanhada de uma expressão concreta, mensurável e coerente entre o conteúdo de sua mensagem e a vivência prática da sua fé. Lourenço Stelio Rega questiona:

Será que estamos preparando pastores e ministros que exerçam com credibilidade o ministério e, por isso alcancem autoridade? Pastores e líderes que tenham vida exemplar, que saibam gerenciar seus sentimentos, que tenham vida piedosa, mas também que conheçam profundamente a Bíblia, a Teologia e outras áreas do saber que, por isso, saibam interpretar esse mundo caótico e as ideologias que estão em suas entrelinhas.

A análise e questionamento de Lourenço Stelio Rega é especialmente importante por se tratar da voz do Diretor da maior instituição batista de preparo teológico e ministerial do Brasil.

Por fim, Lourenço Stelio Rega assinala que o ministério pastoral precisa suplantar um impasse na liderança. Ainda que alguém diga que o ministério pastoral através da Bíblia nunca tenha recebido sobre si a ideia de liderança nos termos modernos<sup>95</sup>, o que Rega afirma é exatamente a falta desta competência moderna no

<sup>93</sup> Conforme Projeto de Resolução Processo 23001.000088/2010-35 Art. 3º § 2º inciso IV; Art. 6º inciso II, letra K parágrafo único e Art. 7º § 5º e Art. 9º.

<sup>94</sup> Seu interesse especial em questões éticas fica evidenciado em: REGA, Lourenço Stelio. Dando um jeito no jeitinho: como ser ético sem deixar de ser brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. O livro é fruto de sua Dissertação de Mestrado em Teologia pela FTBSP em 1992 conforme prefácio do livro.

<sup>95</sup> O pastor presbiteriano Ricardo Barbosa de Souza desenvolve este questionamento em SOUZA, Ricardo Barbosa de. O Caminho do Coração: ensaios sobre a Trindade e a Espiritualidade Cristã. Curitiba: Editora

exercício do ministério pastoral. Ele afirma que a credibilidade advinda da integridade somada à devida capacitação para entender a contemporaneidade são propulsoras desta liderança que pode manter a igreja no caminho certo. Liderar é manter a igreja no caminho certo. Há uma aproximação entre espiritualidade e vida corporativa. Ele afirma que “tendo líderes deste naipe poderemos recuperar a função profética da igreja neste mundo” e encerra este artigo num apelo a que o ministério pastoral volte “a falar ao coração das pessoas, não apenas ao seu cérebro e cognição”. Um claro apelo pietista.

Em Lourenço Stélio Rega o pastor batista é um referencial. Sua comunidade encontra nele o exemplo e encarnação da sua mensagem. Esta integridade é fonte de sua autoridade pastoral o que lhe permite exercer o ministério pastoral e a liderança do seu rebanho e igreja com segurança e sabedoria, ou seja, capacitação técnica e espiritualidade. Em Rega, como teólogo e livre pensador, há maior preocupação com a confirmação e reafirmação da doutrina e princípios distintivos dos batistas do que com os desafios denominacionais.

## **5.16 O RETRATO DO MANIFESTO**

### **Um olhar divergente**

Um olhar divergente que deve ser considerado e que faz parte do período da segunda geração de pastores é o que pode ser considerado como um caso inusitado. Trata-se da participação de pastores batistas na Conferência do Nordeste realizada de 20 a 29 de julho de 1962 em Recife-PE e patrocinada pela Confederação Evangélica do Brasil (CEB).

... um encontro de âmbito nacional, com a presença 167 participantes de 17 estados do país, representando 14 denominações (igrejas) protestantes e 5 representantes do movimento ecumênico, dos Estados Unidos, México e Uruguai, como observadores. Tratava-se da Conferência do Nordeste, intitulada Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro, promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI), da Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Era a quarta reunião do gênero que se realizava, desde que o Setor fora criado em 1955 (BURITY: 1989, 9)

De igual modo, a publicação do Manifesto dos Ministros Batistas<sup>96</sup> (MM) assinado por mais de 200 pastores<sup>97</sup> da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil<sup>98</sup> n'O Jornal Batista de 14 de setembro de 1963.

Pode-se considerar tanto inusitado - porque os batistas já eram conhecidos como historicamente arredios a posicionamentos político-ideológicos - como contraditório uma vez que, apesar da expectativa histórica, parte destes batistas através do MM deu uma concreta demonstração da maneira como os protestantes liam a realidade brasileira.

Este fato inusitado exemplifica a contradição existente entre os batistas e carece de explicação já que os pastores batistas podem ser descritos como paradoxais, uma vez que convivem com o pensamento *landmarkista*, conservador e fundamentalista e com o pensamento democrático e liberal.

Jorge Pinheiro dos Santos, no capítulo "Salvacionismo ou Evangelho Social?" explica que os primeiros batistas chegaram ao Brasil como imigrantes e não como missionários<sup>99</sup>. Eram senhores de escravos que foram derrotados na Guerra da Secessão americana (1861-1865) e que imigraram para o Brasil por causa da similaridade na utilização legal da mão-de-obra escrava, especialmente na lavoura de algodão. Imigraram porque poderiam reproduzir aqui as duas culturas, nos dois sentidos: a do algodão e a escravagista. Apesar de nem todos os pioneiros serem escravagistas eles o eram em sua maioria.

Logo após esses pioneiros escravagistas chegaram os primeiros missionários enviados pela Junta de Richmond que já entendiam a escravidão como incompatível com a fé cristã. Este entendimento se intensificou entre os missionários e os brasileiros após a abolição de 1888.

---

<sup>96</sup> O Jornal Batista. Ano LXIII. Rio de Janeiro: 14/07/1963.

<sup>97</sup> LESSA, Helcio da Silva. Ação Social. P. 24 (pdf). Rio de Janeiro: 1964. Disponível em: <  
<http://www.scribd.com/doc/32351078/Acao-Social-Crista-Helcio-da-Silva-Lessa> > Acesso em 12 set 2010.  
Citado por RENDERS & LOPES: 2010, 214.

<sup>98</sup> A OMBB foi sucedida pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – OPBB ([www.opbb.org.br](http://www.opbb.org.br))

<sup>99</sup> Citando: PRICE, Donald Edward. "A implantação das Assembleias de Deus no Brasil e dos Batistas Brasileiros: um contraste entre dois modelos missionários. Ano 3, nr. 4, 2º semestre, p. 39. São Paulo: Teologica, 2001.

Os missionários também eram *landmarkistas*<sup>100</sup>, o movimento mais influente entre os batistas norte-americanos e na Junta naquele período, o que explicaria essa vertente conservadora implantada entre os batistas brasileiros.

Ao mesmo tempo, existe uma matriz liberal no pensamento batista brasileiro que remonta às suas origens de “lutas em favor das liberdades civis, democráticas e do cidadão na Inglaterra e nas colônias norte-americanas nos séculos XVII e XVIII”<sup>101</sup>. Ambas as posições foram divulgadas através d’O Jornal Batista<sup>102</sup>, tanto o pensamento conservador e fundamentalista do sul norte-americano quanto o liberalismo inglês que, miscigenados geraram o que se chamou de pensamento liberal-conservador. Essa dialética se estenderia até meados do século XX, possibilitada por quatro hipóteses:

- (1) O desejo das elites liberais do sudeste brasileiro de se aproximarem dos Estados Unidos e de imitarem seu modelo político, econômico e cultural;
- (2) do interesse norte-americano de exercer hegemonia cultural, econômica e política no Brasil;
- (3) do fato de que a maçonaria contribuiu para a implantação dos protestantes no Brasil;
- (4) devido a desestruturação da sociedade brasileira nos últimos trinta anos do século XIX, fato que ofereceu oportunidade a atores sociais internos e externos de minar a ordem econômica, política e social (SANTOS: 2012, 238-241)

O MM revela um grupo de pastores que, diante da conjuntura histórica, caminhou num discurso diferente, se não, contrário ao que se esperava de uma posição hegemônica conservadora-fundamentalista-landmarkista.

Num período político-histórico do Brasil entre as décadas de 1940 a 1960 bastante significativas, ou seja, do pós-guerra até o golpe militar de 1964, a posição histórica dos batistas de “arredios a posicionamentos político-ideológicos” é flagrantemente demolida pelo posicionamento do MM. O discurso salvacionista para “o celeste por vir” é substituído por uma avalanche de interesses e propostas para o aqui e agora, para uma encarnação da mensagem do Evangelho.

O MM teve como antecessor direto o Movimento chamado Diretriz Evangélica. Iniciado em 1949 com corajosa atuação publicou durante vários anos o Jornal Diretriz Evangélica, manteve um programa semanal na Rádio Copacabana e colunas n’O Jornal Batista e na revista paulista Unitas de direção presbiteriana

<sup>100</sup> Doutrina da exclusividade batista em termos de fidelidade neotestamentária (SANTOS: 2012, 240).

<sup>101</sup> Especialmente analisada em AZEVEDO, Israel Belo. A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004.

<sup>102</sup> Órgão Oficial da Convenção Batista Brasileira – CBB.

(FERNANDES, Clemir. O movimento Diretriz Evangélica e a luta pela justiça. In: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/319/o-movimento-diretriz-evangelica-e-a-luta-crista-pela-justica>. Acesso em 11/02/2015 as 19h45). Vários líderes participaram deste movimento: Lauro Bretones, Himain Lacerda, Mário Barreto França, Hécio da Silva Lessa, David Malta Nascimento, Luiz Antonio Curvacho, Alberto Mazzoni de Andrade e outros. O Movimento e seus líderes contribuíram direta e indiretamente na formulação dos princípios e conceitos expostos no MM, inclusive no seu texto final (LOPES: 2012, 222-223).

Carlos Novaes<sup>103</sup> entende que

A melhor definição para o Movimento Diretriz Evangélica... [é] que desejavam anunciar as propostas do reino de Deus de maneira integral, o movimento fez uso de revistas, colunas em jornais, congressos e programas de rádio para iluminar... a ênfase social da pregação cristã. Eles não se contrapunham à mensagem evangelística das igrejas da época. Queriam, no entanto, que ela fosse anunciada em sua inteireza, e não só no formato de um mero apelo conversionista. Defendiam que a mensagem do Evangelho precisava ser levada ao ser humano como um todo (alma, mente e corpo) e à sociedade em todas as suas dimensões (política, econômica e cultural)... Identificamos no Movimento Diretriz Evangélica os principais elementos da pregação do Evangelho — do mesmo Evangelho que já existia antes dos evangelhos, na mensagem do Dêutero-Isaías.

As palavras do próprio Hécio da Silva Lessa numa intervenção nos debates do I Encontro de Líderes da Juventude Batista Latino Americana, realizado em Porto Alegre em maio de 1964, conforme registradas em seu livro, definem suas motivações como o não afastamento da pregação histórica dos batistas, isto é, a ênfase salvacionista, ao mesmo tempo em que agrega propostas concretas de uma participação social como cumprimento e legitimação da própria pregação, ou seja, a efetivação do evangelho.

“Vamos evangelizar, porque para outra coisa não estamos neste mundo, mas cumpramos o que pretendeu o Mestre quando nos mandou fazê-lo. O que estamos querendo não é substituir o que temos feito. Vamos às praças; vamos repetir João 3.16 com toda a vivência. Continuemos a pregar dos púlpitos o mesmo Evangelho que temos pregado. Prossigamos no nosso caminho, mas levemos

---

<sup>103</sup> 1) O Pr Carlos Cesar Peff Novaes, foi sucessor no pastorado titular da Igreja Batista Barão da Taquara no Rio de Janeiro do Pr David Malta Nascimento quando de sua aposentadoria. Na ocasião em que o Pr David recebeu o Título de Pastor Emérito da mesma igreja. 2) Texto extraído do Sermão pregado no culto de celebração a Deus pelos 60 anos do Movimento Diretriz Evangélica e pelos 90 anos do Pr David Malta Nascimento, na capela do Seminário Batista do Sul, Rio de Janeiro, RJ, em 16/06/09. 3) Carlos César Peff Novaes é professor de História do Cristianismo e pastor da Igreja Batista Barão da Taquara, Rio de Janeiro, RJ.

esta responsabilidade de proclamar a mensagem de Cristo e de estabelecer o Reino de Deus, às últimas consequências. Nada mais, nada menos. Não fuçamos à inteireza da responsabilidade que Cristo nos deixou” (LESSA: 1964, 5 .pdf)

A participação social dos batistas, ou seja, seu engajamento através de uma ação efetiva propondo soluções aos problemas sociais e conjunturais esbarra, por vezes, na interpretação que dão ao princípio da “separação entre igreja e estado”. Os batistas esposam essa “separação entre Igreja e Estado” que foi sintetizada ao longo de sua história da seguinte maneira:

Sobre essa relação, os batistas brasileiros fizeram a seguinte síntese: entre “as relações da vida” está a mantida com o Estado. Enquanto igreja, os batistas tem pugnado por absoluta separação do Estado, baseando-se para tanto “no ensino de Nosso Senhor Jesus Cristo – dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” e “o meu Reino não é deste mundo”, etc., e também na História, que aponta as funestas consequências que acarretam a sociedade humana quando qualquer igreja se apoia na forma e no poder e não na veracidade de seus princípios para pregação da sua crença (AZEVEDO IB: 2004, 227)

Apesar desta síntese que caracteriza historicamente a indisposição para posicionamentos político-ideológicos o MM se mostra revolucionário ao entender que há uma necessidade dos Batistas participarem do “processo histórico de nossa nacionalidade” a fim de que o “porvir corresponda os desígnios de Deus para a nossa pátria”.

No texto do MM podem ser destacadas pelo menos cinco características que são influências recebidas do momento histórico a que correspondeu:

- (1) Um clima ideológico fornecido pelo nacionalismo do período.
- (2) Claros paralelos que justificam reformas de base através da modernização num discurso de viés esquerdista.
- (3) Testemunho do movimento de massa tanto na prática sindical quanto na cidadania política.
- (4) Reconhecimento das organizações sindicais como força de pressão política onde os membros da igreja devem participar e influir nas decisões.
- (5) Defesa da regulamentação “cuidadosa” dos direitos dos trabalhadores, sobretudo o direito de greve como instrumento legítimo de reivindicação e preservação de direitos sociais dos trabalhadores.

Como podemos ver, o MM foi um retrato de sua época, de seu contexto e refletiu nas suas linhas o momento revolucionário que o

Brasil vivia, por isso podemos entender melhor sua formação, ou seja, o contexto contribuiu para a formação do texto (LOPES: 2012, 226)

No entanto, sem menosprezar o fator do momento histórico e da influência do contexto, o MM é um documento pastoral, gestado, definido e escrito por pastores que pretendiam transcender o ambiente do gueto denominacional em sua ideologia. Pretendiam uma encarnação da fé, ou seja, buscaram identificação com o momento histórico, através de um equilíbrio que não perdesse de vista nem a pessoa humana, encarnada nos pobres e desvalidos, nem a noção conjuntural dos interesses da pátria e nação. Essa tentativa foi sintetizada na identificação com os movimentos de base sem perder ligação com o movimento histórico batista,

O MM é um documento que buscou ir além da confissão de fé, interessou-se por problemas que estavam fora das paredes de uma igreja, demonstrou percepções que não estão nas agendas eclesiais e apresentou uma visão pastoral preocupada não só com a salvação, mas acima de tudo, com a dignidade e a liberdade humana (LOPES: 2012, 227)

Para tanto, em sua introdução, evocou personalidades batistas ilustres que, com certeza, seriam signatários do MM

Entenderam-no assim também Guilherme Carey, o pai das missões modernas, e corajoso batalhador contra o sistema das castas na Índia, Roger Williams, o pioneiro da liberdade religiosa em nosso continente, Walter Rauschenbusch, o arauto das implicações sociais do Evangelho, Martin Luther King Jr., o campeão da luta pelos direitos da minoria negra oprimida, e tantos outros batistas através dos tempos. (RENDERS & LOPES: 2010, 217, texto do MM)

Também é um documento teológico com uma hermenêutica que foge aos padrões do pensamento conservador-fundamentalista-landmarkista. Um documento do calibre dos signatários, todos intelectuais reconhecidos pelos batistas, que também faz propostas de ações concretas que estariam ligadas as suas bases teológicas. Além de serem capazes de dialogar com as ideias das personalidades citadas, também foram capazes de dialogar com a Teologia da Crise de Karl Barth e ainda fazer propostas concretas de uma ação social cristã. No texto “A Responsabilidade Social dos Batistas no Brasil”, David Malta Nascimento propõe 25 ações práticas,

O livro “Ação Social Cristã” de Hécio da Silva Lessa é uma prova contundente desta característica. Segundo o Pr Clemir Fernandes, o livro é

“corajoso e pioneiro... cuja capa trazia a foto de uma típica favela carioca... tornou-se uma referência por, entre outras contribuições oferecer uma conceituação distinta fundamental do que seja assistência, serviço e ação social” (FERNANDES: 2009)<sup>104</sup>

A conferência apresentada à Junta Executiva da Convenção Batista Brasileira em 7 de abril de 1964, à convite, por David Malta do Nascimento<sup>105</sup> que veio a ser agraciado com o título de Reitor Emérito do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, também corrobora esta característica do grupo de pastores. Ambos os pastores, Hércio e David, faziam parte da Diretoria da OMBB em 1963 e foram signatários do MM.

### Segundo Burity

Essa ideia do papel profético, que significa uma postura crítica diante da autoridade constituída, baseada numa leitura teológica da história e da sociedade introduz uma interpretação política do profetismo, influenciada provavelmente pela “teologia da crise”... Na mesma direção, o exemplo de Cristo é lido numa perspectiva influenciada pelo “Evangelho Social”, de integração dos aspectos material e social à dimensão espiritual do cristianismo, o que destoa da hermenêutica tradicionalmente alegórica e espiritualizante da Bíblia, especialmente do texto citado (Lc 4.16-21) (citado por LOPES: 2010, 228)

No entanto, Burity ainda afirma que, o MM que foi recebido com “alegria por marginais da comunidade protestante” e “dentro da Convenção Batista Brasileira teve quem criticasse... mas também quem o aplaudisse” foi alvo de discussões e debates nos temas que desenvolveu até o Golpe Militar de 1964.

Há um “processo de diferenciação e deslocamento entre a juventude e setores dos seminários teológicos e a cúpula dirigente das igrejas, ou, em termos mais precisos, entre a liderança leiga e o clero, cujas relações serão progressivamente tencionadas até que, no espírito do golpe de abril de 1964, serão expurgados os indesejáveis (LOPES: 2010, 224, 230-231)

A consciência aguçada e a tomada de posição firme geraram pressões, críticas e reações de setores conservadores, tanto entre evangélicos quanto da própria sociedade, já sob o impacto do Golpe de 1964, com a mesma intolerância e perseguição deste, com acusações temerárias como, por exemplo, ser taxados de comunistas.

<sup>104</sup> FERNANDES, Clemir. O Movimento Diretriz Evangélica e a luta cristã pela justiça. In: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/319/o-movimento-diretriz-evangelica-e-a-luta-crista-pela-justica>. Clemir Fernandes é pastor batista e sociólogo, coordenador da Rede Evangélica Nacional de Ação Social – RENAS - Rio de Janeiro. > acesso em 30/10/2014 as 12h15.

<sup>105</sup> In: <http://www.ftlrj.blogspot.com.br/>. Pastor David Malta Nascimento é advogado e Reitor Emérito do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Pastor Emérito da IB Barão da Taquara, ambos no Rio de Janeiro.

Um exemplo desta “consciência e atitude” está na introdução ao texto de David Malta Nascimento, acima referido, proferido uma semana após o Golpe.

[o texto] foi proferido apenas uma semana após o golpe militar que instalou terrível ditadura no país. Nessa conferência de abril de 64, inclusive, o então presidente da Convenção Batista Brasileira concitou todos a orarem “porque Deus tinha dado uma bênção ao Brasil, livrando-o do grande perigo do comunismo”, ocasião em se ouviu um aparte do próprio David Malta: — “Senhor presidente, eu não sei o que está acontecendo no Brasil. Eu não sei se é a mão de Deus. O que eu sei é que as prisões estão cheias, há perseguição por toda parte. Senhor presidente, eu não posso participar dessa oração!”

No MM podemos enxergar o pastor batista como um homem em busca da efetivação da sua fé. Efetivação através da conciliação entre a mensagem salvacionista, característica das igrejas batistas, com a cultura teológica e as demandas da sociedade contemporânea. Entre as convicções pessoais sobre seu chamado, seus pressupostos teológicos e ministeriais e o engajamento aos interesses denominacionais. Um homem em busca de uma fé encarnada em todos os âmbitos do viver humano como a manifestação mais radical, precisa e expressiva da sua fé em seu Senhor Jesus Cristo.

## 5.17 O RETRATO BIOGRÁFICO

### Um olhar romântico

Uma categoria de livros que se observa instalando no mercado editorial brasileiro dá conta das biografias que há desde muito tempo são utilizadas como estímulo e inspiração para os fiéis.

Anteriormente se retratava biografias de vultos da história da igreja ocidental tendo como um clássico o livro “Heróis da Fé”<sup>106</sup> de Orlando Boyer que trata de contar a trajetória de vinte personalidades bem conhecidas no meio protestante brasileiro: Jerônimo Savonarola, Martinho Lutero, John Bunyan, Jonnathan Edwards, John Wesley, Jorge Whitefield, David Brainerd, Guilherme Carey, Christmas Evans, Henrique Martyn, Adoniran Judson, Charles Finney, Jorge Müller, David Livingstone, John Paton. Hudson Taylor, Charles Spurgeon, Pastor HSI, Dwight Lyman Moody e Jonatas Goforth. Interessante e impossível deixar de notar a ausência de João

---

<sup>106</sup> BOYER, Orlando S. Heróis da Fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo. 15ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

Calvino e imaginar que seja porque a editora é de linha arminiana. Mas essa discussão não é o propósito desta pesquisa.

Mais recentemente foram traduzidas e lançadas também biografias de Billy Graham<sup>107</sup>, C.S. Lewis<sup>108</sup> e Dietrich Bonhoeffer<sup>109</sup>, sendo esta última considerada um best-seller pelo New York Times.

Recentemente se constata o aparecimento de biografias de pastores batistas que durante muito tempo exerceram seu ministério de maneira que designaremos de “honrosa”. São considerados dignos de honra por duas razões precípuas: primeira, porque em sua trajetória ministerial revelaram habilidades que trouxeram vitórias sobre desafios inerentes ao ministério pastoral e à liderança da igreja local e da denominação. Segunda, porque em sua trajetória pessoal revelaram um caráter amoroso, irrepreensível e perseverante diante das adversidades que enfrentaram.

A biografia tem um olhar romântico. Segundo Houaiss designamos romântico “quem, nas ideias, no caráter ou no temperamento, revela algo de cavalheiresco, de apaixonado, de nobre, que o eleva acima da realidade prosaica e cotidiana”. É exatamente assim que as personagens biografadas são retratadas. Não sem merecimento com certeza, porque suas virtudes ultrapassaram seus eventuais vícios. São essas virtudes que recebem destaque nas obras biográficas, mantendo eventuais vícios em segundo plano, sendo na maioria das vezes uma forma de homenagem que encontram familiares ou admiradores. Para tanto arcam com os custos da produção dos exemplares. Em alguns casos a homenagem parte da igreja através da edição dos sermões ou em livros comemorativos de jubileus diversos das igrejas. Alguns são homenageados postumamente.

A título de amostragem, pois não se trata de uma pesquisa exaustiva, cabe aqui uma pequena lista de pastores batistas biografados que foi levantada em biblioteca particular, da qual se produz o quadro abaixo. Uma pesquisa específica encontrará um número maior deste tipo de literatura, inclusive com registro de biografias cuja importância tem grande apelo regional ou localizado.

---

<sup>107</sup> GRAHAM, Billy. Billy Graham: uma autobiografia. São Paulo: United Press, 1998.

<sup>108</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

<sup>109</sup> METAXAS, Erich. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião. Tradução Daniel Faria. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

<b>Pr André Peticov</b>	PETICOV, André. <i>Testemunho de um Imigrante</i> . São Paulo: [s/n], 1997
<b>Pr Antonio Bernardo Junior</b>	BERNARDO, Salvi. <i>Sua Fé, Seu Tesouro: testemunhando de Cristo durante 57 anos no púlpito dos templos e na cama-púlpito</i> . Rio de Janeiro: JUERP, 2004
<b>Pr Éber Vasconcelos</b>	VASCONCELOS, Éber. <i>Mensagens Memoráveis: sermões do Pastor Éber Vasconcelos</i> . Depto. de Informação da Igreja Memorial Batista de Brasília. Brasília: [s/n] 2001
<b>Pr Irland Pereira de Azevedo</b>	AZEVEDO, Irland Pereira de. <i>De Pastor para Pastores: um testemunho pessoal</i> . Rio de Janeiro: JUERP, 2001.
<b>Pr João Filson Soren</b>	SOREN, João Filson. <i>Em Memória de Mim</i> . Rio de Janeiro: Convicção, 2008
<b>Pr Jose dos Anjos Hespanhol</b>	HESPANHOL, Helia Giordani. <i>José dos Anjos Hespanhol: uma vida marcante de amor</i> . Rio de Janeiro: [s/n], 2011.
<b>Pr José Vieira Rocha</b>	CRISTIE, Angélica. <i>Um pastor batista com rumo e prumo na Palavra: a trajetória do pastor batista José Vieira Rocha</i> . São Paulo: [s/n], 2014
<b>Pr Salvi Bernardo</b>	_____. <i>Salvi Bernardo: visão e estratégia a serviço do Reino de Deus</i> . São Paulo: CBESP, 1996

---

Quadro 13: Biografias

Na Biografia podemos enxergar o pastor batista como um homem que é “herói da fé”. Ou por suas habilidades e vitórias ou por sua perseverança nas adversidades. Ou seja, no seu ministério e liderança na igreja e na denominação ele é vitorioso por causa de suas competências, que são um favor divino sobre ele. Ou então ele é vitorioso porque em sua trajetória pessoal revelou um caráter amoroso, irrepreensível e perseverante diante das adversidades que enfrentou - o que também é um favor divino.

## 5.18 O RETRATO CONTEMPORÂNEO

### Um olhar sobre a diversidade

Uma importante atividade da pesquisa foi a possibilidade de observar *in locum a performance* de pastores em suas igrejas. As observações foram feitas durante o ano de 2013.

Definimos utilizar como critério para delimitar a nossa pesquisa observar três pastores em suas igrejas. Ainda que nossa pesquisa tenha como foco o ambiente paulistano mais especificamente, definimos observar os três últimos presidentes da CBB, que apesar de não serem do estado de São Paulo são considerados referência para a denominação, e por isso exatamente são eleitos para estes cargos de liderança. Exercem assim, influência que transcende a sua localidade atual e alcança o estado de São Paulo. O Pr Paschoal Piragine Junior é paulistano e teve sua formação teológica na FTBSP.

Essa observação se deu através de cultos disponibilizados na internet, uma vez que a observação *in locum* exigiria deslocamentos para outros estados. Foram escolhidos cultos noturnos onde tradicionalmente há maior frequência tanto de membros quanto de visitantes, o que justificaria a realização de apelos conversionistas. As observações foram realizadas em julho de 2013.

Observamos então em três grandes igrejas batistas brasileiras os mesmos aspectos de culto. Os aspectos observados são os que estão diretamente ligados à pessoa do pastor e sua *performance* durante os cultos, uma vez que os pastores é que são o sujeito desta pesquisa. É importante ressaltar que o culto batista brasileiro, ou cada um dos seus aspectos específicos, carece também de pesquisas específicas<sup>110 111</sup>.

No entanto, levaremos em consideração as tipologias que Paul Basden propõe em seu livro “Estilos de Louvor”<sup>112</sup>. Por dois motivos sua abordagem é

<sup>110</sup> Para uma pesquisa específica sobre o culto batista brasileiro consultar: SOARES, João Marcos Barreto. Transformações no Culto Batista Brasileiro. Uma análise crítica, sob a perspectiva da Teologia Prática, de três modelos de culto desenvolvidos pelas Igrejas Batistas de Vila Mariana, Perdizes e Morumbi, no período de 1975 a 1985. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

<sup>111</sup> Para uma pesquisa sobre a pregação especificamente consultar: ARAKAKI, Ricardo Augusto. Pregação na terra do samba e do futebol: Uma análise sócio-religiosa da prédica protestante de missão e a identidade brasileira. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2012.

<sup>112</sup> Para uma pesquisa sobre os estilos de cultos levaremos em consideração as observações em BASDEN, Paul. Estilos de louvor: descubra a melhor forma de adoração para a sua igreja. Trad. Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

pertinente a esta pesquisa. Primeiro, pela mencionada forte influência norte-americana no ministério pastoral batista brasileiro desde os primórdios até a contemporaneidade e, segundo, pelo fato de ser uma análise de um pastor batista. O que Basden chama de estilos de louvor chamaremos aqui de estilos de culto.

Entre os batistas é possível observar os cinco modelos de culto propostos em Basden que serão aqui descritos para uma melhor compreensão da performance do pastor em sua estrutura. Basden os descreve da seguinte maneira:

O **Culto Litúrgico** é o mais tradicional e reflete um equilíbrio entre contemplação e majestade valorizando a reverência a partir de uma estrutura bem planejada com o propósito de levar a igreja a se curvar ante a glória transcendente de Deus, ou seja, o ponto principal é louvar o poder e a grandeza divina. Neste sentido, a imanência – proximidade de Deus – recebe pouca ênfase (BASDEN: 2000, 45-46). Podemos afirmar que a congregação é mais expectadora e a postura ou performance do pastor, emprestando dignidade à direção do culto e à pregação culta são os pontos a serem destacados.

O **Culto Tradicional** é menos formal que o litúrgico, mas mantém a ênfase na estrutura planejada. Nele predominam a ênfase na gratidão e na pregação, isto é, seu propósito é levar a igreja a reconhecer e agradecer a Deus por sua bondade e ouvir sua voz através da pregação da sua Palavra (BASDEN: 2000, 59). Podemos afirmar que a performance do pastor na pregação de forte conteúdo bíblico-doutrinário é o ponto a ser destacado.

O **Culto Avivado** é caracterizado pela “informalidade, exuberância, entusiasmo e pregação agressiva” a fim de conduzir o pecador à misericórdia de Deus. Seu clima entusiástico atinge diretamente as emoções a fim de que as pessoas “sintam” a presença de Deus. Seu principal objetivo é evangelístico e mantém uma estrutura planejada (BASDEN: 2000, 71). Podemos afirmar que a performance do pastor como evangelista, avaliado pela resposta existencial e imediata dos ouvintes ao seu apelo salvacionista-conversionista é o ponto a ser destacado.

O **Culto Louvor & Adoração**, também chamado de contemporâneo ou ainda carismático é “vivo, informal e com muito som, no qual a congregação busca ativamente a presença imediata de Deus”. Apesar de nesta busca existir a manifestação carismática dos dons, elas não são uma condição *sine qua non*. O

objetivo principal é levar a congregação a oferecer um sacrifício de louvor num clima de alegre adoração (BASDEN: 2000, 81-82). Podemos afirmar que a performance do pastor como pregador será destacada na sua capacidade de fazer sua pregação coerente com o clima do culto, o que pode facilitar a utilização de temas existenciais e de autoajuda.

O **Culto Facilitador** é mais voltado ao “interessado no Evangelho”, ou seja, direciona intencionalmente cada aspecto do culto para a comunicação do Evangelho de uma forma criativa e contemporânea sendo divulgado e popularizado pelo Pr Bill Hylbes da Igreja de Willow Creek em Chicago-EUA . Uma variante desta abordagem é o culto promovido pela Igreja da Comunidade de Saddleback na Califórnia-EUA do Pr Rick Warren que tem um culto que, embora considerado “sensível aos não-cristãos”, se dirige a todos os presentes e tem como objetivo principal “levar os cristãos a adorarem a Deus sem a ‘bagagem cultural’ das formas e linguagens tradicionais”. Na realidade o culto facilitador é um culto evangelístico, breve e alegre, e por isso, extremamente planejado e estruturado para alcançar seu público-alvo: os não-cristãos (BASDEN: 2000, 93-95). Ambos os pastores são amplamente lidos e seguidos por pastores e igrejas no Brasil<sup>113</sup>. Podemos afirmar que a performance do pastor como pregador se dá na sua capacidade de contextualizar sua mensagem, ou seja, comunicar conteúdos bíblicos através de temas contemporâneos e de uma linguagem que insira outros saberes pertinentes à realidade dos não cristãos e que, portanto, criam um ambiente amigável e seguro.

O que se observa entre os batistas é exatamente a mistura de estilos, o que corrobora a propositura de Pierre Sanchis sobre a “bricolagem”. Esta característica tem sua acolhida facilitada pelo princípio de autonomia da igreja local, que é um princípio distintivo dos batistas ao longo dos tempos.

Portanto, em meio aos estilos de culto adotados pelas igrejas e que recebem o aval e direção dos pastores, dois aspectos foram observados e destacados:

Primeiro, a pregação da mensagem bíblica com ênfase salvacionista-conversionista é central e prioritária nos cultos. Esse aspecto se observa através de três situações

---

<sup>113</sup> O modelo ministerial “Rede Ministerial” da igreja de Willow Creek Pr Bill Hylbes e inicialmente divulgado pela IB Central de Fortaleza do Pr Armando Bispo, hoje é divulgado através do Congresso Summit em diversas igrejas pelo Brasil. O modelo ministerial “Igreja com Propósitos” tem como grande divulgador a PIB em São José dos Campos do Pr Carlito Machado Paes através do programa “Igreja Brasileira com propósitos”.

1. O tempo dedicado à pregação chega a ser de mais de 50% do culto,
2. A pregação é disposta na ordem do culto, ou na liturgia, como ápice em que todas as partes antecedem e contribuem para a pregação da mensagem,
3. O tema da pregação faz com que as outras partes do culto, como cânticos congregacionais e participações corais gravitem em torno dela. Verdade é que poderia ser o contrário, e isso ocorre especialmente em meses em que há promoção de campanhas missionárias, quando o tema do culto impõe a ênfase da pregação do pastor,

Esta característica nos remete ao primeiro princípio distintivo dos batistas que diz que “a Bíblia é a única regra de fé e conduta”. A pregação, portanto, precisa ser uma exposição da Bíblia, o que contempla este princípio. A pregação também deve culminar com um apelo salvacionista-conversionista, o que contempla a ênfase e a ligação com os pioneiros.

Segundo, o protagonismo do pastor-pregador que é quem fica em maior evidência durante o culto exatamente por ser o responsável por proferir a pregação que tem aspecto central no culto. Há uma frase atribuída ao Pr Rubens Lopes na qual ele diz que “o púlpito é o apogeu do pastor”.

Além de proferir a pregação o pastor também dirige outras partes do culto. Igrejas consideradas grandes como as que foram observadas costumam ter uma divisão das tarefas do culto com outros membros da equipe ministerial. Invariavelmente o pastor não dirige as partes ligadas à área da música. Nas igrejas consideradas de porte menor costumeiramente o pastor dirige todo culto, excetuando-se as partes ligadas à música.

Isto também poderia revelar certo personalismo, mas que, mesmo que o fosse, iria ao encontro da tese de Israel Belo de Azevedo sobre a formação do pensamento batista brasileiro que dá ênfase na celebração do indivíduo (AZEVEDO, 2004). Isso ocorre não apenas no primeiro momento do apelo salvacionista-conversionista individual, mas posteriormente no *modus operandi* tanto das igrejas quanto dos pastores (vide quadro 5).

Os pastores e igrejas observados foram:

**Pr Luiz Roberto Silvado**, cujo mandato como presidente da CBB foi em 2013-2014. Pastor da Igreja Batista do Bacacheri em Curitiba-PR. Bacharel (STBSB), Mestre e Doutor em Teologia (Southwestern Baptist Theological Seminary in Forth Worth, Texas, EUA). Docente Nacional do Haggai e Professor em diversos seminários teológicos.

**Pr Paschoal Piragine Júnior**, cujo mandato como presidente da CBB foi em 2011-2012. Pastor da Primeira Igreja Batista de Curitiba-PR. Pós-doutorando em Missiologia (PRODOLA). Doutor em Ministério (Faculdade Sul Americana), Bacharel em Teologia (FTBSP). Docente da FTBP. Autor de “Crescimento integral da Igreja” (Ed. Vida). Prêmio Areté 2008.

**Pr Josué Mello Salgado**, cujo mandato como presidente da CBB foi em 2009-2010. Pastor da Igreja Memorial Batista de Brasília-DF. Bacharel (STBNB) e Doutor em Teologia (Universidade de Hamburgo – Alemanha). Professor da Faculdade Teológica Batista de Brasília.

É possível montar o seguinte quadro sobre os cultos observados:

<b>IGREJA</b>			
	IB Bacacheri Pr Luiz Roberto Silvado 14/07/2013 noite <sup>114</sup>	PIB Curitiba Pr Paschoal Piragine Jr 14/07/2013 noite <sup>115</sup>	Memorial de Brasília Pr Josué Mello Salgado 07/07/2013 noite <sup>116</sup>
<b>Pregação</b>	Somente a mensagem de 59min disponibilizada posteriormente	Culto completo de 1h59min 1h05min dedicados à mensagem	Culto completo de 1h35min 30min dedicados à mensagem 25min de Celebração da Ceia
<b>Mensagem</b>	O discípulo usado por Deus	Promessas de Esperança	Auto salvação ou Salvação do alto?
<b>Texto</b>	Atos 10	Zacarias 1.1-6	Gênesis 49.16-18
<b>Apelo</b>	Houve apelo com convite a vir à frente	Houve apelo com convite a vir à frente	Houve apelo sem convite a vir à frente

Quadro 14: Cultos em Igrejas Batistas Brasileiras I (*on line*)

<sup>114</sup> <http://www.ibb.org.br/midia/cultos-gravados/item/194-140713noite>

<sup>115</sup> <http://site.pibcuritiba.org.br/conteudo/item/7369-culto-domingo-manha-140713>

<sup>116</sup> [http://www.imbb.org.br/2012/index.php?option=com\\_content&view=article&id=834:07-07-2013-auto-salva%C3%A7%C3%A3o-ou-salva%C3%A7%C3%A3o-do-alto&catid=32&Itemid=163](http://www.imbb.org.br/2012/index.php?option=com_content&view=article&id=834:07-07-2013-auto-salva%C3%A7%C3%A3o-ou-salva%C3%A7%C3%A3o-do-alto&catid=32&Itemid=163)

Se nesta observação encontramos a maneira hegemônica de atuação dos pastores líderes e de suas igrejas batistas da CBB, precisamos reconhecer que também aqui há uma maneira alternativa de ação ministerial que outros pastores da CBB implementam em suas igrejas. Não é o caso de analisar e discutir esta maneira alternativa, pois não é esse o objetivo desta pesquisa, entendemos ser importante compreender o quadro que nos é pintado por esses pastores e igrejas. Essa observação se deu *in locum* no segundo semestre de 2013.

Observamos então em três grandes igrejas batistas brasileiras no estado de São Paulo, ligadas a CBB, mas que tem uma dinâmica considerada não convencional. Adotam modelos específicos de crescimento de igreja como Visão Celular no modelo dos 12 (IB Vida Nova em Campinas) ou Igreja com Propósito (PIB São José dos Campos) ou ainda fazem a bricolagem (IB Água Branca na Capital). Conforme informado, são igrejas na capital e no interior das quais é possível dizer que não se enquadram no modelo hegemônico institucional.

No entanto, essencialmente eles e elas, pastores e igrejas, mantém vínculo com a denominação histórica, primeiro através da CBB<sup>117</sup>, e mais importante que isso, com os traços essenciais dos batistas como nas igrejas anteriormente observadas, quais sejam:

A pregação da mensagem como prioridade no culto. Observa-se da mesma forma que as partes do culto convergem para o seu tema e ela ocupa a maior parte deste culto. Apesar das três igrejas manterem um mesmo estilo de culto onde há maior incidência dos cânticos congregacionais em detrimento do canto coral ou participações individuais, observa-se, exatamente por conta deste aspecto e até com maior nitidez a questão da centralidade da pregação. É a partir da ênfase da pregação que é possível definir o estilo de culto conforme conceituado por Basden, uma vez que entre os batistas é possível observar todos os estilos e em alguns casos uma mistura deles.

A pregação da mensagem bíblica, ou seja, há uma exposição do texto bíblico com suas implicações e desafios para o indivíduo e para a comunidade. Não cabe aqui analisar a linha hermenêutica dos pregadores, pois não é essa a intenção desta pesquisa, observa-se, no entanto, a linha reformada na exegese do texto bíblico.

---

<sup>117</sup> IBVN > <http://ibvidanova.org.br/historia.htm>, IBAB > <http://ibab.com.br/igreja/quem-somos/> e PIBSJC > [http://pibnet.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33&Itemid=280](http://pibnet.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=280)

A pregação de uma mensagem bíblica e conversionista, ou seja, a pregação tem a intenção de alcançar seu ápice numa decisão existencial e definitiva do indivíduo. Observou-se essa característica no apelo ao final das mensagens para vir à frente, próximo à plataforma ou púlpito, como uma materialização da decisão. O apelo conversionista não fez qualquer menção à salvação eterna ou ideias relacionadas à vida após a morte, conforme ideias de Mendonça em “O celeste porvir” (MENDONÇA: 1995)

Observou-se, no entanto, em pelo menos duas igrejas, que este ato deveria ser entendido como a efetivação da decisão, ou seja, sem o ato de vir à frente não haveria de fato nenhuma decisão e, portanto, não ocorreria qualquer mudança existencial ou em relação ao futuro.

A pregação da mensagem salvacionista foi observada em pelo menos uma igreja. O apelo envolve claramente a decisão em relação à salvação nos moldes observados no livro O Celeste Porvir, isto é, é uma decisão que envolve explicitamente o perdão de pecados e a garantia da eternidade na presença de Deus.

Os pastores e igrejas observados foram:

**Pr Carlito Machado Paes**<sup>118</sup>, Pastor da Primeira Igreja Batista de São José dos Campos, cujo modelo ministerial é o de Igreja com Propósito. Pr Carlito lidera um movimento de Igreja Brasileira com Propósito. O culto é o estilo louvor e adoração.

**Pr Ed René Kivitz**<sup>119</sup>, Pastor da Igreja Batista de Água Branca, Capital. Não assume um modelo ministerial específico e optamos por chamá-lo contemporâneo, o que logicamente o diferencia do modelo conservador. O Pr Ed Rene é engajado na divulgação da Teologia da Missão Integral. O culto é o estilo facilitador.

---

<sup>118</sup> Bacharel e Mestre em Teologia.

<sup>119</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, pastor presidente da Igreja Batista de Água Branca – SP, idealizador do Fórum Cristão de Profissionais. Autor de Vivendo com propósitos, Outra espiritualidade, e O Livro mais mal humorado da Bíblia, publicados pela Editora Mundo Cristão. Casado com Silvia, pai de Fernanda e Vitor, vive atualmente em São Paulo. In: <http://ibab.com.br/igreja/pastores/> . Acesso em 11/11/2014 as 11h08.

**Pr Paulo Rogério Petrizzi**<sup>120</sup>, Pastor da Igreja Batista Vida Nova em Campinas, adota como modelo ministerial “Movimento dos 12” (adaptação do G-12) e dentro desta estrutura é considerado Apóstolo. O culto é o estilo louvor e adoração.

É possível montar o seguinte quadro sobre os cultos observados:

IGREJA			
	IB Vida Nova Pr Paulo Rogério Petrizzi 18/08/2013 noite	PIB S. José dos Campos Pr Carlito Machado Paes - setembro/2013 manhã	IBAB Pr Ed Rene Kivitz 20/10/2103 manhã <sup>121</sup>
<b>Mensagem</b>	O vale da decisão	Promessas de Esperança	A superação da religião
<b>Texto</b>	Joel 3.14	Zacarias 1.1-6	2 Reis 17.24-33
<b>Apelo</b>	Houve apelo com convite a vir à frente	Houve apelo com convite a vir à frente	Houve apelo com convite a vir à frente

QUADRO 15: Cultos em Igrejas Batistas Brasileiras II (*in locum*)

<sup>120</sup> Cristão Evangélico desde 1977. Pastor da Igreja Batista há vinte e seis anos. Líder da Igreja Batista Vida Nova, na cidade de Campinas. Mestre em Teologia e Psicanalista. Casado com Valéria e pai de três filhos. In: <https://www.blogger.com/profile/05613967323798577697>. Acesso em 11/11/2014 as 11h07.

<sup>121</sup> A mensagem é disponibilizada no site <http://ibab.com.br/mensagens/mensagem/a-superacao-da-religiao1>. Acesso em 11/11/2014 as 11h09.

## 5.19 CONCLUSÃO

O exercício da pesquisa bibliográfica é importante porque teve o intento de descobrir, definir e resolver problemas que poderiam não estar suficientemente cristalizados. Suas informações são um reforço que caminha em paralelo às análises feitas. Neste sentido a pesquisa bibliográfica nos permite fazer um retrato mais preciso a partir de diversos ângulos onde os lugares hermenêuticos também se cristalizam.

Designamos “retrato” à pesquisa bibliográfica porque foi nossa intenção enxergar o que já se viu e disse a respeito do pastor batista ao longo da história no Brasil, especialmente pelos próprios batistas.

Também enxergar a visão de autores não batistas - em menor número, no entanto - que nos pudessem fazer ver o que se enxerga de fora ao apresentar um contraponto ou um *feedback* de um expectador.

Cada autor de seu lugar hermenêutico nos informou uma imagem que captou - e dessa forma congelou - a respeito desse pastor. Apresentou um arquétipo. Congelou porque ela tem data e hora marcadas, ou seja, um retrato de um contexto histórico tanto do observador quanto do observado.

A pesquisa bibliográfica, portanto, é mais um passo na tentativa de distanciamento do sujeito da pesquisa em que, ao pesquisarmos sobre “nós”, possamos enxergar várias visões e ouvir várias vozes a dizer quem é e como é esse “nós”.

A exposição bem como a disposição no quadro procura acompanhar a datação dos textos, ou seja, imaginamos o surgimento do texto como produto de uma pesquisa ou uma visão-entendimento que concluiu um ciclo imediatamente anterior ao seu surgimento. Quando necessário por conta do momento analisado, como é o caso do texto de Betty Antunes de Oliveira, a primeira data indicará o período retratado e a segunda data informará a data do surgimento do texto que temos em mãos para a pesquisa. Ao mesmo tempo, passado e presente se misturam, pois um está interpenetrado pelo outro como afirma a sociogênese de Pierra Sanchis.

É possível afirmar sobre o pastor batista, a partir da perspectiva das informações desses autores, que:

Os pressupostos landmarkistas dirigiram as primeiras gerações de pastores definindo-os como homens trabalhadores na causa, cuja produtividade era medida pelo número de tarefas ministeriais realizadas com excelência, especialmente a pregação (OLIVEIRA: 2005). Esse trabalho tinha como moto uma mentalidade pragmática e expansionista em termos sociais e numéricos (MENDONÇA: 1995/2002), que era efetivada através de um discurso salvacionista e de atitude exclusivista e proselitista (PEREIRA: 1982). Eram profundamente influenciados por uma teologia calvinista puritana norte-americana e caracterizados como bíblicistas - especialmente apologistas contra o catolicismo hegemônico - e denominacionalistas (AZEVEDO IB: 1996/2004), características estas que o faziam crer na superioridade de sua doutrina como moto para a evangelização (LANGSTON: 1991). Traziam um legado pietista de busca de conhecimento teológico racionalizado a partir desta hermenêutica bíblica (SILVA: 2010), mas com excelência acadêmica como biblista, condição *sine qua non* para suprir a igreja local de alimento espiritual e liderança através da pregação do púlpito (LANDERS: 1986).

Uma descrição sou dissonante e revelou um movimento crítico interno. A descrição de um pastor em busca de efetivação da sua fé através do engajamento ideológico e da participação social com proposituras para transformações sociais não é a maneira usual pela qual os batistas procuraram combater as injustiças sociais (MM: 1963). No entanto, essa descrição revelava o desafio do pastor batista em adequar-se às demandas da contemporaneidade, especialmente à urbanização, pois têm sido percebidos como homens potencialmente divididos entre academicismo e piedade, e correndo o risco de apresentar um discurso teológico dissociado da realidade (AZEVEDO IP: 1998/2012) o que tornaria sua mensagem e ministério irrelevantes neste contexto (DIAS: 2005).

Subjetivamente, é um homem pressionado por um ideal de dignidade pessoal e ministerial (MARTINS: 2009; SANCHES: 2009), como um referencial ético (REGA: 2014) capaz de promover mudanças espirituais, morais, sociais e econômicas (FERREIRA: 1998) a partir do seu seguimento do modelo que é Jesus.

No entanto, a modernidade e mais especificamente a contemporaneidade com as pressões da urbanização e da pluralidade ética e religiosa fazem-no perder relevância enquanto ator social e o expõe a diversos tipos de crises (familiar, vocacional, com a liderança, financeira, pessoal e com a própria igreja). Isso exige do pastor amadurecimento psicológico e fortalecimento de sua autoestima através

de uma reorganização do conteúdo do seu discurso e de seu *modus operandi* a fim de alcançar significado e significação diante de seu público (GIMENEZ: 2002). Esse amadurecimento que se manifesta pela reorganização do conteúdo de sua mensagem e da sua vida introspectiva se dará através de uma consciência ministerial e disposição de adequar-se à condição de servo de Deus na igreja (SHEDD: 2000).

As biografias reforçam as imagens ideais e como foi dito, são um olhar romântico sobre a realidade.

Podemos afirmar que esse é o arquétipo construído a respeito do pastor batista durante esse período.

<b>Retratista</b>	<b>Visão</b>	<b>Percepção</b>
Betty Antunes de Oliveira	Histórica dos Primórdios (1871-1888) [2005]	Um homem trabalhador na Causa.
Antônio Gouvêa Mendonça & Prócoro Veslasques Filho	Sociológico (1871-1940) [1984/2002]	Um homem de mentalidade expansionista: social e numericamente.
A.B. Langston	Missionário Teológico (1909-1936)	Um homem evangelista por causa da superioridade da sua doutrina. Landmarkista. Ressalta a liberdade do indivíduo.
José dos Reis Pereira	Institucional (1882-1982) [1982]	Um homem evangelista com convicções landmarkistas e discurso salvacionista, proselitista e exclusivista.
John Landers	Acadêmico (1612) [1986]	Um homem que é pregador. Biblista que serve e lidera da igreja através do púlpito.
Israel Belo de Azevedo	Revolucionário (1612-1996) [1996]	Um homem bíblicista, apologista e denominacionalista.
Irland Pereira de Azevedo	Bem sucedido (1998)	Um homem potencialmente dividido em busca do equilíbrio entre academicismo e piedade.
Ebenézer Soares Ferreira	Bem sucedido (1998)	Um homem que é o salvador da pátria. Seu exemplo promove mudanças espirituais, morais, sociais e econômicas.
Russell Philip Shedd	Ministerial (2000)	Um homem que é servo de Deus na Igreja por causa da profunda consciência do Senhorio de Cristo.
Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez	Introspectivo (2002)	Um homem em crise pessoal e teológica com a sua contemporaneidade.
Jorge Schütz Dias	Urbano (2005)	Um homem a se reinventar teológica e ministerialmente diante da urbanização.
Júlio de Oliveira Sanches	Idealista (2009)	Um homem ideal em suas motivações, habilidades e maturidade emocional.
Jaziel Guerreiro Martins	Idealista (2009)	Um super-homem no exercício de suas tarefas ministeriais.
Geoval Jacinto da Silva	Do Outro (1930-1980) (2010)	Um homem bíblicista, evangelista e proselitista.
Lourenço Stélio Rega	Ético (2014)	Um homem que é referencial de autoridade ética.
Manifesto dos Ministros Batistas	Divergente (1945-1963) [1963]	Um homem que busca a efetivação de sua fé nas estruturas da vida humana.
Biografias	Romântico (dvs)	Um homem que é herói da fé. Ou por suas habilidades e vitórias ou por sua perseverança nas adversidades.
Contemporâneo	Diversidade	Um homem que reafirma a individualidade e afirma a diversidade.

Quadro 16: Arquétipos do Pastor batista

## CONCLUSÃO

As considerações finais desta pesquisa visam estabelecer quais são os aspectos que podem ser considerados paradigmas uma vez que traspassaram as três gerações de pastores e que serão considerados como núcleo duro. Visa também observar se eles sofreram transformações por rupturas ou disrupções e como se dá a sua manifestação na atual geração de pastores, ou seja, se o núcleo duro dos paradigmas é capaz de dialogar com a pluralidade de arquétipos da contemporaneidade.

### **6.1 ANÁLISE**

Todas essas informações formam um desenho que vai e volta na história podendo ser um mesmo modelo encontrado em épocas diferentes.

Confesso que o que moveu meu interesse na pesquisa foi a percepção particular de que os pastores batistas e as igrejas batistas contemporâneos estavam em descompasso. Esse era o senso comum.

Uma igreja local desejando um pastor que atendesse as suas expectativas locais, cotidianas e específicas, vivendo num espírito de antanho, de reminiscências rurais, pré-modernas e pré-urbanas. Ao mesmo tempo, em termos de qualificação formal, estavam sendo formados pastores com graduação em Teologia e em outras áreas do saber, mestres e doutores formados sob as regras de excelência do MEC,

expostos às expectativas do ambiente da modernidade e com mentalidade urbana e contemporânea, ou seja, superdimensionados para as expectativas das igrejas.

Quem precisava mudar nesta relação? Precisaria haver mudança? Quem mudou ou estava mudando? Eram perguntas que pululavam a mente. O que trouxe certo alento foi a percepção de que quem mudou foi o mundo e que igrejas e pastores estão num mundo novo. Zygmunt Bauman chamará este mundo novo a que me refiro de modernidade líquida onde todos os valores antes estanques e bem definidos passam a existir em mobilidade e inconstância típicas dos fluídos. Parece o óbvio ululante, mas foi esse *insight* que deu certa direção à pesquisa. Mesmo essa época, marcada pela mobilidade e inconstância, não abriu mão ou não pode viver sem referenciais, e assim a própria “mobilidade e inconstância” assumem papéis de referenciais através dos quais nos situamos no tempo e espaço. Mudar é um referencial. Aliás, Zygmunt Bauman afirma que

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrario, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas (BAUMAN: 2001, 8)

A partir desta percepção elencaremos o que concluímos chamar de paradigmas do ministério pastoral batista ao longo do período pesquisado. Eles se manifestaram sólidos, como um “núcleo duro” que resistiu ao tempo das três gerações, ao mesmo tempo em que mostram características líquidas, pois foram sendo amoldados no tempo através das gerações de pastores que definimos analisar. Eles não terão a mesma forma que os elencados por Israel Belo de Azevedo (AZEVEDO IB: 1996, 291-293) ainda que partam dos mesmos princípios. Ali, Israel Belo de Azevedo descreve-os separadamente da perspectiva da Teologia Prática e da Teologia Pastoral, aqui daremos ênfase de como se efetivaram na práxis social e religiosa do pastor batista, ou seja, a expressão concreta e existencial de sua Teologia Prática e da Teologia Pastoral sendo imediatamente analisados à luz da proposta desta pesquisa que é responder se os paradigmas pastorais batistas sofreram mudança deste os missionários pioneiros até os pastores contemporâneos.

### 6.1.1 PRINCIPIOS DISTINTIVOS

Os Princípios Distintivos (PD) são “um” paradigma, logo, devem ser considerados e analisados como um “conjunto”. Na matemática um conjunto é uma coleção de elementos. Neste caso os PD é o conjunto e cada declaração um elemento da sua coleção. Apesar das divergências históricas sobre quais e quantos são esses princípios, nesta pesquisa seguimos a lista indicada no preâmbulo da DD-CBB<sup>122</sup>.

Se analisados separadamente outras igrejas ou grupos religiosos também afirmarão sua crença e prática em algum elemento dos PD. Na realidade, no contexto do cristianismo e numa linguagem batista, eles são bíblicos antes de serem batistas. O mesmo ocorre com as “*Solas*” da Reforma Protestante<sup>123</sup>. Não podemos afirmar que elas pertençam a uma igreja ou que sejam verdades que pertençam a Reforma Protestante como se o movimento as tivesse finalmente inventado. Antes são princípios ou verdades bíblicas anteriores ao próprio movimento que foram moto do movimento e deram razão à sua existência e que foram resgatados naquele período e por aquela igreja no tempo e espaço. É exatamente um movimento circular.

Os princípios de a) aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta; b) o conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada por pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas; c) a absoluta liberdade de consciência; d) a responsabilidade individual diante de Deus; e) a separação entre igreja e Estado; e f) a autenticidade e apostolicidade das igrejas, acrescidos da g) intensa cooperação ou associação, como mencionados anteriormente no corpo desta pesquisa, formam juntos este modo de pensar que são os paradigmas que fornecem e delimitam a práxis das igrejas batista e de seus pastores. Não passaram a existir, foram inventados ou descobertos pelos batistas; eram anteriores a eles, mas sem dúvida, foram resgatados, unidos e expressos de maneira especial como um conjunto na agenda dos batistas a tal ponto que Langston afirma que “o que distingue os batistas dos outros não são as suas

---

<sup>122</sup> Israel Belo de Azevedo (AZEVEDO: 1996, 226-231) apresenta e discute três listas diferentes: da DD-CBB, do Pr João Filson Soren e do Teólogo E.Y. Mullins. Além disso, John Landers (LANDERS: 1994) apresenta e analisa teologicamente uma quarta lista.

<sup>123</sup> (1) Sola Fide (somente a fé), (2) Sola Scriptura (somente a Escritura), (3) Solus Christus (somente Cristo), (4) Sola Gratia (somente a graça), (5) Soli Deo Gloria (Glória somente a Deus),

doutrinas, mas seus princípios, sobre os quais se fundam as doutrinas” (AZEVEDO IB: 2004, 227)

Estes PD ao mesmo tempo definem e explicam a práxis dos batistas, ou seja, uma teologia bíblicista conversionista que gera uma pregação salvacionista e proselitista com ênfase na mensagem de absoluta liberdade de consciência do indivíduo e a responsabilidade individual perante Deus a partir de uma comunidade local autônoma. Estes princípios remontam a gênese batista no século XVII.

É preciso humildade para compreender e não confundir a história de doutrinas e práticas específicas na história da igreja cristã com a história da própria denominação, como bem salientou Ademir Caitano Alves ao destacar a questão do batismo (ALVES: 2005, 10-11).

O primeiro paradigma então é a compreensão dos princípios distintivos como a) um “conjunto” de valores; b) que são bíblicos; c) que são anteriores ao surgimento histórico dos batistas, e, d) a prática do conjunto deles atesta a existência de uma igreja batista e de um pastor batista com todas as suas consequências e produção de arquétipos.

Este conjunto é percebido como um fio condutor da práxis do pastor batista. Nos retratos feitos ao longo da história, eles definem melhor o pastor batista brasileiro do que as declarações doutrinárias ou confissões, que foram por ele ignoradas em nome do acesso direto à Bíblia (AZEVEDO: 1996, 232), atitude que conduz ao Biblicismo que é o segundo paradigma.

### **6.1.2 BIBLICISMO**

O “Biblicismo” é outro paradigma que percorre a história dos pioneiros até a contemporaneidade. Baseado na interpretação do primeiro elemento dos Princípios Distintivos - a Bíblia como única regra de fé e prática - os pastores batistas desenvolveram e se aplicam a esse biblicismo, que pode ser considerada uma “ferramenta hermenêutica” típica, e pode ser assim descrita:

O Biblicismo batista compreende que tudo que está na Bíblia é verdade e que, portanto, toda verdade de que necessitam já está revelada na Bíblia precisando apenas ser sistematizada a partir dos textos bíblicos elencados que produzem uma

autoconfirmação. A própria DD-CBB é por vezes chamada de “colcha de retalhos” pela profusão de textos bíblicos citados na construção de suas afirmações.

Esta maneira de manusear os textos bíblicos caracteriza um biblicismo supranacional, ou seja, os textos são citados pressupondo uma interpretação literal que não sofre nenhuma interferência cultural. Os textos bíblicos são citados como comprovação da afirmação defendida, o que dá um caráter apologético a esse biblicismo e que nos remete de volta ao primeiro elemento dos princípios distintivos (AZEVEDO IB: 1996, 224).

O biblicismo é uma imbricação dos elementos “Bíblia como regra de fé e prática” e a “liberdade individual”, ou seja, a Bíblia pode e deve ser interpretada pelo indivíduo, uma vez que este foi criado à imagem e semelhança de Deus e, portanto, dotado de todas as capacidades para compreender a vontade de Deus através da sua revelação objetiva, que é a Bíblia. Langston afirma que Deus “dotou o ser humano de suficiente competência para agir por si próprio, em todas as relações da vida” (AZEVEDO IB: 1996, 230). Por isso, o livre exame das Escrituras é o exercício de um privilégio, ou seja, essa competência lhe é inerente, e, portanto, um direito. O livre exame das Escrituras terá seu exercício com responsabilidade ou maturidade percebido na citação generosa de textos bíblicos. Isso caracterizaria seu profundo conhecimento.

### **6.1.3 CONVERSIONISMO**

O conversionismo tem sua manifestação concreta numa pregação que tem a clara intenção de desafiar o ouvinte com um apelo ao final da mensagem a uma decisão existencial e definitiva (MENDONÇA: 1995, 98). Esta é a forma mais imediata e pragmática de verificar a eficácia da pregação, mensagem ou doutrina exposta, dando continuidade assim à mentalidade expansionista que visa alcançar alguns objetivos, quais sejam, ganhar o mundo, fazer crescer a igreja local e definir a hegemonia denominacional no cenário religioso mais amplo.

Neste “conversionismo prático” como já mencionado no corpo desta pesquisa está a crença teológica de um ser humano totalmente caído, isto é, escravizado ao pecado, e que necessita da intervenção da graça divina para restaurá-lo à comunhão com Deus através do sacrifício vicário de Jesus Cristo na cruz do

Calvário, cabendo ainda assim ao indivíduo aceitar ou rejeitar tal oferta de graça divina.

A pregação conversionista batista é o tempo todo efetivação da teoria. Ela funciona na lógica de “convencer o indivíduo de seu pecado, desencadear suas emoções e levá-lo a uma decisão existencial, e por isso, quanto mais dramático o pregador, melhores resultados” (MENDONÇA: 1995, 198).

Ainda existe no paradigma do conversionismo a ideia da superioridade da sua crença ou doutrina batista em relação as demais expressões de fé

## **6.2 IMPACTOS NA CONTEMPORANEIDADE**

### **6.2.1 PRINCIPIOS DISTINTIVOS**

Se os paradigmas são, em alguma medida, uma forma de uniformização, classificar os PD como paradigma soa como uma contradição. Os PD são a garantia da possibilidade de novos paradigmas por ambas as portas, tanto da revolução quanto da disruptura conforme Thomaz Kuhn (KUHN: 2013). A tentativa de congelamento de uma determinada expressão de ser batista “do” tempo e espaço como um paradigma para outras expressões “no” tempo e espaço não procede exatamente porque os PD definem e garantem a existencialidade do ser batista.

Ao constatarmos no período analisado o surgimento de outras convenções batistas e também de outras expressões eclesiais, percebemos tanto a via da revolução quanto a via da disruptura.

Julia Silveira Araújo e Eduardo Refkalefsky afirmam que os batistas têm sido bem sucedidos ao articular forma e conteúdo, isto é, o que dizer e como dizer o Evangelho.

Conforme sua análise, podemos afirmar que a transformação dos paradigmas por revolução se dá, por exemplo, através do sacrifício de conteúdo ou forma, o que vai ao encontro de Thomaz Kuhn, pois algo precisa ser descartado e lançado para longe. Eles citam os casos da Bola de Neve Church (BNC), das Assembleias de Deus (AD) e da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que tem obtido grande crescimento nos últimos anos.

O caso peculiar da BNC... criadora de linguagem e estética inovadoras (com louvores ao ritmo de reggae, uso de surfwear, pregações com vocabulário jovem), cuja originalidade não significou distorção do conteúdo bíblico (a BNC prega a abstinência sexual até o casamento e é contra o homossexualismo, as drogas e o aborto, por exemplo)... embora o conteúdo não tenha sido alterado a forma precisou ser inédita para que os objetivos fossem atingidos (ARAUJO & REFKALEFSKY: 2009, 5-6)

Já as outras igrejas como a AD e a IURD mesmo numa

análise superficial dessas denominações, denota a alteração do conteúdo bíblico... não são portadoras da “ética protestante tradicional” principalmente porque atuam em função da vida presente e não da eternidade... restringem o transcendental e a coletividade (ekléisia) à solução dos problemas individuais. Todas as atividades sociais deixam de ser responsabilidade humana, sendo espiritualizadas. Não há culpas nem méritos humanos... dessa forma, o livre arbítrio humano, princípio fundamental da doutrina protestante desaparece diante das inúmeras “possessões” de “encosto” e da “vontade de Deus” como única lei determinante da história humana... não se preocupam tanto com questões estéticas... mas produziram diversas modificações no conteúdo evangélico original. Embora tenham inegável sucesso precisaram sacrificar o seu conteúdo – livre arbítrio, bíblia como regra de fé e racionalização teológica e comportamental (ARAUJO & REFKALEFSKY: 2009, 5-6)

Já no caso batista, afirmam que a transformação de paradigmas ocorre por disrupturas.

Já no caso da IBB [Igreja Batista Brasileira]... a denominação não alterou o conteúdo nem propôs uma estética completamente nova. Os pastores batistas continuam usando terno (herança da origem norte-americana), os hinos do cantor cristão continuam sendo tocados, o tradicionalismo ainda é visível, as práticas litúrgicas ainda são moderadas, a valorização do trabalho e do estudo e a visão das escrituras como profecia ainda prevalecem. Não foi necessário se transformar ou criar uma nova denominação, nem sacrificar preceitos básicos para crescer. Assim sendo, o como dizer batista precisou ser criativo para atrair brasileiros... sem ir de encontro à sua tradicional comunidade, ou seja, sem recriar o seu perfil e sem alterar os princípios bíblicos (ARAUJO & REFKALEFSKY: 2009, 5-6)

No entanto, os PD são um ambiente propício para a de transformação de paradigmas. Sua lógica interna atua nesta direção e novas configurações de comunidades locais são a concretização dessa lógica: uma bíblia – única regra de fé e conduta (no púlpito) -; um indivíduo - de consciência absolutamente livre (pastor) - e uma comunidade local - de indivíduos livres, responsáveis e iluminados pelo Espírito Santo (igreja) juntos decidem examinar livremente a Bíblia e se autodeterminar conforme as respostas e direções que compreenderam que a Bíblia e o Espírito Santo apresentam aos seus dilemas comunitários específicos na

perspectiva micro, e aos dilemas contemporâneos e urbanos, essa zona de obscuridade, também identificada como sendo sua zona de penumbra ou momento pré-paradigmático, numa perspectiva macro. Isso é profundamente pós-moderno.

Para exemplificar, como esta criatividade se manifesta numa espécie de bricolagem (PIERRE SANCHIS: 1995, 89) num dos cultos das igrejas contemporâneas observou-se que a forma de recepção de novos membros se dá de maneira conservadora, ou seja, pessoas que veem de outra igreja batista identificadas como sendo da mesma “fé e ordem” são recebidas por Carta de Transferência<sup>124</sup>; pessoas que veem de uma igreja não batista, mas batizadas anteriormente por imersão são recebidas por aclamação<sup>125</sup>; pessoas novas convertidas ou que veem de uma igreja que não batiza por imersão são batizadas (ou rebatizadas). Ao mesmo tempo, os batismos são celebrados de forma progressista, ou seja, o discipulador (es) e não o pastor realiza o ato de batismo. No entanto, ambas são as formas – conservadora e progressista - como a comunidade local, democrática e autônoma, sob a liderança de seu pastor decidiu gerir-se.

### 6.2.2 LANDMARKISMO

O Landmarkismo que permeia a história dos batistas e que advoga a superioridade eclesial sobre as demais formas de expressão do cristianismo foi um dos motivos para a evangelização por parte dos pioneiros. Essa teoria, no entanto, está sendo substituída pela posição que advoga seu surgimento entre os separatistas ingleses do século XVII. A exposição à metodologia científico-crítica no ambiente acadêmico pode ser um dos fatores que gera essa mudança, que traz consigo a indagação se não haverá um arrefecimento no fervor evangelístico característico dos batistas.

Como observado, primeiramente, essa transformação de paradigmas se dá especificamente entre as lideranças, especialmente expostas ao ambiente acadêmico e não necessariamente entre a membresia da comunidade local.

Em segundo lugar, Julia Silveira Araújo e Eduardo Refkalefsky analisam o crescimento dos batistas e afirmam que a sua estratégia de propaganda não é

---

<sup>124</sup> Documento que as igrejas batistas trocam entre si definindo a mudança de um fiel de uma igreja para outra.

<sup>125</sup> Manifestação coletiva dos membros da igreja local aprovando a recepção do novo fiel em sua membresia.

“genérica e massiva” através de produções de comunicação ligadas ao rádio, TV, jornais e revistas, pelo contrário, o marketing batista se dá por difusão, no âmbito da oralidade, isto é, o boca-a-boca, o marketing pessoal, ou como identificado pela linguagem evangélica: a evangelização pessoal (ARAUJO & REFKALEFSKY: 2009, 9).

Em terceiro lugar, as campanhas missionárias continuam tendo forte apelo e sendo atendidas pelas comunidades locais. Observa-se também a implantação de estratégia que disponibiliza representantes permanentes das Juntas Missionárias nas convenções estaduais e regionais visando aproximar a instituição da igreja local, o que tem feito que alvos financeiros sejam alcançados e ultrapassados nos últimos anos de campanhas.

Em quarto e último lugar e nem por isso menos importante, pelo contrário, é possível afirmar que o conversionismo, no sentido do cumprimento do “ide” de Jesus (Mateus 28.19-20) é um paradigma estável desde os pioneiros e continua sendo o mote principal para a busca do crescimento entre os batistas.

### **6.2.3 BIBLICISMO**

Os batistas continuam crendo na Bíblia como regra de fé e prática. Orgulham-se de terem sido chamados de “os Bíblias” e de serem identificados no presente como sendo uma “igreja que estuda a Bíblia”. Porém diante do ambiente urbano e plural de tantas possibilidades têm sido desafiados a desenvolver um tipo de acomodação, de criatividade e por fim de bricolagem.

Primeiro, o pastor batista precisa fazer da Bíblia uma agenda e não uma posse, conforme Paul Freston, ou seja, fazer da fé uma construção constante. Ebenézer Soares Ferreira explica ao citar Dr McBeth “a ‘confissão’ afirma o que o grupo de batistas, pequeno ou grande, crê em qualquer tempo e lugar. O ‘credo’ prescreve o que cada membro deve crer. As ‘confissões’ incluem; os ‘credos’ excluem (FERREIRA: 2009, 9). Nesse sentido o biblicismo entre os batistas deverá ser mais propositivo que impositivo numa participação mais efetiva na resolução dos problemas pessoais e sociais circunstanciais. Isto é, será necessário trabalhar a partir do âmbito do real e não do ideal.

Segundo, o pastor batista precisa deixar de ser biblicista e passar a ser biblista por conta desta demanda, e por dois aspectos básicos. Primeiro por conta de

sua ascensão ao ambiente acadêmico que não permitirá a simples citação de textos bíblicos sem um aprofundamento em outros aspectos técnicos, como o estudo das línguas originais do texto sagrado, métodos hermenêuticos, e etc. Segundo pela complexidade da sociedade moderna, urbanizada e globalizada que exige análises e respostas igualmente complexas ou mais elaboradas. Neste sentido, para o pastor batista a educação continuada é um ganho pessoal e denominacional que propicia constante atualização como qualquer outro indivíduo no mercado de trabalho. Assim abre-se um caminho a fim de atender esta demanda da complexidade da contemporaneidade e a pluralidade do ambiente urbano que exige respostas igualmente mais complexas e elaboradas

Terceiro, o pastor batista precisa compreender que este ambiente exige novas formas de aprender e apresentar a mesma mensagem, tanto em termos de conteúdo quanto da linguagem da pregação que deverá dialogar com outros autores e pensadores não bíblicos e fatos contemporâneos. Isso exige criatividade! Neste sentido, o contexto urbano contemporâneo propõe uma agenda de pregação que deverá ser bíblica, isto é, apresentar respostas bíblicas, ou seja, o que a Bíblia tem a dizer sobre este assunto que interessa à contemporaneidade.

Quarto, o pastor batista precisa compreender que a proposta bíblica deverá ser colocada ao lado de outras propostas como num supermercado. O cliente escolhe a que melhor lhe convier com absoluta liberdade de consciência e responsabilidade diante de Deus. É o preço do princípio de absoluta liberdade de consciência do indivíduo em efetivação.

#### **6.2.4 CONVERSIONISMO**

O apelo a uma decisão existencial continua valendo nas igrejas batistas, desde os pioneiros até as igrejas contemporâneas porque sua teologia é conversionista, como foi verificado. Isto levanta questões de como ser conversionista sem ser contraculturalista, exclusivista ou proselitista num ambiente plural. Isso é possível?

De fato, a mensagem conversionista não mais poderá ser proferida nos mesmos moldes dos pioneiros como vimos acima. Os pioneiros tinham uma “pregação salvacionista de viés apologético e proselitista, especialmente contra o catolicismo hegemônico”. O catolicismo já não é hegemônico na mesma proporção.

O mundo mudou e a modernidade e a urbanização, impõem ao conversionismo adaptações, criatividade, bricolagem.

Segundo João Batista Libanio a fé cristã encontra-se no centro de uma crise: o fogo cruzado dos valores e antivalores da modernidade e pós-modernidade. Enquanto a fé é dos valores e se alimenta da estabilidade da tradição, o fato da incerteza e conflituosidade dos valores da cidade questionam a fé. Neste sentido a igreja precisa reevangelizar seus próprios fiéis para viverem em meio a esta crise. Crise se torna oportunidade, visto que “não há vazios de valores. Reina antes uma confusão” cabendo à igreja trabalhar na emancipação do fiel para escolhas profundas que transcendam o aqui e agora (LIBANIO: 2002, 188).

Neste sentido, apelos à conversão assumem tons mais amenos e não tão exclusivistas. Outras vertentes do cristianismo histórico de missão, portanto, são poupadas, enquanto o neopentecostalismo e outras religiões não o são, exatamente porque são incapazes de salvar o ser humano nos moldes do paradigma salvacionista, o que torna a emancipação da pessoa humana por outros caminhos num paliativo.

O salvacionismo é apresentado travestido de um discurso positivista e que às vezes parece flertar com a Teologia da Prosperidade, em que “vir a Jesus” é alcançar “sabedoria na jornada espiritual” e seguir a Jesus passa a ser “o mais fascinante projeto de vida”. Uma vantagem que não envolve, nem de longe o contraculturalismo dos pioneiros. A fé aprende a existir no ambiente urbano, com sua dinâmica, isto é, sua territorialidade, seus horários, seus consumos e etc., mas não permite-se dominar por seus valores. Assim, nesta articulação, continua a ser uma voz profética.

Mas, enquanto num sentido há um sacrifício da mensagem dos pioneiros – salvacionista, apologética, exclusivista e denominacionista – noutra sentença, há uma compensação, pois as novas configurações de igreja, os novos modelos e estratégias de crescimento de igreja atendem exatamente esta ambiência moderna, urbana e pós-moderna.

A metodologia aplicada em algumas igrejas expressa a preocupação de seus pastores e líderes em cumprir “ide” de Jesus, que é o paradigma que moveu os missionários pioneiros. Sua teologia conversionista e sua ênfase na pregação salvacionista reafirmam o paradigma dos missionários pioneiros.

### 6.3 Palavras Finais

O propósito desta pesquisa era identificar e analisar os paradigmas que nortearam a ação dos pastores batistas. Estabelecer a trajetória histórica de seu grupo e os arquétipos desenvolvidos analisando da perspectiva do pastor os pressupostos teóricos e práticos. Observar e comparar com a contemporaneidade e verificar se a transformação de paradigmas e arquétipos se deu como revolução ou disrupturas.

Neste sentido, os pioneiros estabeleceram valores no Brasil que foram estabelecidos nos primórdios dos batistas no século XVII. Os Princípios Distintivos, o Biblicismo e o Salvacionismo, que dão base à doutrina, foram reafirmados e solidificados em sua práxis através da história da igreja e por isso, identificados como paradigmas, que veem sendo transformados através de disrupturas pelas sucessivas gerações de pastores. A possibilidade de estabelecer esta linha histórico-cronológica atesta esta conclusão.

Ao observarmos os arquétipos desenvolvidos é possível perceber que os aspectos destacados sobreviveram ao tempo e espaço se constituindo, como afirmamos, num núcleo duro que expressa crença e modo de ser.

Esse núcleo duro reaparece a cada novo retrato com nuances diferentes. É como se fossem cartas de um baralho que mesmo após serem misturadas reaparecem no jogo.

Os paradigmas elencados são os sólidos, pois resistem ao fluxo e ação do tempo tornando-o irrelevante. Os arquétipos são líquidos, manifestam-se no tempo. São existenciais. É um desafio ao pastor novo equacioná-los nesta igreja de quatrocentos anos.



## BIBLIOGRAFIA

\_\_\_\_\_. **CBB - Livro do Mensageiro: 1995.** Anais da 76ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira em São Luiz - MA. Rio de Janeiro: CBB, 1995.

\_\_\_\_\_. **CBB - Livro do Mensageiro: 1996.** Anais da 77ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira em Natal - RN. Rio de Janeiro: CBB, 1996.

\_\_\_\_\_. **CBB - Livro do Mensageiro: 1997.** Anais da 78ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira em Salvador - BA. Rio de Janeiro: CBB, 1997.

\_\_\_\_\_. **Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.** Elaborada por um grupo de trabalho e aprovada na 67ª Assembleia da CBB. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Doutrina do Espírito Santo: parecer da comissão dos treze.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963.

\_\_\_\_\_. **Fé para Hoje: Confissão de Fé Batista de 1689.** 1ª. ed. em português. São José dos Campos: Editora Fiel, 1991.

\_\_\_\_\_. **Livro do Jubileu de Prata da OPBESP: 1967.** Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo. São Paulo: OPBESP, 1967.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **A secularização do Ocidente: o declínio e o reavivamento da religião na modernidade e seus reflexos no Brasil.** Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. Orientadora Dra Sandra Duarte de Souza. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

ALONSO, Leandro Seawright. **Subversão Religiosa, Poder e Experiência Pentecostal na Biblioteca do Seminário: a formação das redes de poder.** Pg. 123-206. In: SANTOS, Jorge Pinheiro dos & OLIVEIRA, Marcelo dos Santos (*orgs*). Os Batistas – Controvérsias e vocação para a intolerância. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves. **O Povo Livre do Senhor: liberdade de consciência e instituição religiosa, tensões e contradições ocorridas na denominação batista.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Etienne Alfred Higuét. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

ALVES, Ademir Caitano. **As competências no Ensino Teológico: uma análise pedagógico-teológica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Jung Mo Sung. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

AMORESE, Rubem Martins. **Icabode: da mente de Cristo à consciência moderna, a pluralização, a privatização e a secularização.** São Paulo: Abba Press, 1998.

ARAKAKI, Ricardo Augusto. **Pregação na Terra do Samba e Futebol: uma análise sócio-religiosa da prédica protestante de missão e a identidade brasileira.**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Geoval Jacinto da Silva. São Bernardo do Campo: UMESP, 2012.

ARAÚJO, Júlia Silveria & REFKALEFSKY, Eduardo. **Comunicação e Contracultura Religiosa: o crescimento da igreja batista no Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. 7 a 9 de maio de 2009. In: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0294-1.pdf>. Rio de Janeiro: Intercom, 2009.

AZEVEDO, Irland Pereira de. **Repensando a Educação Teológica e Ministerial da CBB neste fim de século**. Pág. 19-39. In: FERREIRA, Ebenézer Soares (org). Repensando a Denominação Batista Brasileira: Teses da XII Conferência Teológica – Guarapari: outubro/1996. Rio de Janeiro: ABIBET, 1998.

AZEVEDO, Irland Pereira de. **De Pastor para Pastores: um testemunho pessoal**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

AZEVEDO, Irland Pereira de. **Imagens bíblicas do ministério pastoral**. São Paulo: Vida, 2004.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O olhar da Incerteza: critica da cultura contemporânea**, São Paulo: Eclésia, 1998.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

BARRO, Jorge Henrique (org). **O Pastor urbano: dez desafios práticos para um ministério urbano bem sucedido**. 3ª Ed. Londrina: Descoberta Editora, 2008.

BASDEN, Paul. **Estilos de louvor: descubra a melhor forma de adoração para a sua igreja**. Trad. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Trad. Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama/revisão Técnica Luís Cláudio Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BERNARDO, Salovi. **Sua Fé, Seu Tesouro: testemunhando de Cristo durante 57 anos no púlpito dos templos e na cama-púlpito**. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

BOUDON, Raymond e BOURRICAUD, Francois. **Weber**. Verbete in Dicionário Crítico de Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1993.

BURITY, Joanildo Albuquerque. **Os Protestantes e a Revolução Brasileira, 1961-1964: A Conferência do Nordeste**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Orientador Prof. Edward Robinson B. Cavalcanti. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1989.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. - 2ª ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMARA, Uipirangi Franklin da Silva. **Palco, Música e Ilusão. Um recorte histórico-teológico da identidade dos Batistas no Brasil no contexto contemporâneo de pluralidade religiosa**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Etienne Alfred Higuier. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora USP, 1998

CARSON, D. A. **Cristo e Cultura: uma releitura**. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CASIMIRO, Arival Dias. **Transtornos mentais e espiritualidade**. Arival Dias Casimiro & Roseli Gedanke Shavitt. Santa Barbara d'Oeste: Z3 Editora e Livrarias, 2010.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Descubra Agora: a ética dos Profetas para hoje**. São Paulo: Êxodus Editora, 1997.

COX, Harvey. **A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica**. - 2ª Ed. - Trad. Jovelino Pereira Ramos e Myra Ramos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. **Novos Ministros para uma Nova Realidade**. Brasília: Editora Sião, 1987.

DIAS, Jorge Schütz. **Desafios no ministério pastoral no Brasil de hoje**. In: RENDERS, Helmut (org). *Vocação Pastoral em debate*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

DIAS, Jorge Schütz. **As fronteiras da missão urbana**. Pág. 15-34. In: SILVA, Geoval Jacinto da (org). *Itinerário para uma pastoral urbana: ação do povo de Deus na cidade*. Pag. 113-124. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2012.

DIAS, Zwinglio M. **Para que serve a Educação Teológica? Ela é realmente necessária? Notas teológico-pastorais sobre o combate à idolatria das formas doutrinárias**. In: SOUZA, José Carlos de (org) *Educação Teológica no Século 21*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2011.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A Identidade Batista e o “espírito” da Modernidade**. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia, jan-abr, Volume 06. São Leopoldo: EST, 2005.

FERNANDES, Clemir. **O movimento Diretriz Evangélica e a luta pela justiça**. In: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/319/o-movimento-diretriz-evangelica-e-a-luta-crista-pela-justica>. Acesso em 11/02/2015 as 19h45.

FERNANDES, Florestan. **A condição de Sociólogo**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **O perfil do pastor: retrato de corpo inteiro do pastor**. Rio de Janeiro: Ancora D'Alma, 1996.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Historia do Seminário Teológico Batista Fluminense – 35 anos**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1998.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Historia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil – 1908-1998**. FERREIRA, Ebenézer Soares & HALLOCK, Edgar Francis. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1998.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Repensando a Denominação Batista Brasileira: Teses da XII Conferência Teológica em Guarapari/ES (Outubro/1996)**. Rio de Janeiro: ABIBET, 1998.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da Igreja e do Obreiro**. - 12ª Ed. – Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

FERREIRA, Ebenézer Soares (org). **Comentários à Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Tempo de Colheita, 2009.

FERREIRA, João Cesário Leonel (org). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. Trad. Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GERTH, H.H. & WRIGHT MILLS, C. **Introdução**. In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Organização e Introdução: H.H. Gerth e C. Wright Mills, Trad. Waltencir Dutra, Revisão Técnica: Prof. Fernando Henrique Cardoso. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

GIMENEZ, Guilherme de Amorim Ávilla. **A Crise no Ministério Pastoral: uma análise das relações entre a vocação e as crises ministeriais na perspectiva da teologia prática**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Geoval Jacinto da Silva. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2002.

GONÇALVES, Alonso & SILVA, Natanael Gabriel da. **Pastoreio e Compaixão: uma contribuição à pastoral urbana a partir da Teologia Pública**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GROSS, Eduardo. **Considerações sobre a teologia entre os estudos da religião**. Pág. 323-345. In: TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001.

HACKING, Ian. **Ensaio Introdutório**. Pág. 9-47. In: KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeria e Nelson Boeira, 12ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HESPANHOL, Helia Giordani. **José dos Anjos Hespagnol: uma vida marcante de amor**. Rio de Janeiro: [s.n], 2011.

HEWITT, Martin D. **Raízes da Tradição Batista**. São Leopoldo: IEPG/EST, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAPPAUN, Marciano. **A Práxis Social da Igreja: inserção pública transformadora**. Campinas: Editora Batista Independente, 2008.

KIVITZ, Ed René. **A Teologia Prática: modernidade e urbanidade**. Pág. 37-46. In: SILVA, Geoval Jacinto (*org*). Itinerário para uma pastoral urbana: ação do povo de Deus na cidade. 2ª ed. São Bernardo do Campo: UMESP/EDITEO, 2012.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira, 12ª Ed. Série Debate: 115. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6ª Ed. - 5ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

LANGSTON, Alva Bee. **Esboço de Teologia Sistemática**. 10ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991

LANDERS, John Monroe. **Teologia dos Princípios Batistas**. Série Os Batistas - 3ª. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

LÉONARD, Émile-G. **O Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. Trad. Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: Aste, 1963.

LESSA, Hélcio da Silva. **Ação Social Cristã**. Guanabara: Movimento Diretriz Evangélica, 1964.

LIBÂNIO, João Batista. **As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LOPES, José Eduardo. **Bases Históricas do Manifesto dos Ministros Batistas**. Pág. 215-233. In: SANTOS, Jorge Pinheiro dos & OLIVEIRA, Marcelo dos Santos. Os Batistas – Controvérsias e vocação para a intolerância. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

MACRAE, Donald Gunn. **As ideias de Weber**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix/USP, 1975.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre a secularização e a dessecularização**. Trad. Euclides Martins Balancim. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Capítulo 8 – Igreja**. Pag. 95-122. In: FERREIRA, Ebenézer Soares (*org*). Comentários à Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Tempo de Colheita, 2009.

MATOS, Alderi de Souza. **O Protestantismo brasileiro no período republicano**. In [www.mackenzie.br/7071.html](http://www.mackenzie.br/7071.html)

MATURANA ROMENSIN, Humberto. **A ontologia da realidade**. Minas Gerais: Ed. UFMG, 1997.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pendão Real, Aste, IEPG Teologia e Ciências da Religião, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MÍGUEZ, Néstor. **Para além do espírito do império: novas perspectivas em política e religião**. Néstor Míguez, Joerg Rieger & Jung Mo Sung. São Paulo: Paulinas, 2012.

MONDIN, Batista. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

MORIN, Edgar. **O pensamento complexo, um pensamento que pensa**. Págs. 199-213, in *A inteligência da complexidade*. Edgar Morin & Jean-Louis Le Moigne, São Paulo: Peirópolis, 2001.

NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Trad. Jovelino Pereira Ramos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. Trad. Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: IEPG-CR/ASTE, 1992.

NOVAES, Carlos Cesar Peff. **Vocação para a Intolerância: controvérsias e cisões na história dos batistas**. Pág. 9-12. In: SANTOS, Jorge Pinheiro dos & OLIVEIRA, Marcelo dos Santos. *Os Batistas – Controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

NOVAES, Carlos Cesar Peff. **Diretriz Evangélica: movimento cristão pela justiça**. In: <http://ftlrj.blogspot.com.br/2009/06/sermao-do-pr-carlos-cesar-novaes.html>. Acesso em 22/04/2015.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Antônio Teixeira de Albuquerque: Vá ao Arquivo do Exército**. O Jornal Batista, 27.04.13, pág. 10. Rio de Janeiro: OJB, 2003.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

OLIVEIRA, Marcelo dos Santos. **O Marco Inicial: uma análise do registro histórico dos primórdios do trabalho batista no Brasil a partir do método historiográfico de Michel de Certeau**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

OLIVEIRA, Marcelo dos Santos. **Raízes Históricas e Teológicas dos Batistas: de onde viemos?** Pag. 13-50. In: SANTOS, Jorge Pinheiro dos & OLIVEIRA, Marcelo

dos Santos. Os Batistas – Controvérsias e vocação para a intolerância. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **Meditações sobre o Ministério Cristão**. Recife: STBNB Edições, 1999.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **Um Povo Chamado Batista: história e princípios**. 2ª edição revista e corrigida. Recife: Kairós Editora, 2011.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **Princípios e Práticas Batistas: uma abordagem histórica aplicada aos nossos dias**. 4ª edição revista e ampliada. Recife: Kairós Editora, 2014.

ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto (org). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. **A História de um Silêncio: um estudo de caso sobre questões de negritude em uma comunidade batista da periferia da cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Lauri Emílio Wirth. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

PEREIRA, José dos Reis. **A História dos Batistas no Brasil: 1882-1982**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), 1982.

PETICOV, André. **Testemunho de um Imigrante**. São Paulo: [s/n], 1997

PIERATT, Alan (org). **Chamado para Servir: ensaios em homenagem a Russell Philip Shedd**. Trad. Valéria Fontana, Fabiani Silveira Medeiros, Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1994.

PIERRE SANCHIS, Joseph François. **O Campo Religioso será ainda hoje o campo das religiões?** Pág. 81-131. In: HOORNAERT, Eduardo. Historia da Igreja na América Latina e no Caribe: 1945-1995: o debate metodológico / apresentação José Oscar Beozzo. Petrópolis: Vozes, 1995.

PIERRE SANCHIS, Joseph François. **Indivíduo volta a ser o centro do Fenômeno Religioso**. In: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1237/> Entrevista a Priscila Cirino. Boletim Oficial da Universidade Federal de Minas Gerais, Ano 25, nr. 1237, 23/06/1999. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

PIERRE SANCHIS, Joseph François. **Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso**. In: Revista Eletrônica “Ciencias Sociales y Religión”/ “Ciências Sociais e Religião”. Porto Alegre, año 3, n. 3, p. 27-43, oct. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

PIERRE SANCHIS, Joseph François. **Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas**. In: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4586&secao=400](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4586&secao=400). ISSN 1981-8769 (impresso), ISSN 1981-8793 (online). Revista do Instituto Humanitas Unisinos (on line). Ano XII, nr. 400, 27/08/2012. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. **Crescimento Integral da igreja: prática de crescimento em múltiplas dimensões**. São Paulo: Vida, 2006.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e Significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade**. Pág. 7-24. (A) In: Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ, 1981.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Pág. 25-39. (B) In: Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ, 1981.

RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na Idade Mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

REGA, Lourenço Stelio. **Dando um jeito no jeitinho: como ser ético sem deixar de ser brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

REGA, Lourenço Stelio (*org*). **Paulo e sua Teologia**. 2ª Ed. São Paulo: Vida, 2009.

REGA, Lourenço Stelio (*org*). **Quando a teologia faz a diferença: ferramenta para o ministério nos dias de hoje**. São Paulo: Hagnos, 2012.

REGA, Lourenço Stelio. **Precisamos de um novo perfil para o pastorado?** p.15. Rio de Janeiro: O Jornal Batista, 10/08/2014.

RENDERS, Helmut (*org*). **Vocação Pastoral em debate**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

RENDERS, Helmut & LOPES, Nicanor. **Manifesto dos Ministros Batistas do Brasil de 1963: o evangelho social num documento direcionado às igrejas da Convenção Batista Brasileira**. V. 15, n. 2, jul-dez. p. 212-221. São Bernardo do Campo: Revista Caminhando, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANCHES, Julio de Oliveira. **Capítulo 11 – Ministério da Palavra**. Pag. 145-156. In: FERREIRA, Ebenézer Soares (*org*). **Comentários à Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Tempo de Colheita, 2009.

SANTOS, Jorge Pinheiro dos & OLIVEIRA, Marcelo dos Santos. **Os Batistas – Controvérsias e vocação para a intolerância**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SCHALY, Harald. **Estudo do Pacto das Igrejas Batistas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (*org*). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 2ª Ed. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 2005.

SELPH, Robert B. **Os Batistas e a Doutrina da Eleição**. 1ª. ed. em português. São José dos Campos: Editora Fiel, 1990.

SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio**. Trad. Edmilson F. Bizerra. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SILVA, Geoval Jacinto da. **Educação Teológica e Pietismo: a influência na formação pastoral no Brasil 1930-1980**. São Bernardo do Campo: UMESP/Editeo, 2010.

SILVA, Geoval Jacinto da (*org*). **Itinerário para uma pastoral urbana: ação do povo de Deus na cidade**. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2012.

SOARES, João Marcos Barreto. **Transformações no Culto Batista Brasileiro: uma análise crítica sob a perspectiva da Teologia Prática dos modelos de culto desenvolvidos pelas Igrejas Batistas de Vila Mariana, Perdizes e Morumbi no período de 1975 a 1985**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Orientador Dr Geoval Jacinto da Silva. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

SOREN, João Filson. **Em Memória de Mim**. Rio de Janeiro: Convicção, 2008.

SOUSA, Ricardo Barbosa de. **O Caminho do Coração: ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade cristã**. Curitiba: Editora Encontro, 1999.

SOUZA, Darli Alves. **O desencantamento do mundo**. In: Revista Eletrônica "Último Andar": cadernos de pesquisa em ciências da religião / Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, PUC-SP. Ano 1, n. 1, Resenha págs. 155-162. São Paulo: EDUC, 1998.

SOUZA, José Carlos de (*org*). **Educação Teológica no século 21: rumos, perspectivas e visões**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2011.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (*org*). **Pacto e Comunhão: documentos batistas**. Departamento de Comunicação da CBB. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (*org*). **Exame e Consagração ao Ministério Pastoral**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2009.

STOTT, John R.W. **O Perfil do Pregador**. Tradução Glauber Meyer Pinto Ribeiro. 2ª. impressão/Setembro. Recife/São Paulo: Sete/Sepal, 1991.

SUNG, Jung Mo, WIRTH, Lauri Emilio & MÍGUEZ, Néstor. **Missão e Educação Teológica**. São Paulo: ASTE, 2011.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **...Nós, os Batistas...** Tese de Doutorado em História Social. Orientador Dr Jorge César Mota. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Valores Morais e Liberalismo no Protestantismo Batista da Bahia no Século XIX**. Revista Eletrônica Estudos Teológicos Vol.27 nr. 3. São Leopoldo: EST, 1987.

TORBET, Robert G. **Esboço da História dos Baptistas**. Portugal: Edições Vida Nova, 1959.

VASCONCELOS, Éber. **Mensagens Memoráveis: sermões do Pastor Éber Vasconcelos**. Departamento de Informação da Igreja Memorial Batista de Brasília. Brasília: [s/n] 2001.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

VELHO, Gilberto. **O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia**. Pag. 13-21 *In*: VELHO, Gilberto. O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Otavio. **O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais**. Págs. 233-250, in TEIXEIRA, Faustino (org). A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Organização e Introdução: H.H. Gerth e Wrigth Mills, Trad. Waltencir Dutra, Revisão Técnica: Prof. Fernando Henrique Cardoso. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão Técnica Gabriel Cohn. Brasília/DF: Editora UnB, 1991.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. M. Irene de Q.F. Szmrecsányi, Tamás J.M.K. Szmrecsányi - 2ª Ed. Revisada – (1ª reimpressão da 2ª ed. rev. 2001). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

WILDER, John B. **O Jovem Pastor**. Tradução de Judite Brice. 2ª. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.